

SANDY PACHECO DOS REIS

**VIOLÊNCIA ENTRE PARES NO CONTEXTO
ESCOLAR (*BULLYING*) – ESTUDO
COMPARATIVO**

Orientadora: Professora Doutora Fátima Gameiro

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração**

**Lisboa
2015**

SANDY PACHECO DOS REIS

**VIOLÊNCIA ENTRE PARES NO CONTEXTO
ESCOLAR (*BULLYING*) – ESTUDO
COMPARATIVO**

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do Grau de Mestrado em Riscos e Violência(s) na Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 14 de Março de 2016, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº38/2016, de 28 de Janeiro de 2016, com a seguinte composição:

Presidente:

Professora Doutora Marlene Rodrigues

Arguente:

Professora Doutora Beatriz Rosa

Orientadora:

Professora Doutora Fátima Gameiro

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Lisboa

2015

Dedicatória

Para os meus queridos pais, por todo o
acompanhamento e amor incondicional.

Agradecimentos

Após esta longa caminhada, pelo ensino académico, não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que contribuíram para a minha chegada até esta etapa.

Antes de mais, quero agradecer à minha família, principalmente aos meus pais e irmã, pelo apoio incondicional e pela força transmitida com o intuito de continuar e concluir o curso.

Um agradecimento especial à Professora Doutora Fátima Gameiro, minha orientadora, que me acompanhou e contribuiu para a realização de todo este processo investigativo. Agradecer inclusive a todos os professores do Mestrado de Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais, pelo seu contributo, principalmente à Professora Doutora Marlene Rodrigues e à Professora Mestre Hélia Bracons, que me receberam da melhor forma e ajudaram na minha integração e adaptação à universidade e ao curso, bem como contribuíram para a minha aprendizagem e ampliação dos meus conhecimentos científicos, através dos seus contributos, cooperando na execução do meu percurso académico.

Igualmente importante, quero agradecer à Direção Regional de Educação que permitiu a realização da minha investigação, bem como às escolas, incluindo os encarregados de educação pela autorização, e os alunos entrevistados, por colaborarem livremente para o meu estudo.

Quero ainda agradecer às minhas colegas de curso pelo acompanhamento e troca de conhecimentos e experiências, a nível académico como pessoal, bem como aos colegas de casa em Lisboa que ajudaram na minha adaptação à cidade.

A todos, um muito obrigada.

Resumo

A presente dissertação pretende compreender a violência entre pares no contexto escolar, mais precisamente os comportamentos de *bullying* por parte de oito agressores, sendo um estudo comparativo, realizado em duas escolas da Região Autónoma da Madeira, uma escola do norte da ilha, zona rural, e uma escola do sul da ilha, zona urbana.

A investigação assenta numa metodologia qualitativa, centrada na vivência singular do sujeito e no significado da sua narrativa. Tem como objetivo geral conhecer se existem diferenças na violência/*bullying* entre pares, por parte dos agressores, entre uma escola no meio rural e uma escola no meio urbano, e como objetivos específicos, identificar os fatores predisponentes da violência/*bullying* (ao nível individual, contexto escolar e contexto sociofamiliar) entre pares no contexto escolar; conhecer a violência/*bullying* utilizada entre pares em contexto escolar; identificar as diferenças entre os agressores da escola do meio rural e do meio urbano; e identificar as diferenças de género entre agressores da escola do meio rural e do meio urbano. Os entrevistados são oito alunos agressores, quatro de cada escola, dividindo-se por número igual entre raparigas e rapazes, que frequentam o 3º ciclo do ensino básico.

Os alunos da escola rural caracterizam-se por apresentar um maior índice de autoestima, mais comportamentos de risco, um número superior de reprovações, utilizam maioritariamente o *bullying* verbal e físico em sala de aula, quando estão acompanhados, para com os alunos mais novos ou da mesma idade. Os alunos da escola urbana caracterizam-se por apresentarem conflitos para com os colegas, desentendimentos para com as figuras de autoridade escolar e discussões com as figuras parentais, utilizam maioritariamente o *bullying* verbal no pátio, quer estejam sós ou acompanhados, para com alunos mais novos e mais velhos.

Palavras-chave: Violência; *Bullying*; Agressores; Fatores predisponentes; Rural vs urbano.

Abstract

This work aims to understand the peer violence in the school context, specifically the bullying conduct by eight bullies, being a comparative study carried out in two schools of the Autonomous Region of Madeira, a northern school of the island countryside and a school south of the island, urban area.

The research is based on a qualitative methodology, focused on the singular experience of the subject and the meaning of his narrative. It has the general objective to know whether there are differences in peer violence/bullying, by the school bullies, from a school in rural areas and a school in urban areas, and specific objectives, identify predictors of violence/bullying (at the individual level, school context and social-family context) among peers in the school environment; know the violence/bullying used among peers in schools; identify the differences between the school bullies from rural and urban areas; and identify gender differences between school bullies from rural and urban areas. The interviews are eight bullies students, four from each school, divided by the same number of girls and boys attending the 3rd cycle of basic education.

Students from rural schools are characterized by having a higher self-esteem index, more risky behaviors, a higher number of failures, mainly use verbal and physical bullying in the classroom when they are accompanied toward younger students or the same age. Students from urban schools are characterized by present conflicts to colleagues, misunderstandings towards the figures of school authority and discussions with the parental figures, mainly use verbal bullying in the courtyard, whether alone or with others, towards younger and older students.

Keywords: Violence; Bullying; School bullies; Predisposing factors; Rural vs urban.

Abreviaturas, siglas

M – Média

OBPP – *Olweus Bullying Prevention Program*

RF1 – Rural feminino 1 – rapariga 1 do meio rural

RF2 – Rural feminino 2 – rapariga 2 do meio rural

RM1 – Rural masculino 1 – rapaz 1 do meio rural

RM2 – Rural masculino 2 – rapaz 2 do meio rural

UF1 – Urbano feminino1 – rapariga 1 do meio urbano

UF2 – Urbano feminino 2 – rapariga 2 do meio urbano

UM1 – Urbano masculino 1 – rapaz 1 do meio urbano

UM2 – Urbano masculino 2 – rapaz 2 do meio urbano

Índice

Introdução	9
Parte I – Revisão da literatura	11
Capítulo I. Violência	11
1.1. Conceito	11
1.2. Tipos de violência	13
1.3. Violência no contexto escolar	15
1.3.1. Violência entre pares no contexto escolar	16
Capítulo II. <i>Bullying</i>	17
2.1. Conceito	17
2.2. Atores do <i>bullying</i>	20
2.3. Fatores predisponentes do <i>bullying</i> por parte dos agressores	24
2.3.1. Dimensão individual	26
2.3.2. Contexto escolar	29
2.3.3. Contexto sociofamiliar	30
2.4. Tipos de <i>bullying</i>	32
2.5. Programas de intervenção no <i>bullying</i>	36
2.6. Papel do Assistente Social nas escolas	37
Capítulo III. Violência entre pares (<i>bullying</i> – agressores) em meio rural e urbano	41
3.1. Revisão da literatura	41
Parte II – Estudo empírico	45
Capítulo IV. Objetivos da investigação	45
4.1. Identificação da problemática de investigação	45
4.2. Objetivo geral	46
4.3. Objetivos específicos	46
Capítulo V. Metodologia de Investigação	46
5.1. Desenho da investigação	46
5.2. Participantes	46
5.3. Técnicas de recolha de dados	47
5.4. Procedimento	48
Capítulo VI. Apresentação dos Resultados	48

6.1. Fatores predisponentes da violência/ <i>bullying</i> entre pares no contexto escolar.....	49
6.1.1. Nível individual	49
6.1.2. Contexto escolar	55
6.1.3. Contexto sociofamiliar	60
6.2. Violência/ <i>bullying</i> utilizada entre pares em contexto escolar	67
6.3. Diferenças entre os agressores do meio rural e do meio urbano	74
6.4. Diferenças de género entre agressores do meio rural e do meio urbano	77
Capítulo VII. Discussão dos Resultados	88
Conclusão	96
Referências	98
Apêndices.....	I
Apêndice I – Grelha utilizada para análise de conteúdo	II
Apêndice II – Pedido de autorização para a realização do estudo à Direção Regional de Educação.....	IV
Apêndice III – Pedido de autorização para a realização do estudo aos encarregados de educação dos alunos selecionados.....	V
Apêndice IV – Guião da entrevista.....	VII
Apêndice V – Calendarização das entrevistas.....	XIII
Apêndice VI – Grelha de análise de conteúdo das entrevistas.....	XIV
Apêndice VII – Diferença entre os agressores do meio rural e do urbano.....	XX
Apêndice VIII – Diferenças entre rapazes e raparigas da escola rural.....	XXIII
Apêndice IX – Diferenças entre rapazes e raparigas da escola urbana.....	XXV
Apêndice X – Diferenças entre rapazes da escola rural e da escola urbana.....	XXVII
Apêndice XI – Diferenças entre raparigas da escola rural e da escola urbana.....	XXIX
Apêndice XII – Diferenças entre rapazes da escola rural e raparigas da escola urbana.....	XXXI
Apêndice XIII – Diferenças entre raparigas da escola rural e rapazes da escola urbana.....	XXXIII
Anexos.....	XXXV
Anexo I – Autorização cedida pela Direção Regional de Educação para a realização da investigação	XXXVI

Introdução

A temática do *bullying* é atual e é referenciada pela literatura não somente a nível nacional como internacional. Ao nível social verifica-se que a violência entre pares no contexto escolar, *bullying*, é um tema atual, que afeta diversos alunos. A problemática de investigação centra-se ao nível da violência entre pares no contexto escolar, *bullying*, sendo um estudo comparativo, pois considera-se pertinente a comparação deste fenómeno em dois contextos escolares e geográficos distintos, sendo que os estudos nesta área específica são escassos, e esta é uma problemática social com a qual nos confrontamos diariamente. Através desta investigação pretende-se conhecer a dinâmica de funcionamento de alguns dos alunos, identificados pelas escolas como agressores, podendo assim contribuir para a criação de medidas de intervenção preventivas e reparadoras adequadas a cada escola, área geográfica e alunos, pois as medidas criadas a nível nacional de combate e prevenção ao *bullying* nem sempre são adequadas a todas as realidades e meios. Pretende-se assim com esta investigação compreender se existem diferenças na violência/*bullying* entre pares, por parte de oito agressores, entre uma escola no meio rural e uma escola no meio urbano, ou seja, identificar os fatores predisponentes do *bullying*, que podem estar relacionados com a dimensão individual do agressor e seus respetivos contextos escolar e sociofamiliar, conhecer o *bullying* utilizado, identificar as diferenças entre os agressores da escola do meio rural e do meio urbano e identificar as diferenças relativas ao género entre agressores da escola do meio rural e do meio urbano. É crucial assim haver uma investigação sobre esta temática, de modo a contribuir para a criação de uma intervenção mais adequada, com o intuito de diminuir ou erradicar as situações de *bullying* nas escolas.

A presente investigação recorre a uma metodologia qualitativa, privilegiando a utilização de várias técnicas, como a análise bibliográfica e a entrevista qualitativa, com o objetivo transversal de obter dados qualitativos fidedignos, relatados na primeira pessoa, que permitam conhecer e interpretar as relações entre pares no contexto escolar, nomeadamente a violência/*bullying* que ocorre frequentemente, incidindo nos fatores que estão na origem da violência/*bullying* entre pares no contexto escolar, bem como na sua caracterização, através dos agressores. Os alunos participantes no estudo são oito agressores, sendo quatro de cada escola, dividindo-se em duas raparigas e dois rapazes em cada escola, alunos do 3º ciclo do ensino básico.

A investigação foi realizada tendo por base diversos autores, e sustentada em diversos livros e artigos científicos.

Neste sentido, a dissertação inicia-se com a parte I, no capítulo I, com a revisão da literatura, ou seja, a exploração conceptual da problemática em estudo, focando em primeiro lugar a noção de violência, o conceito e tipos de violência, a violência no contexto escolar e a violência entre pares no contexto escolar. Seguindo-se do capítulo II, que foca o *bullying*, o conceito, os atores do *bullying*, analisando os diferentes fatores predisponentes do *bullying* por parte dos agressores, estes a nível individual, contexto escolar e contexto sociofamiliar, incluindo os tipos de *bullying*, bem como os programas de intervenção e o papel do assistente social. O capítulo III faz referência à violência entre pares (*bullying* - agressores) em meio rural e urbano.

Na parte II relativamente ao estudo empírico, o capítulo IV aborda os objetivos da investigação, incluindo a identificação e justificação da problemática e objetivos gerais e específicos. No capítulo V faz-se um enquadramento da metodologia de investigação, dos participantes no estudo, das técnicas de recolha de dados e dá-se a conhecer o procedimento. No capítulo VI enquadra-se a apresentação dos resultados ao nível dos fatores predisponentes do *bullying* entre pares no contexto escolar, ao nível individual, contexto escolar e contexto sociofamiliar, o *bullying* utilizado entre pares no contexto escolar, as diferenças entre agressores do meio rural e urbano, e as diferenças de género entre agressores do meio rural e urbano. No capítulo VII apresenta-se a discussão dos resultados. A investigação finaliza-se com a conclusão e com a apresentação das referências bibliográficas e dos apêndices e anexos.

Parte I – Revisão da literatura

A revisão da literatura faz um enquadramento dos pontos da investigação, dividindo-se em três capítulos, o primeiro abarca a violência, o segundo, o *bullying* e o terceiro a violência entre pares no contexto escolar (*bullying* – agressores) em meio rural e urbano.

Capítulo I. Violência

O capítulo I faz referência à violência, incluindo o conceito, os tipos de violência, a violência no contexto escolar e a violência entre pares no contexto escolar.

1.1. Conceito

Todos os indivíduos têm experiências de vida diferentes. No decorrer do ciclo vital recebem informações cruciais para a sua formação e sofrem constrangimentos. Este processo ajuda na construção da sua individualidade, promovendo a sua mentalidade e moldando as suas atitudes e comportamentos. Numa sociedade onde existe uma multiplicidade de individualidades, que têm de interagir com um mundo exterior, por vezes este torna-se conflituoso, gerando atritos entre as diversas pessoas e podendo mesmo levar à violência.

Segundo Fischer, em 1992, o conceito de violência tem a sua etimologia no latim *vis*, que significa a força. Segundo Rodrigues, em 2007 o conceito de violência tem a sua etimologia no latim *violentia* significando violento ou bravio. A violência, expressa um comportamento ou uma ação, que causa dano noutra pessoa (Barros, Carvalho, & Pereira, 2009).

Considera-se que a violência é um problema global, onde há uma intenção de poder/influência psicológica ou força física, incluindo a manipulação, sobre alguém, ou sobre si próprio, com o objetivo de ferir, tendo a possibilidade de provocar graves danos sobre si ou outros, como danos físicos e/ou psíquicos, lesões, privações ou alterações no desenvolvimento humano, ou morte (Informe mundial sobre la violencia y la salud, 2002). Verifica-se assim que a violência acarreta efeitos negativos a diversos níveis, sendo considerado um problema público e crescente em todo o mundo, trazendo consequências para as pessoas ao nível individual, familiar e/ou comunitário, tornando-se desta forma um entrave para o desenvolvimento humano (Barros, Carvalho, & Pereira, 2009).

A violência pode caracterizar-se como sendo um comportamento excessivo numa relação pessoal ou social, implicando relações conflituosas que rompem com a normalidade social (Sebastião, Alves, & Campos, 2003). Para estes autores, a violência caracteriza-se por

ser uma relação social onde a coação é imperativa, existindo um estado de domínio, sendo uma relação de poder desigual e irreversível, ou seja, não há forma de reverter a relação de poder e força.

A violência implica que haja uma ação tanto física como psicológica, de uma ou mais pessoas sobre outra ou outras, contribuindo para o condicionamento da sua capacidade de agir de modo a se defender, sendo que existe uma diferenciação ao nível do poder de cada pessoa, onde a vítima é a mais prejudicada e não tem capacidade de reagir perante as agressões (Sebastião, 2009).

O termo violência segundo Pires, em 2000, refere-se ao uso intencional e repetido da força, sendo que os seus resultados podem gerar danos físicos e/ou psicológicos (Pires, 2000, cit. in Sebastião, Campos, Alves, & Amaral, 2004).

Para Fischer, em 1992, a violência implica o uso da força de forma a afetar a integridade física e/ou psicológica de alguém.

A violência pode ocorrer a nível individual ou coletivo, sendo de carácter físico ou moral, exercida pelo Homem sobre outro ou outros. Esta apresenta-se de diversas formas, podendo ser direta ou indireta, e comportar diversos níveis, desde ameaçar, ferir ligeiramente a até matar, comprometendo a liberdade de outro, bem como a sua integridade física (Fischer, 1992).

A violência física distingue-se da violência simbólica, sendo que a física refere-se a uma relação de poder mais próxima e visível, e a simbólica caracteriza-se por ser mais encoberta, mais invisível (Sebastião et al., 1999).

O estudo da violência não é recente. Os investigadores defendem que existe uma perspetiva biológica e qualidades inatas a cada pessoa, que explica o fenómeno da violência (Ribeiro, & Sani, 2009).

A violência é a agressão, que se caracteriza por ser todo o comportamento dirigido a outra pessoa, que tem como intenção, como meta, causar dano extremo. Sendo que o agressor com os seus comportamentos acredita prejudicar a pessoa alvo (Anderson, & Bushman, 2002; Bushman, & Anderson, 2001).

Os autores Anderson e Bushman (2001, 2002), criaram o modelo geral de agressão que se caracteriza por compreender os atos de agressão, ligando a agressão instrumental à reativa. Este modelo defende a existência de uma estrutura que se desenvolve a partir da experiência de vida das pessoas, influenciando assim as suas perceções, que são associadas a estados afetivos, orientando a resposta comportamental da pessoa face às solicitações do meio

exterior. Existem os *inputs* que são inerentes à própria pessoa, como as suas atitudes, os valores, os traços, o género, e os *scripts*, relacionados com a situação, como desconforto, dor, drogas, incentivo e frustração. As trajetórias baseiam-se no estado interno atual, ou seja, no afeto, na cognição e na ativação. Por fim existem os resultados que são os processos de avaliação e decisão, dividindo-se numa ação refletiva ou numa ação impulsiva, ou seja, secundária e controlada, ou imediata e automática. Este modelo caracteriza-se por ser cíclico pois os resultados de uma ação podem servir de *inputs* para um novo episódio.

1.2. Tipos de violência

Na sociedade atual existem diversas formas de violência utilizadas diariamente. Entre elas existe a violência física, que se caracteriza pela utilização da força, ou por omissões; a violência psicológica, que consiste em rebaixar o outro, tratá-lo com indiferença, desrespeito e discriminação; a violência política, que se manifesta através das políticas defendidas e impostas que causam discordância, podendo levar ao manifesto social e ao terrorismo; a violência cultural, que ocorre quando não é respeitada uma certa cultura ou é imposta outra à força; a violência verbal, que é o uso de palavras de forma inadequada, esta é a mais utilizada, podendo se manifestar em conjunto com outros tipos de violência; e a violência sexual, que se traduz num abuso de carácter sexual, sem o consentimento da outra pessoa (Barros, Carvalho, & Pereira, 2009).

Para Karli, em 2002, a violência inclui as violências urbanas, as conjugais, os maus-tratos a crianças, os maus-tratos a pessoas idosas, as violências no trabalho e as violências escolares. As violências urbanas englobam uma grande diversidade de comportamentos e atitudes. Estando presente nas sociedades atuais, afeta de uma forma ou de outra, todas as pessoas que a constituem. Ainda segundo o autor, manifesta-se cada vez mais nas camadas mais jovens, formando-se grupos, delimitados num território específico, entrando em rivalidades com outros grupos, sendo que a sua origem por vezes é obscura. Quanto aos adolescentes a utilização da violência encontra-se associada a prejuízos sobre si próprio, ou seja, a comportamentos de risco (Karli, 2002). Já as violências conjugais estão muitas das vezes camufladas pela própria família e são subvalorizadas por parte das vítimas. A violência conjugal pode passar por agressões físicas, podendo mesmo levar à morte, agressões verbais ou psicológicas, através de ameaças, chantagens, insultos e agressões sexuais, onde são forçadas relações ou atos sexuais. As agressões verbais ou psicológicas são tão destruidoras e prejudiciais para a vítima como as de carácter mais físico, levando a um sentimento

permanente de tensão e medo por parte desta. Os maus-tratos a crianças são praticados pela maioria das vezes pelos seus pais/cuidadores. Estes deveriam ser cruciais e os primeiros na transmissão de valores e de educação e contribuir para o processo de socialização das suas crianças, contudo, verifica-se que em algumas famílias o processo é oposto, ou seja, são infligidos múltiplos sofrimentos às crianças. Os maus-tratos sobre as crianças podem ser a nível físico, psicológico, verbal e sexual, sendo que estes podem estar interligados. Os maus-tratos físicos incluem bater e abanar (quando são crianças pequenas). Os psicológicos podem ser de duas formas, o chamado passivo e o ativo. Nos primeiros, incluem-se as negligências de diversas formas, como negar os cuidados básicos necessários e a falta de acompanhamento da criança por um adulto, relativamente aos ativos englobam a violência verbal, ameaças, chantagem, intimidação e culpabilização. Nos maus-tratos a pessoas idosas o autor equipara-os às crianças. Os maus-tratos manifestam-se de diversas formas, incluindo físicos, psicológicos, verbais, sexuais e até financeiros (Karli, 2002). Estes estão interligados ao contexto social e político em que ocorrem, estando igualmente articulados ao contexto familiar da pessoa idosa (Faleiros, 2007). Na sociedade contemporânea verifica-se cada vez mais casos de maus-tratos a pessoas idosas, o que se traduz em consequências graves (eg.: abandono, negligência) (Karli, 2002). As violências no trabalho caracterizam-se por ser essencialmente de carácter verbal e psicológico, sendo que também ocorrem por vezes a nível físico e sexual. A violência verbal e psicológica, igualmente designada por assédio moral, leva à desvalorização do trabalhador. A violência física é a menos usual. O assédio sexual, mais frequente do masculino sobre o feminino, ocorre muitas das vezes entre uma pessoa com um cargo superior sobre uma com um cargo inferior. As violências escolares abarcam um conjunto de atitudes e/ou comportamentos agressivos, de um ou mais alunos sobre um ou mais colegas, que podem ferir o outro de diversas formas. As violências escolares podem manifestar-se através de comportamentos agressivos de carácter verbal, físico ou mesmo sexual. Nestas verifica-se faltas de respeito, insolências, falta de educação, ou seja, comportamentos que ferem o outro, atingindo a sua integridade física e/ou psíquica. Há alguns anos atrás as violências escolares incidiam sobretudo entre pares ou de professores ou funcionários sobre os alunos, atualmente, verifica-se cada vez mais a violência dos alunos sobre os professores ou outros membros do sistema educativo, bem como entre pares. Ainda segundo Karli, em 2002, as violências escolares têm vindo a aumentar ao nível da sua frequência.

Segundo um estudo efetuado por Espinheira e Jóluskin, em 2009, relativamente à violência na escola, o género masculino apresenta mais agressores e igualmente mais vítimas, em relação ao género feminino.

Todos os tipos de violências e maus-tratos parecem traduzir-se a longo prazo em repercussões graves e que se prolongam no tempo, sendo que a violência sobre uma criança pode ter repercussões no seu desenvolvimento, e pode levá-la a que se torne futuramente vítima ou agressora, tendo em conta a infância que viveu e os modelos educativos que obteve (Informe mundial sobre la violencia y la salud, 2002).

1.3. Violência no contexto escolar

Em Portugal, as situações de violência nas escolas são antigas, devido às sanções físicas impostas pelo próprio sistema educativo sobre os alunos, à indisciplina e/ou a problemas de aprendizagem, e também pela intervenção policial, devido a conflitos entre grupos (Sebastião, 2009). A violência utilizada como forma pedagógica foi entendida durante vários anos como algo repressivo, utilizando-se sanções de carácter físico (como a utilização da régua, ou da cana) ou psicológico (como a utilização das “orelhas de burro”), de forma a controlar os alunos ao nível do seu comportamento e da sua incapacidade de responder adequadamente às questões colocadas, pelos professores, acerca da matéria lecionada (Sebastião, 2009). Após o 25 de abril de 1974, surgiu o auge da violência nas escolas, principalmente, devido a questões políticas, onde o debate e as ideologias opostas levaram os alunos e inclusive os professores, a entrarem em confrontos diretos. Contudo, na altura, o tipo de violência utilizada era diferente, era mais politicamente socializada, relacionada essencialmente à política e a questões de educação e ensino. Atualmente está mais relacionada com questões “banais”. As questões de roubos, agressões físicas e psicológicas, a destruição de bens, tornaram-se comportamentos sistemáticos e levaram a que o tema da violência fosse mais debatido na comunidade, durante os últimos anos (Sebastião, 2009).

Em Portugal, a violência e agressividade nas escolas tornaram-se públicos e alvo de estudos, a partir da década de 90, principalmente, através das queixas apresentadas pelos pais através das associações de pais, tornando-se assim um assunto polémico, mediático, quer a nível social quer político e colocando em questão as dinâmicas das próprias escolas (Sebastião, 2009). Através destas queixas, a comunidade científica interessou-se mais pela temática criando diversos estudos, onde a violência em ambiente escolar passou de um assunto privado da escola, a público e difundido na comunicação social (Sebastião, 2009).

1.3.1. Violência entre pares no contexto escolar

As mudanças que os adolescentes enfrentam, a nível cognitivo, corporal, social, emocional e vocacional, contribuem para enfrentar diversas experiências/ acontecimentos/ desafios diários que se colocam sobre a autonomia do aluno, a autoestima e a própria aquisição de identidade pessoal, que se diferencia de pessoa para pessoa (Campos, 1990). Este processo de mudança é contínuo e acarreta alguns riscos, não sendo linear, em que o grupo de pares influencia e é influenciado por cada membro que a compõe (Campos, 1990). As diversas mudanças nos adolescentes podem levá-los a integrarem ou a serem postos de parte de um grupo de pares, neste sentido a pertença aos grupos por vezes é difícil, mas é crucial para o desenvolvimento dos adolescentes. Nesta fase da vida os jovens têm necessidade de se sentirem integradas num grupo, que contribui para criarem a definição de si próprias (Campos, 1990). A escola é um local privilegiado para o desenvolvimento dos alunos e para a interação entre estes (Campos, 1990). Como existe uma grande necessidade de ser aceite por outros, e da sua aprovação, por vezes criam-se desavenças e algumas discussões, podendo levar a atos agressivos.

Os comportamentos agressivos podem ser vistos como forma de expressar ideias, sentimentos e atitudes, de uma forma ameaçadora, hostil e punitiva, não dando atenção na forma de pensar e sentir da outra pessoa (Campos, 1990).

A violência entre pares no ambiente escolar caracteriza-se por ações ou atitudes de um ou mais alunos sobre outro/s, onde é utilizada a força ou ações consideradas violentas dentro do espaço escolar (Sebastião et al., 1999). A violência utilizada engloba todos os comportamentos de carácter agressivo e violento, como também anti sociais, envolvendo os conflitos interpessoais, atos criminosos, danos a diversos níveis, tanto pessoais como materiais, que dependem maioritariamente de fatores externos em que os funcionários e professores não conseguem erradicar as situações, podendo contudo diminuir alguns casos (Lopes Neto, 2005).

“A violência em contexto escolar é um tema de grande relevância e atualidade, que tem implicações globais, a nível escolar, familiar e a nível da sociedade” (Matos, Negreiros, Simões, & Gaspar, 2009, p.27). A violência entre pares no contexto escolar traduz-se assim na agressão, envolvendo um certo poder e influência física ou psicológica, ou de ameaça contra outra pessoa (Matos et al., 2009), podendo caracterizar-se por situações pontuais ou contínuas.

A violência ocorrida no espaço escolar também pode ser consequência de diversos funcionamentos menos adequados da própria escola, como certas normas e regras que são impostas e colidem entre si e entre alunos e funcionários/professores. A violência escolar ocorre frequentemente como uma forma de resolução de conflitos, onde muitas vezes não há diálogo perspectivado como possível para ultrapassar a situação (Sebastião et al., 1999). Este problema social complexo e muitas das vezes grave, ocorre frequentemente nas escolas, contudo tende a ser camuflado, o que se traduz em consequências biopsicossociais para os alunos envolvidos.

Capítulo II. *Bullying*

O segundo capítulo abarca o conceito de *bullying*, os diversos atores, os fatores predisponentes do *bullying*, incluindo a dimensão individual, o contexto escolar e o sociofamiliar, os tipos de *bullying*, os programas de intervenção no *bullying* e o papel do assistente social.

2.1. Conceito

O *bullying* começou a ser estudado, cientificamente, por Dan Olweus no decorrer do século XX, final da década de 70, início da década de 80 (Fernandes, & Seixas, 2012). Mais concretamente, em 1978, Olweus realizou uma investigação com uma amostra de 80.000 estudantes, repartindo-se entre escolas primárias e secundárias (Matos, & Gonçalves, 2009), na Universidade de Bergen na Noruega, tendo-lhe sido atribuída pouca importância na época (Barros, Carvalho, & Pereira, 2009). Segundo Olweus, em 1996, este fenómeno, sempre existiu no espaço escolar, no entanto não era reconhecido como um problema.

O *bullying* tornou-se objeto de estudo, inicialmente pela Escandinávia, sendo que, após alguns suicídios de alunos vítimas de *bullying*, vários investigadores deram continuidade à investigação iniciada por Olweus, de modo a compreender a sua dinâmica e abrangência social, que em meados da década de 80, início de 90 se tornou um foco de estudo para diversos autores oriundos dos mais diversos países, que perceberam a gravidade e a importância da problemática (Olweus, 1995). O *bullying* era visto como um comportamento desordenado, onde prevalecia a quebra da regra e era visto como um comportamento antissocial (Olweus, 1995).

O primeiro instrumento de medição do *bullying* foi criado por Olweus, em 1983, designado de “*Olweus bully/victim questionnaire*”, sendo este o instrumento mais difundido

pela comunidade científica. É constituído por 25 questões de escolha múltipla, relacionando questões a nível social e demográfico, relações de amizade e características de vitimização e agressão (Barros, Carvalho, & Pereira, 2009).

Em Portugal o estudo do *bullying* teve início nos anos 90, traduzindo-se em problemas disciplinares e comportamentos desadequados por parte dos alunos (Almeida, 1999, cit. in Sebastião, 2009). Pereira, Almeida e Valente, em 1994, realizaram o primeiro estudo acerca do *bullying* envolvendo 160 alunos, tendo verificado que este era um problema presente em Portugal, justificando-se assim a realização de estudos mais completos nesta área (Pereira, Almeida, & Valente, 1994, cit. in Ferraz, 2008). Pereira e colaboradores, em 1997, investigaram e expandiram os estudos do *bullying* em Portugal, referindo pela primeira vez que havia uma maior incidência de ocorrência do *bullying* nos recreios das escolas (Pereira et al, 1997, cit. in Pereira, Silva, & Nunes, 2009). Um dos estudos realizados em Portugal tendo uma amostra significativa, concluiu que os alunos com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos, 42.5%, referiram nunca se terem envolvido em comportamentos de *bullying*, 10.2% consideram-se agressores e 21.4% vítimas, sendo que 25.9% eram simultaneamente vítimas e agressores (Carvalhosa, Lima, & Matos, 2001; Carvalhosa, & Matos, 2004, cit. in Carvalhosa, 2007).

O conceito de *bullying* não tem tradução para português, contudo este significa, os comportamentos agressivos intencionais e repetidos ao longo do tempo, com o intuito de causar dano na vítima. Almeida traduz para português o conceito de *bullying* por violência na escola, vitimizar, abusar dos colegas e intimidar (Almeida, 1999, cit. in Sebastião, 2009). O *bullying* na sua tentativa de tradução para o português também é considerado de assédio moral (Trautmann, 2008).

O *bullying* é considerado um problema global, que envolve diversos alunos com estratos sociais diferentes, e que ocorre em diversas escolas e níveis de ensino, não havendo diferenciação de local e estatuto da própria escola, não obstante tem a sua prevalência no ensino médio (Brito, & Oliveira, 2013; Harris, & Petrie, 2002). Sendo que segundo Beane, em 2011, a prevalência do *bullying* entre pares, a nível mundial, é de 27%, no 2º e 3º ciclos.

O *bullying* reporta-se a um comportamento entre pares, negativo, que é intencional e agressivo, havendo um desequilíbrio ao nível do poder, em que uma pessoa mais fraca é intimidada por outra/s com maior poder, tendo atitudes repetidas ao longo do tempo, de modo a causar diversos danos a alguém, ou seja, são ações agressivas, intencionais e sistemáticas por parte de um ou mais alunos sobre outro, produzido no contexto escolar (Barros, Carvalho,

& Pereira, 2009; Bullock, 2002; Matos et al., 2009; Matos, & Gonçalves, 2009; Pereira, Silva, & Nunes, 2009; Trautmann, 2008). Já para Haber e Glatzer (2009), o *bullying* caracteriza-se por ser um comportamento repetitivo ou permanente, que é ofensivo e tenta manter um desequilíbrio ao nível de poder, ou seja, verifica-se que um *bully*, pessoa agressora, sente necessidade e satisfação em magoar outra pessoa, no sentido de construir o seu poder, de afirmação de poder, sendo que a outra pessoa é considerada mais fraca e há o controlo sobre esta. Existe assim uma afirmação de poder através da agressão, sendo que os comportamentos agressivos que ocorrem no espaço escolar muitas vezes são ignorados, não valorizados, ou camuflados pela própria escola e pelos membros que a compõem (Lopes Neto, 2005).

O *bullying* caracteriza-se pela individualidade de um aluno, abarcando as suas características pessoais e comportamentais, incluindo as práticas educativas familiares e alguns fatores situacionais (Fernandes, & Seixas, 2012). Este fenómeno pode ocorrer em diversos locais, sendo que é na escola que se verifica um maior número de casos (Fernandes, & Seixas, 2012).

O *bullying* diferencia-se da violência, sendo que para caracterizar uma situação de *bullying* tem de haver intencionalidade, traduzindo-se num comportamento agressivo com intenção e que pretende causar dano, tem de ocorrer de forma repetida e sistemática, não sendo um acontecimento esporádico, mas sim prolongado no tempo, e tem de haver uma desigualdade de poder entre os alunos envolvidos, em que um dos alunos tem o poder de dominar, enquanto o outro é dominado. O poder é adquirido através da idade, força, tamanho físico, estatuto perante os colegas e pelo conhecimento das fragilidades da vítima, havendo assim nesta relação um agressor (que exerce o poder) e uma vítima (que sofre a agressão) (Fernandes, & Seixas, 2012).

Segundo Lopes Neto, em 2005, e Fernandes e Seixas, em 2012, o *bullying* pode ser considerado como direto ou indireto. No *bullying* direto existem comportamentos agressivos diretos e presenciais, ou seja, as vítimas são atacadas diretamente, o agressor é conhecido e identificável pela vítima, e engloba agressões físicas, ofensas verbais ou expressões e gestos sobre a vítima que causam mal-estar, existindo um maior número de rapazes a utilizá-lo. No *bullying* indireto, não existe um confronto direto e presencial entre o agressor e a vítima, sendo que a identidade do agressor pode ser ocultada, e os comportamentos de violência verificam-se através da manipulação dos grupos de amizade e da utilização das novas formas de comunicação, como o telemóvel e a internet, referindo-se, igualmente, a comportamentos

de indiferença, isolamento e difamação, sendo mais utilizado por raparigas (Fernandes, & Seixas, 2012; Lopes Neto, 2005).

Pereira e colaboradores, em 1997, referiram que o fenómeno do *bullying* tem maior incidência nos recreios (cit. in Sebastião, 2009). Este fenómeno ocorre maioritariamente em espaços não vigiados por adultos, onde predomina a utilização da dominação e perseguição por um longo período de tempo (Sebastião, 2009). O *bullying* representa assim uma implicação de uma pessoa sobre outra, geralmente mais fraca ou mais nova que o próprio (Costa, & Vale, 1998).

O *bullying* constitui um problema de saúde pública sobre as crianças e jovens (Shetgiri, 2013). Este tem diversas consequências para os alunos envolvidos (Brito, & Oliveira, 2013; Lopes Neto, 2005). É um comportamento considerado violento e destrutivo para o bem-estar das pessoas envolvidas, podendo levar a que estas pessoas tenham comportamentos autodestrutivos, ou que repliquem os comportamentos pelas quais são alvo e maltratem outras pessoas (Beane, 2011).

2.2. Atores do *bullying*

Dentro do *bullying* os alunos assumem diversos papéis, dividindo-se em agressores, vítimas e observadores (Olweus, 1978; Pereira, 2002, cit. in Barros, Carvalho, & Pereira, 2009).

Para que haja *bullying* tem de haver pelo menos duas pessoas, o agressor, que exerce a agressão, que controla e tem poder, e a vítima, que sofre a agressão. Existe um desequilíbrio ao nível do poder físico ou psicológico exercido por ambos, sendo que o agressor é mais forte, ou considera-se e é visto como tal, em relação à vítima (Beane, 2006).

O *bullying* é um problema global, em que frequentemente é assumido como natural e é-lhe dada pouca importância, ou seja, ignorado pelos adultos. Segundo diversos estudos verifica-se que esta prática conduz a variadas consequências negativas, tanto imediatas como a curto, médio e longo prazo, nos alunos envolvidos, direta ou indiretamente (Lopes Neto, 2005).

Segundo Haber e Glatzer, em 2009, para os agressores qualquer desculpa serve para ridicularizar e agredir um colega, como o ser gordo, magro, inteligente ou o oposto, pobre, estar fora de moda, usar óculos, ser de uma raça diferente, ou por ter orientações sexuais diferentes, ou seja, qualquer característica do colega pode servir para iniciar uma agressão. Não obstante, a forma como o aluno agredido responde às agressões contribui para a

existência ou não de *bullying*. Esse aluno se ignorar a situação e afastar-se dos agressores, sentindo-se bem consigo próprio, é provável que não se torne alvo de *bullying*. Contudo, se esse aluno reage de forma emocional, negativamente, será um alvo a voltar a agredir, tornando-se assim vítima de *bullying* (Haber, & Glatzer, 2009).

Agressores

Dentro dos atores do *bullying* encontram-se os agressores. De acordo com alguns autores, podem ser diversas as causas que motivam os agressores para o ato, tais como, a necessidade de aprovação pelo grupo de pares, sendo assim o centro das atenções, a necessidade de obterem algo dos outros e/ou a necessidade de entrar num grupo, e para tal intimidam os colegas mais vulneráveis (Fernandes, & Seixas, 2012).

Diversos fatores ambientais podem contribuir para que um aluno seja considerado *bully*, ou seja, para que desenvolva comportamentos agressivos (Beane, 2006).

Os agressores vêem os seus alvos como pessoas mais fracas, fisicamente, psicológica ou socialmente, sentindo uma satisfação em agredir a vítima. Ao longo do tempo o *bully*, considerado de agressor, assume cada vez mais poder sobre a vítima. Um *bully* agride de forma abusiva e permanente ao longo do tempo o seu alvo. Os agressores caracterizam-se por serem populares, espertos, por possuírem muitos amigos, mesmo sendo só aparência, ou seja, que essas amizades estejam assoladas pelo medo dos amigos, eles consideram-se líderes e tentam manter a sua postura de ridicularizar o alvo (Haber, & Glatzer, 2009).

Os agressores segundo Olweus, em 1995, têm um padrão de reação progressiva, conjuntamente com força física.

Os agressores têm o poder de intimidar e gostam de controlar os outros e as situações. Devido às abordagens familiares e ao contexto familiar em que os alunos se desenvolvem, estes criam sentimentos e comportamentos impulsivos, um certo grau de hostilidade para se defender do meio envolvente, podendo de forma mais concreta infligir sofrimento noutras pessoas. Os agressores ou também considerados de *bullies* tentam agredir outra pessoa ou para obter certas coisas, como dinheiro, tabaco ou outras coisas de valor, e/ou para obter prestígio (Olweus, 1995).

É considerado agressor o aluno que tem necessidade de dominar o outro e tem poder sobre o outro, ou seja, gosta de controlar o outro, tendo assim um sentimento positivo em relação à agressão e violência, sem empatia pelos seus alvos. Os agressores estão geralmente acompanhados de amigos e têm muita popularidade (Matos, & Gonçalves, 2009).

Um aluno que seja agressor utiliza formas de poder através de agressividade verbal, psicológica e/ou física sobre outro, com o objetivo dominar o outro e de anular as regras existentes. Neste sentido a vítima não possui capacidade de se defender, nem consegue para a sua proteção aplicar as regras da escola (Sebastião, 2009).

Os agressores caracterizam-se pela sua agressividade entre pares, contudo essa agressividade passa muitas vezes por se dirigir também para relações com adultos, professores, pais e funcionários. Os agressores são considerados dominadores, agressivos, impulsivos, tendo pouca empatia para com as suas vítimas. Geralmente quando são rapazes, têm tendência a ser mais fortes fisicamente que os seus colegas, bem como apresentam pouca ansiedade e insegurança, não sofrendo de baixa auto estima. Existem ainda outro tipo de alunos que participam em atos de *bullying*, no entanto não parte destes a iniciativa, podendo ser alunos inseguros e ansiosos, e chamados como seguidores ou agressores passivos. Os *bullies* geralmente quando atuam têm um grupo de dois, três alunos que o acompanham e apoiam (Olweus, 1996).

Os agressores são geralmente mais fortes, no sentido de poder, e exercem a agressão sobre alguém que não possui grande capacidade de se defender, sendo que a violência exercida por raparigas pode se diferenciar da exercida por rapazes (Matos, et al., 2009) Os agressores são geralmente mais fortes fisicamente do que as vítimas, são pessoas dominadoras, impulsivas e que não seguem regras, têm baixa tolerância, alta autoestima, gostam de desafiar a autoridade, vêem a violência como uma atitude positiva, não se importando nem tendo empatia para com a vítima. Ao persistir a violência como forma de comunicação, este modo de estar pode acarretar certos desajustes do agressor perante a sociedade, como os comportamentos de risco, incluindo o consumo de tabaco, de álcool, de droga, o mau desempenho escolar, o vandalismo e o roubo (Trautmann, 2008).

Considera-se como sendo o perfil dos agressores a extroversão, o desejo de domínio, poder e intimidação, as atitudes delinquentes, o desrespeito pelas normas/direitos dos outros, o fraco envolvimento escolar e o baixo rendimento escolar, dificuldades de autocontrolo, bem como o envolvimento frequente em conflitos (Matos et al., 2009).

Existem diversas consequências ligadas ao *bullying*, sendo que os agressores possuem dificuldades em cumprir a lei, tornando-se um impedimento para a sua inserção social, têm dificuldades ao nível do auto controlo, traduzindo-se em problemas de relacionamento social e afetivo, manifestam falta de respeito para com as normas e conduta social, iniciando por

vezes comportamentos ditos delinquentes, podendo envolver-se em crimes (Marques et al., 2001, Olweus, 1993a, Olweus 1993b, cit. in Barros, Carvalho, & Pereira, 2009).

Existe um grande número de alunos, tanto do género masculino como feminino, que tentam intimidar outros colegas de forma propositada. No entanto, verifica-se um maior número de rapazes agressores e de raparigas vítimas, não obstante existe um número superior de rapazes vítimas em relação às raparigas (Olweus, 1996).

Vítimas

Segundo Olweus, em 1996, é considerado vítima de *bullying* um estudante que é intimidado por ações negativas, por parte de outro/s estudante/s de forma repetitiva e ao longo do tempo. Estes comportamentos negativos apresentam-se sob a forma de contacto físico, verbal e/ou psicológica, existindo um desequilíbrio ao nível de poder e força entre os estudantes envolvidos, sendo que a vítima tem dificuldade em se defender (Olweus, 1996). As vítimas de *bullying* são alunos que vivem oprimidos pelos agressores, e que desenvolvem diversos comportamentos negativos e prejudiciais ao seu bem-estar e desenvolvimento. As vítimas geralmente sofrem de ansiedade, têm poucos amigos, podem mesmo vir a sofrer de depressão, ao nível académico apresentam resultados mais baixos, tendo diversas dificuldades, podem ter problemas em adormecer, pensar ou mesmo efetivar o suicídio como último recurso, como solução para acabar com o sofrimento (Haber, & Glatzer, 2009).

Os alunos que são vítimas de *bullying* são geralmente mais inseguros, sensíveis e ansiosos que os restantes alunos, sofrem de baixa autoestima, olham para si acentuando as suas falhas, sentindo-se envergonhados e desinteressantes, são pessoas solitárias e abandonadas pela escola (Olweus, 1996). As vítimas são inseguras, fisicamente mais fracas, mais sensíveis, têm poucos amigos e poucas habilidades sociais (Trautmann, 2008).

As vítimas de *bullying* desenvolvem a ideia de que a escola não é um local seguro e não querem frequentá-la, levando a uma baixa autoestima e um sentimento de solidão, criando dificuldades em se relacionar com outras pessoas (Bullock, 2002).

Os alunos que se tornam vítimas de *bullying* podem assumir esse papel ao longo da vida, tornando-se vítimas no trabalho, nas relações amorosas e familiares (Haber, & Glatzer, 2009).

Agressores/vítimas

Os alunos, considerados tanto agressores como vítimas, pertencem a um grupo de atores do *bullying* que se diferencia do grupo dos agressores e do grupo das vítimas, no entanto agregam características de ambos os papéis de *bullying*. Estes simultaneamente são agredidos, vitimizados, e agredem os outros (Fernandes, & Seixas, 2012).

Os agressores/vítimas tendem a ser hiperativos, impulsivos, com dificuldade de concentração e dificuldade escolares, prontos, caso sejam atacados, a atacar e apresentam pouca popularidade. Estes alunos tendem a replicar os comportamentos de que sofrem, atacando outros alunos mais novos e mais fracos, apresentando diversos problemas com os colegas (Trautmann, 2008).

Testemunhas/observadores

As testemunhas, também designadas de observadores, não são vítimas nem agressores e tão pouco têm atitudes de *bullying*, não obstante eles presenciam situações de *bullying*, no qual ficam a observar, sem intervir (Lopes Neto, 2005). Os observadores normalmente não reagem por terem medo dos agressores e por pensarem que poderão ser as próximas vítimas (Lopes Neto, 2005).

Estes alunos, que são testemunhas frequentes dos comportamentos de *bullying* dos colegas, tornam-se inseguros. Eles têm medo de agir contra os comportamentos que presenciam, por pensarem que podem ser as próximas vítimas, ou por pensarem que serão afastados do grupo de pares (Bouth, & Sousa, 2011). Em resumo, as testemunhas/observadores conhecem e assistem à realidade do fenómeno do *bullying*, no entanto, não querem envolver-se ou não vêm/percebem a gravidade da situação.

2.3. Fatores predisponentes do *bullying* por parte dos agressores

A violência, ou mais propriamente o *bullying*, ocorre pela conjugação de diversos fatores individuais, familiares e sociais. Os agressores de *bullying*, bem como as vítimas, são um reflexo dos seus meios familiares, das escolas e da sociedade em geral (Beane, 2011). Campos (1990) refere, que os fatores que contribuem para o comportamento agressivo são de natureza biológica, psicológica, familiar e sócio cultural.

Existem diversos fatores, associados a uma dimensão pessoal, a fatores familiares, sociais e escolares, que contribuem para que um aluno se torne agressor. Dentro destes fatores, denominados de fatores de risco, Fernandes e Seixas (2012), identificam o contexto

familiar do aluno, a organização intrapsíquica do próprio aluno, através do seu egocentrismo e a violência transmitida através das novas tecnologias e dos meios de informação.

Já para Matos e colaboradores, em 2009, os diversos fatores de risco que contribuem para o aparecimento de violência entre pares no contexto escolar (*bullying*) são histórias de agressão precoces, adoção de comportamentos de risco por parte dos agressores, como o consumo de substâncias antes dos 12 anos de idade, baixo nível cognitivo, criminalidade por parte dos cuidadores, fraco ou inexistente envolvimento familiar, fraca supervisão ou separação dos pais/progenitores/cuidadores, insucesso escolar ou fraco envolvimento escolar e indisciplina na sala de aula, e pouco apoio de professores, estatuto socioeconómico relativamente baixo, exclusão social, discriminação na escola ou na sociedade e comunidade envolvente.

Existem diversos fatores ambientais que também podem influenciar e contribuir para o desenvolvimento de comportamentos de *bullying*, que inclui a inexistência ou baixa supervisão dos alunos por parte de adultos, pois os alunos têm de perceber quando os comportamentos são inadequados; chantagens emocionais, quando os adultos cedem a diversos comportamentos inaceitáveis dos alunos, promovendo a atitude do aluno a utilizar a chantagem, de forma a obter o que quer; comportamentos agressivos em casa, ao qual alguns alunos tendem a reproduzir comportamentos agressivos que observam no ambiente familiar, ou através dos meios de comunicação, podendo tornar-se possíveis *bullies*; a punição física demasiado severa, que leva a um agressor atacar alunos mais pequenos e mais fracos, como é alvo no seu próprio ambiente familiar; pares abusivos, os alunos podem tornar-se *bullies* para poder integrar um grupo de pares, de amigos na escola; feedback negativo constante, em que os alunos agressores vêem o mundo negativo, podendo sentir necessidade de chamar a atenção sobre si, sentindo-se, desta forma mais importantes, utilizando comportamentos agressivos sobre outros; e expectativa de hostilidade, em que eles atacam (Beane, 2006).

A equipa de Lopez, em 2011, através de uma revisão da literatura, identificou como fatores potenciadores de *bullying*, o uso de substâncias ilícitas, que se caracterizam como fatores individuais, o controlo dos pais, ou também designado de estilo disciplinar parental, que se designa de fatores familiares, e inclusive os fatores escolares ou socioeducativos, através do percurso escolar dos alunos (Lopez, Amaral, Ferreira, & Barroso, 2011).

Num estudo desenvolvido em 2012 por Silva e colaboradores, junto de 1145 adolescentes brasileiros, concluíram que o *bullying* estava associado a diversos comportamentos de risco, comprometendo a saúde física e psicológica dos adolescentes.

Dentro destes comportamentos de risco encontraram-se reprovações escolares, faltas intencionais às aulas, consumo de álcool, tabaco e/ou drogas, porte de armas, ter algum acidente, brigas e/ou agressões com alguém.

Desta forma, no geral, verifica-se que os fatores de risco para a ocorrência de *bullying*, passam por fatores individuais, escolares e sociofamiliares.

2.3.1. Dimensão individual

Os seres humanos nascem com certas predisposições, sendo que uns são mais tensos, agressivos e outros mais passivos. Cedo conseguimos distinguir se as crianças têm um temperamento mais agressivo, mas isso não determina se elas serão ou não futuras agressoras ou *bullies*. “*A natureza é uma parte da equação, a educação é outra*” (Haber, & Glatzer, 2009, p. 21). Dentro dos fatores individuais existem os biológicos, onde o jovem possui uma predisposição genética para a agressividade (Matos et al., 2009).

As causas para o *bullying* podem ser de natureza física, inatas, onde diversos estudos indicam que os seres humanos podem nascer com determinadas características físicas, que influenciam o surgimento do *bullying*. As causas podem surgir através de fatores biológicos, pois segundo alguns estudos a agressão é inerente e básica à condição humana, sendo uma característica humana, no entanto alguns fatores biológicos podem levar a que os níveis de agressão atinjam valores inaceitáveis. E o temperamento¹ de uma pessoa pode, ou não, influenciar na prática de *bullying* (Beane, 2011).

O comportamento agressivo ocorre devido a diversos fatores, ou seja, não existe apenas uma causa para a sua ocorrência. Neste sentido utiliza-se uma abordagem compreensiva através do modelo biopsicossocial, que assenta na ideia de que o comportamento agressivo está interligado com diversos fatores, como os biológicos, os ambientais e interpessoais e os fatores de personalidade. Os fatores biológicos implicam que haja uma predisposição biológica, da própria pessoa para a agressividade. Os fatores ambientais e interpessoais relacionam-se ao fato de existir violência, ou atos de agressão no seio familiar e social próximo do aluno, podendo desta forma ser modelos a seguir pelo jovem, na adoção de comportamentos agressivos sobre outros, podendo o aluno considerar esta como a única forma de resolver conflitos com outras pessoas, levando assim a atos agressivos. Os fatores de personalidade relacionam-se com o fato de certos jovens apresentarem uma tendência de

¹ O temperamento caracteriza-se por ser o conjunto de qualidades e/ou elementos que constituem a personalidade de uma pessoa, afetando a forma como a pessoa se sente, pensa e age (Beane, 2011).

perturbação ao nível da personalidade, levando ao desrespeito pelo outro, dificuldades em criar laços afetivos, ou ligações íntimas, ter pouca ou ausência de empatia sobre o outro e ter comportamentos impulsivos (Matos, Negreiros, Simões, & Gaspar, 2009).

Os jovens tendem a assumir diversos papéis sociais que influenciam o desenvolvimento da sua identidade, influenciando igualmente a ocorrência de violência escolar. O estudo de Zegarra e colaboradores, desenvolvido em 2009, na Universidade de Valência, teve como objetivo conhecer as diferenças de género existentes no comportamento agressivo de *bullying*. A amostra foi composta por 641 alunos, 327 raparigas e 314 rapazes, entre os 12 e 16 anos. Foram abordadas tanto as variáveis pessoais, como as relacionais, através do auto relato e de medidas sociométricas. Neste estudo verificou-se maior incidência de *bullies* em rapazes, ou seja, existem mais agressores masculinos do que femininos. A maior diferença é a nível relacional, verificando os autores que as raparigas, com idades iguais aos rapazes, apresentaram um maior desenvolvimento social e cognitivo do que os rapazes, daí elas utilizarem com maior frequência o *bullying* relacional. Verificaram-se ainda que existem mais agressores do sexo masculino do que do feminino.

De acordo com Lopes Neto (2005), as dificuldades de atenção, problemas comportamentais, impulsividade, hiperatividade e fracas aptidões intelectuais, são também considerados fatores individuais que contribuem para a adoção de comportamentos agressivos. Relativamente à idade dos agressores, verifica-se que são mais velhos ou da mesma idade que as suas vítimas (Pereira, Silva, & Nunes, 2009). Segundo um estudo de Sebastião, em 2009, a idade dos agressores concentra-se nos 14 anos, seguindo-se do intervalo entre os 15 e os 19 anos, ou seja, alunos que frequentam o 3º ciclo do ensino básico.

Para que exista um bom relacionamento de um aluno com outros, é importante haver um certo grau de autoestima, tornando-se benéfico, pois auxilia o aluno a confiar e a crer em si próprio. Neste sentido, verifica-se que as relações baseadas na violência estão relacionadas com uma baixa autoestima por parte dos envolvidos (Brito, & Oliveira, 2013).

Estima-se que todo o tipo de agressão é mais elevada nos narcisistas, quando lhes é feita alguma crítica ou ameaça ao nível da autoestima, gerando assim a sua raiva. No estudo de Bushman e Baumeister, em 1998, os autores verificaram que altos níveis de autoestima e uma ameaça ao seu ego levavam a atos de agressão, ou seja, pessoas que tinham recebido alguma crítica negativa a nível pessoal tinham tendência a reagir com agressividade. Concluindo assim que as pessoas que têm uma autoestima mais elevada apresentam níveis de agressão superiores (Bushman, & Baumeister, 1998).

Num estudo realizado por Brito, e Oliveira, em 2013, com o objetivo de compreender a relação entre autoestima, *bullying* e género, verificaram que a prevalência do *bullying* foi de 67.5% numa amostra composta por alunos com idades compreendidas entre os 15 e 19 anos. As situações mais referenciadas foram o presenciar ou sofrer de *bullying*. Analisando os níveis de autoestima e a sua relação com os papéis de *bullying*, verificaram no grupo de vítimas/agressores e agressores, que os rapazes apresentavam níveis de autoestima superior às raparigas. Concluíram ainda que existe um elevado número de alunos envolvidos nos diversos papéis do *bullying*.

Num estudo realizado em 2010 por Bandeira e Hutz, em que participaram 465 alunos brasileiros, 52,7% do género masculino e o restante feminino, utilizaram um questionário sobre *bullying* e a escala de autoestima de *Rosenberg* e verificaram que existe uma relação entre papéis de *bullying* e sexo com a autoestima, em que no grupo de vítimas/agressores, existe uma média superior de autoestima nos rapazes em relação às raparigas. Nas raparigas, as que pertencem ao grupo de agressoras apresentam uma média de autoestima mais alta. Os agressores diferenciam-se das vítimas/agressores através da sua popularidade. Uma explicação para o fenómeno, pode estar relacionada com a diferença nos fatores que influenciam a autoestima, tanto nos rapazes como nas raparigas. A dimensão social, que engloba o cuidado e a interação interpessoal, influencia a autoestima principalmente das raparigas, ao qual elas dão prioridade às emoções e aos eventos sociais, trocando informações, segredos e criando laços e intimidades na sua maior parte do tempo. Na adolescência as raparigas valorizam mais as amizades do que os rapazes e são mais suscetíveis à opinião e aceitação dos pares. Já os rapazes priorizam as atividades de desporto e outros desafios pessoais. Em relação aos rapazes o que influencia a sua autoestima passa pelo seu desempenho pessoal, como a competição e o pensamento individual. As vítimas/agressoras, do sexo feminino, apresentam uma média de autoestima mais baixa em relação às agressoras que têm altos níveis de autoestima. Os agressores são mais populares do que as vítimas/agressores, sendo mais bem aceites pelo grupo de pares, recebendo retorno positivo, levando a que as raparigas agressoras se sintam com grande valor, competentes e capazes. Desta forma, a relação e retorno positivo entre pares influencia de forma positiva a autoestima dos agressores do sexo feminino. Através deste estudo concluiu-se que o fenómeno do *bullying* tem diferentes implicações na autoestima dos rapazes e das raparigas que estão envolvidos em diferentes papéis (Bandeira, & Hutz, 2010).

Os agressores têm comportamentos e traços de personalidade comuns, que podem englobar uma panóplia de características, como consumir tabaco, consumir droga, demonstrar falta de empatia, roubar, ser agressivo e vandalizar propriedades (Haber, & Glatzer, 2009). Segundo Matos e Gonçalves, em 2009, os comportamentos de *bullying* estão relacionados com o consumo de álcool e tabaco nos jovens, exceto no *bullying* verbal.

Segundo Olweus, em 1995, os agressores são descritos como tendo um padrão de reação progressiva combinado, combinando o físico com a força, principalmente nos rapazes. Neste sentido existem quatro fatores que contribuem para o desenvolvimento do padrão de reação, incluindo as atitudes e comportamentos de um cuidador para com a sua criança, nos primeiros anos de vida, que englobam o envolvimento mais próximo ou não com a criança; a existência de permissividade perante certos comportamentos apresentados pela criança, (in) definição de limites impróprios; punir fisicamente; e o temperamento da criança. Relativamente ao comportamento agressivo, existem diversos motivos que podem estar na sua origem e estão inter-relacionados. Os agressores têm a necessidade de intimidar os outros através do poder e da dominação sobre o outro, gostam de controlar e subjugar as outras pessoas. Alguns agressores adquirem um certo grau de hostilidade dependendo do meio em que foram criados, tanto familiar, social como ambiental. Desta forma, como resultado das vivências, sentimentos e impulsos dos agressores, pode resultar em sentimentos de satisfação dos agressores, quando infligem sofrimento aos outros e lesões. Existe uma finalidade para o comportamento agressivo, pois os agressores coagem as vítimas para obter dinheiro, álcool, tabaco e outras coisas que o agressor considere de valor.

2.3.2. Contexto escolar

O *bullying* entre pares no contexto escolar primário é reconhecido como antecedente e pode progredir para comportamentos mais agressivos e violentos em anos superiores ao nível escolar (Saufler, & Gagne, 2000, cit. in Bullock, 2002). Segundo um estudo de Sebastião, em 2009, a maioria dos alunos agressores frequentam o 3º ciclo do ensino básico. Os alunos com comportamentos de *bullying* em ambiente escolar podem estar a repetir comportamentos apreendidos, em casa ou noutros ambientes que frequentam (Saufler, & Gagne, 2000, cit. in Bullock, 2002). Os agressores têm comportamentos e traços de personalidade comuns, que podem englobar uma panóplia de características, como o absentismo escolar, ou seja, faltar às aulas, abandono escolar, ter amigos agressivos, ter elevada autoestima e muita popularidade (Haber, & Glatzer, 2009).

Os fatores escolares ou socioeducativos envolvem o insucesso escolar, pouco envolvimento na escola, abandono escolar, pertença a grupos considerados de risco, desigualdades sociais e exposição à violência de forma repetida (Matos et al., 2009). Dentro dos fatores escolares também podem estar presentes a falta de supervisão e acompanhamento dos pais sobre as atividades escolares dos filhos, a falta de supervisão de figuras de autoridade na escola, durante os recreios, e em espaços mais escondidos, reduzido/escasso conhecimento dos profissionais do que é considerado *bullying* e de como agir nesses casos, escassez de políticas de combate ao *bullying*, podendo ser através de formações aos alunos e funcionários/professores acerca da temática (Fernandes, & Seixas, 2012).

O contexto escolar do aluno pode levá-lo a práticas de *bullying*, se este não tiver uma ligação positiva à escola, ou uma relação pacífica com os seus superiores educativos² (Fernandes, & Seixas, 2012).

2.3.3. Contexto sociofamiliar

As causas para o *bullying* podem advir das influências sociais, ou seja, as pessoas como seres humanos vivem em interligação uns com os outros, sendo que são sociais e relacionais, influenciando e sendo influenciados por outras pessoas. Neste sentido, os pais ou educadores têm um papel crucial sobre as crianças, podendo influenciá-las positiva ou negativamente. Os meios de comunicação e os pares também contribuem para a influência positiva ou negativa das crianças (Beane, 2011). Os fatores sociais podem estar ligados à comunidade envolvente e aos valores que são passados por ela (Fernandes, & Seixas, 2012).

Dentro dos fatores familiares existem os interpessoais, onde a existência de comportamentos agressivos no seio familiar pode servir de modelos na adoção de comportamentos agressivos e desta forma ser utilizado como meio na resolução de conflitos (Matos et al., 2009).

A instabilidade familiar pode assim contribuir para o desenvolvimento da agressividade no aluno, passando pela desestruturação familiar, por divórcios ou separações, conflitos familiares, pais adolescentes, comportamentos por vezes controladores ou “*laissez faire*”, dar importância e frisar comportamentos incorretos e não valorizar comportamentos adequados do aluno, deficiente supervisão das atividades do aluno e baixos níveis de relacionamento e afeto familiar, desorganização social por parte da família, bem como desemprego, e baixos rendimentos socioeconómicos, modelos educativos que usam a violência, os maus-tratos, o

² Funcionários e professores.

autoritarismo, bem como a omissão/abandono ou negligência (Fernandes, & Seixas, 2012; Lopes Neto, 2005; Matos et al., 2009).

O nível familiar do aluno pode fomentar comportamentos mais agressivos e porventura conduzir ao *bullying*. Segundo alguns estudos os alunos agressores ou vítimas de *bullying* não têm um apoio familiar adequado, nem existe coesão familiar, podendo haver igualmente uma ausência de uma figura parental, onde o estilo parental existente é punitivo e hostil ou pelo contrário muito liberal, não havendo supervisão do aluno (Fernandes, & Seixas, 2012).

A atitude emocional básica negativa, do cuidador para com uma criança nos seus primeiros anos de vida, incluindo a falta de afeto, de envolvimento, contribui para o aumento do risco da criança mais tarde se tornar hostil e agressiva para com os outros. Se o cuidador é demasiado tolerante, permissivo, sem estabelecer limites ao comportamento agressivo da criança, na sua relação com outras pessoas, este comportamento agressivo pode aumentar. As crianças que frequentemente são castigadas fisicamente, e existem explosões emocionais violentas nos métodos educativos utilizados pelos seus cuidadores, podem tornar-se mais agressivas do que outras crianças. A liberdade extrema na infância, o pouco amor, afeto e cuidado, contribuem fortemente para o desenvolvimento da agressividade, para que a criança seja agressiva (Olweus, 1996).

Os agressores muitas das vezes utilizam comportamentos negativos e agressivos para com os outros, que são o reflexo do que vivenciam ou testemunham em casa, no seu ambiente familiar, podendo ocorrer também por não terem sido bem “disciplinados” em pequenos (Beane, 2011).

O estudo efetuado por Baldry, em 2003, teve como objetivo investigar o *bullying* e a sua relação com a vitimização na escola, bem como a exposição à violência interparental, numa amostra de 1059 jovens italianos. Os alunos participantes preencheram um questionário anónimo acerca do *bullying*, vitimização e exposição à violência interparental. Como resultado, verificou-se que quase metade dos alunos participantes relataram situações de *bullying* e vitimização diferentes, tendo em conta os três meses anteriores, sendo que existe uma maior envolvimento de rapazes do que raparigas. Quanto à exposição da violência interparental, como violência física e intimidação direta, verificou-se uma maior associação às raparigas, em que as raparigas expostas a este tipo de violência estavam mais propensas a intimidar os outros, comparando com as raparigas que não presenciavam este tipo de violência. Neste estudo concluiu-se que a exposição à violência interparental está muito associada à vitimização e ao *bullying* na escola, encontrando-se estes alunos mais propensos a

envolver-se em atos de *bullying* direto e/ou indireto na escola. Verifica-se que a exposição dos alunos a qualquer tipo de violência no seio familiar acarreta consequências negativas sobre o seu comportamento.

2.4. Tipos de *bullying*

No *bullying* ocorrem situações de violência/agressão que podem ser conduzidas por um indivíduo ou por um grupo. Geralmente os rapazes e as raparigas expressam o comportamento violento de forma diferente, embora ambos se traduzem em diversos tipos de agressividade (Matos et al., 2009).

O *bullying* pode manifestar-se de diversas formas, no nível direto dividindo-se em físico e verbal, e no nível indireto. Quanto ao nível direto e físico, engloba todos os comportamentos de agressão física, como bater, estragar objetos dos colegas, obrigar os colegas a fazer tarefas contra a sua vontade, realizar comportamentos sexuais. No nível direto e verbal, inclui o insultar, gozar, provocar, ameaçar. Relativamente ao nível indireto relaciona-se com o *bullying* relacional, que engloba todas as situações que envolvem ignorar ou excluir alguém de atividades ou do grupo de amigos, influenciar as redes de amizade e espalhar boatos sobre uma pessoa com vista a destruir a sua reputação (Martins, 2005). Segundo diversos estudos verifica-se que as raparigas utilizam mais frequentemente o *bullying* de carácter psicológico, relacional e indireto, enquanto os rapazes utilizam mais frequentemente o *bullying* físico a nível direto (Bullock, 2002; Fernandes, & Seixas, 2012; Harris, & Petrie, 2002; Shetgiri, 2013).

O *bullying* assume diversas formas de atuação, e pode ser caracterizado em distintos tipos (físico, verbal, social e relacional). O *bullying* físico implica bater, empurrar outra pessoa, danificar, destruir, tirar ou roubar objetos de outra pessoa, imobilizar, atirar coisas, ameaçar e exibir uma linguagem corporal intimidante perante o outro, ou seja, agressões físicas. O *bullying* verbal é o mais utilizado, porém o mais difícil de identificar e implica todo o tipo de palavras ou expressões verbais de modo a chamar nomes, insultar, ameaçar, intimidar, gozar, assediar, fazer comentários desagradáveis, ou falar mal de alguém a outras pessoas. O *bullying* social e o relacional interligam-se, e implicam destruir ou manipular relacionamentos de amizade, espalhar boatos e mentiras, excluir das brincadeiras ou atividade, destruir a reputação de alguém, excluir alguém do grupo de amigos, fazer passar

vergonhas e humilhações, usar linguagem corporal negativa e ameaçadora e utilizar o *ciberbullying*³ (Beane, 2011; Matos et al., 2009; Pereira, Silva, & Nunes, 2009).

Segundo Fernandes e Seixas, em 2012, o *bullying* engloba diversos tipos, entre eles estão os comportamentos verbais e físicos, os psicológicos, os relacionais, os sexuais e o *cyberbullying*. O *bullying* verbal refere-se à utilização de palavras inadequadas para com o outro, de forma a insultar, ameaçar, fazer comentários depreciativos e chamar nomes (Fernandes, & Seixas, 2012). O *bullying* físico inclui comportamentos de carácter físico, ou seja, bater, empurrar, magoar o outro fisicamente, geralmente deixando marcas dessa agressão e danificar pertences pessoais (Fernandes, & Seixas, 2012). O *bullying* psicológico pode ocorrer de forma direta através da comunicação verbal ou não-verbal, ou indireta através da exclusão de alguém do grupo de amigos, ou da criação de boatos (Trautmann, 2008). O *bullying* psicológico abarca comportamentos que causam medo e intimidação ao outro, em que o agressor chantageia, utiliza olhares e gestos desagradáveis e ameaçadores e prega partidas (Fernandes, & Seixas, 2012). No *bullying* relacional a intenção passa por controlar as redes de amizade da vítima, para que esta fique mal vista, podendo ser por meio dos amigos diretos ou através da utilização da internet e outros meios de comunicação, espalhando rumores, ou evitando ou ignorando o colega, através da exclusão social (Haber, & Glatzer, 2009; Fernandes, & Seixas, 2012). O *bullying* sexual inclui comportamentos de carácter sexual para com o outro, sem que este tenha dado consentimento ao mesmo, como também assediar, insultar ou fazer comentários desagradáveis ao nível da sexualidade do colega, apalpar, divulgar imagens de carácter sexual, e/ou impor ao outro ações sexuais (Fernandes, & Seixas, 2012). O *cyberbullying* é a utilização de comportamentos desadequados pela internet, principalmente nas redes sociais (Fernandes, & Seixas, 2012). O *cyberbullying* é igualmente uma agressão psicológica, que ocorre de forma anónima ou com identificação, através da utilização dos meios de comunicação, como a internet, através de *blogs*, *e-mails*, redes sociais, e através do telemóvel, de chamadas ou mensagens a insultar ou a intimidar (Trautmann, 2008).

Verifica-se assim que o *bullying* é caracterizado por ter diversos tipos, em que o mais comum inicia através de insultos verbais, seguindo-se para uma agressão física. Apesar do recreio ser um local muito valorizado pelos alunos, este é onde ocorrem mais situações de *bullying*, ou seja, nos pátios da escola, incluindo igualmente, os corredores e escadarias e as

³ *Ciberbullying*: utilização do *bullying* através dos diversos meios de comunicação, das redes sociais (Beane, 2011).

salas de aula (Pereira, Silva, & Nunes, 2009). Segundo um estudo de Sebastião, em 2009, o *bullying* ocorre maioritariamente no recreio, seguindo-se das salas de aula. Este fenómeno ocorre geralmente em locais de fraca supervisão de adultos, sendo que diversas investigações apontam para o recreio como sendo um dos locais prediletos para a ocorrência de *bullying*, incluindo os corredores e o refeitório (Fernandes, & Seixas, 2012). Segundo Sebastião e colaboradores, em 2004, e Barros, Carvalho e Pereira, em 2009, o *bullying* ocorre em variados espaços da escola, no entanto tem maior incidência no espaço de recreio, principalmente em locais no exterior dos edifícios das aulas. Para Brito e Oliveira, em 2013, o local da ocorrência de situações de *bullying*, é fora do ambiente de sala de aula, ocorrendo no pátio, balneário, casas de banho e refeitório.

O *bullying* ocorre numa relação desigual de poder, como forma de intimidar o outro, sem motivo evidente, sendo situações repetidas e atitudes agressivas e intencionais, em que os tipos de *bullying* mais identificados são a nível físico, verbal e simbólico. Segundo diversos estudos o tipo de *bullying* mais frequente é o verbal, fazendo uso de chamar nomes e criar intrigas (Brito, & Oliveira, 2013). Não obstante, todos os comportamentos de *bullying* têm o objetivo de causar dano na vítima, apresentando-se através de comportamentos negativos sobre o outro, de forma repetitiva e contínua no tempo, havendo um desequilíbrio de poder (Barros, Carvalho, & Pereira, 2009).

Embora muitos estudos referenciam que o *bullying* direto ocorre com maior incidência entre o sexo masculino, as raparigas são igualmente agressoras (Olweus, 1996). Todavia, os rapazes utilizam com maior frequência o *bullying* físico, enquanto as raparigas tendem a prejudicar a vítima por meios indiretos, utilizando maioritariamente, o *bullying* psicológico, pois elas utilizam formas mais subtis de agredir, como espalhar boatos, manipular relações de amizade e excluir alguém do grupo de amigos, sendo estas formas de *bullying* mais difíceis de identificar (Matos, & Gonçalves, 2009; Olweus, 1996; Peeters, Cillessen, & Scholte, 2010). Os agressores/*bullies*, são geralmente alunos mais velhos do que as suas vítimas, sendo que as vítimas são maioritariamente, mais novas e consideradas mais fracas (Olweus, 1996).

Segundo um estudo realizado por Bandeira e Hutz, em 2012, e outro estudo realizado por Baldry, em 2003, revelaram a existência de diferenças nas formas de atuação do *bullying* entre géneros, em que existiam mais agressores do sexo masculino do que do feminino, tendo em conta todos os tipos de *bullying*, direto e indireto. Os rapazes foram caracterizados por usarem maioritariamente, o *bullying* direto e físico, com recurso a empurrões e socos, enquanto as raparigas utilizaram maioritariamente, o *bullying* relacional, empregando as

mentiras e os boatos. Todas estas formas de agressão têm o intuito de provocar dano na outra pessoa, tanto a nível físico, psicológico e/ou verbal. O tipo de *bullying* mais utilizado, referido por agressores e vítimas, foi o verbal. A maioria dos agressores foi do sexo masculino, estes referenciados pelos próprios, pois mais rapazes assumem ser agressores do que raparigas.

Um estudo realizado por Melo e Duarte, em 2011, envolveu 237 alunos de três escolas de Évora. O estudo teve como objetivo caracterizar e analisar os comportamentos dos alunos, relacionados com o *bullying*, tanto com vítimas, agressores e observadores, analisando inclusive, a existência de relações entre os padrões de vinculação com os comportamentos agressivos entre pares. Neste estudo verificou-se que a agressão mais frequente foi ao nível da exclusão social e da agressão verbal, comportamentos de carácter relacional, seguindo-se da agressão física em menor quantidade. Verificou-se que os rapazes apresentaram médias mais elevadas em todas as escalas. Através dos resultados constatou-se que nos padrões de vinculação, a vinculação segura é um fator protetor tanto para a vitimização como para a agressividade.

Segundo um estudo desenvolvido em 2009 por Zegarra e colaboradores as raparigas (38,2%) estão mais expostas ao *bullying* a nível indireto que os rapazes (27,4%). Sendo que o pátio (44%) foi indicado como lugar onde ocorrem mais situações de *bullying*, seguindo-se da sala de aula (33,1%) e dos corredores (6,7%). Verifica-se ainda que os agressores apresentam menos habilidades sociais e mais desajuste na escola.

Geralmente os rapazes utilizam mais a agressão física do que as raparigas, no entanto tem-se vindo a verificar que, cada vez mais raparigas utilizam este tipo de agressão. As raparigas geralmente agredem mais raparigas do que rapazes, podendo agredir ambos os géneros, utilizando maioritariamente, o *bullying* psicológico, fazendo-se passar por “raparigas de bem” perante os adultos, mas cruéis entre pares, envolvendo-se em *bullying* de grupo, atacando dentro de um grupo restrito de amigos. Os rapazes utilizam com maior frequência a agressão física, atacando colegas mais fracos e pequenos (Beane, 2011).

Os agressores geralmente são populares e estão acompanhados por um grupo de amigos aquando a agressão de *bullying* (Matos, & Gonçalves, 2009).

Tanto os agressores/*bullies*, como as vítimas podem sofrer consequências negativas a curto e a longo prazo, podendo vir a desenvolver sintomatologia depressiva, ou seja, depressão, ansiedade, baixa autoestima e até mesmo vir a ser delinquentes (Shetgiri, 2013).

2.5. Programas de intervenção no *bullying*

O *bullying* é um problema global, que muitas vezes é visto como normal e não valorizado ou ignorado pela escola. Para que as situações de violência na escola diminuam ou erradiquem, é necessário haver uma intervenção junto dos agressores, pois verifica-se através de diversos estudos, que estes comportamentos de *bullying* causam variadas consequências negativas tanto para as vítimas, como para os agressores (Lopes Neto, 2005).

O Programa de Prevenção de *Bullying* de Olweus (*Olweus Bullying Prevention Program* - OBPP) foi o primeiro a ser criado, em 1983, e é utilizado por diversos países. Apresenta como principal objetivo reduzir o *bullying* entre os pares no ambiente escolar, tendo a escola o papel de diminuir e erradicar o desenvolvimento deste problema, contribuindo para que haja uma boa relação entre os alunos. Este programa desenvolvido por Olweus assenta em quatro princípios fundamentais, sendo o primeiro, os adultos devem estar interligados e envolvidos no processo educativo dos alunos; o segundo, devem estabelecer-se limites ao comportamento dos alunos; o terceiro, devem utilizar-se consequências para os alunos que quebrem as regras; e o quarto, os adultos devem ser exemplos de autoridade e de modelo positivo a seguir (Olweus, & Limber, 2010). O diagnóstico feito, bem como a intervenção devem englobar todos os agentes educativos, sendo que o diagnóstico traduz-se na recolha de informação junto de toda a comunidade e a intervenção realiza-se tendo por base o diagnóstico, atuando ao nível micro (individual), meso (sala de aula) e macro (comunidade).

No ano de 1999, em Portugal Pereira, definiu um programa de intervenção com o objetivo de prevenir e reduzir o *bullying*. Este programa apela à necessidade do reconhecimento do problema por todas as pessoas pertencentes à comunidade educativa, baseando-se na constituição de um grupo de trabalho, ligado à direção da escola, o qual faz o levantamento da realidade escolar acerca desta temática, realiza um diagnóstico e cria medidas interventivas. Para este programa ser eficaz, tem de incluir medidas interventivas adequadas à realidade e ao diagnóstico efetuado, com o intuito de erradicar o *bullying* no espaço escolar, envolvendo toda a comunidade escolar, de modo a aplicar as medidas preventivas e interventivas adequadas e relativas ao programa (Pereira, 1999, cit. in Cunha, 2005).

De modo a minimizar ou até mesmo erradicar a violência ou o *bullying* nas escolas o Estado Português criou alguns programas. Dentro destes engloba-se o programa “Escola Segura”. Este programa constitui uma das primeiras medidas concebidas com o intuito de

combater a violência nas escolas, que surgiu em 1984, resultando de um protocolo entre o Ministério da Educação e o Ministério da Administração Interna (Sebastião, Alves, & Campos, 2003). Atualmente o programa “Escola Segura” encontra-se difundido pela maioria das escolas de Portugal. Através da publicação do decreto de lei 16/2001, com a coordenação do Gabinete de Segurança do Ministério da Educação, este programa sofreu algumas alterações legislativas, de forma a melhorá-lo, que visa combater a insegurança bem como a violência nas escolas, o *bullying* (Sebastião, Alves, & Campos, 2003).

Em 1989, foram criados programas de formação social e pessoal, que consistia numa hora semanal onde os alunos tinham uma disciplina designada por “Desenvolvimento pessoal e social”. Entretanto, na década de 90, foi alterada para “Educação e cidadania”, adotando princípios do anterior programa, incidindo essencialmente na instrução e educação para a cidadania, contribuindo assim para minimizar atos violentos por parte dos alunos em contexto escolar (Sebastião, Alves, & Campos, 2003).

Na Madeira foi criado, pela Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco, com a parceria do Centro de Segurança Social da Madeira, através do Centro Comunitário de São Martinho e da Delegação da Madeira da Fundação da Juventude, o projeto *Campanha Anti-Bullying: Bully don't do it!*, em dezembro de 2010, dando continuidade à intervenção que estes órgãos realizam na área da infância e juventude. Os objetivos deste projeto passam por informar toda a comunidade, essencialmente a escolar e os jovens em particular, sobre a intervenção e a importância desta no *bullying*, estimulando o *empowerment* e a participação ativa dos jovens em questões que lhes dizem respeito, promovendo assim a sua participação, iniciativa e criatividade no que toca a procurar linhas de intervenção adequadas a cada situação (Correia, Costa, & Freitas, 2012).

2.6. Papel do Assistente Social nas escolas

A Federação Internacional dos Assistentes Sociais define a profissão de Serviço Social, como sendo um campo de atuação que leva o assistente social a agir com o intuito de promover a mudança social, e auxiliar na resolução de problemas existentes entre as relações humanas, onde a sua intervenção passa pela emancipação dos sujeitos na promoção do seu bem-estar (APSS, 1996).

O assistente social rege-se por uma intervenção baseada em conhecimentos teóricos e metodológicos, técnicos e operativos, e em princípios ético políticos, ou deontológicos, reconhecendo deste modo a pessoa como parceira na ação, onde o assistente social

fundamenta a sua intervenção num saber teórico, que influencia e é influenciado pelas políticas sociais existentes e pela legislação, no sentido de dar respostas adequadas para a satisfação das necessidades humanas, promovendo os direitos sociais, a proteção social, como a promoção do bem-estar social (Serafim, 2004).

Assim, e tendo em conta a própria definição da profissão acima enunciada, torna-se imperativo referir que o exercício profissional ocorre em contextos de grandes desafios, dada a heterogeneidade de situações em que o assistente social tem que intervir, podendo concluir que a prática profissional desenvolve-se na presença de um conjunto de conhecimentos organizados, radicados nos ideais do humanismo e democracia, que têm na sua génese a satisfação das necessidades humanas e potencial dos indivíduos na luta pela justiça social. O assistente social atua no sentido de transformar uma realidade concreta, complexa, dinâmica e com mutações, esta multidimensional, regendo-se através de técnicas e procedimentos próprios, promovendo os recursos da comunidade e do indivíduo para ajudá-lo a superar os conflitos, derivados da sua inter-relação com o meio e com os outros indivíduos (Caparrós, 1998).

Como tal, e sendo a prática profissional diretamente voltada para os direitos humanos, evidencia-se a necessidade de vincular o exercício profissional a um código de ética, código este, que tem por finalidade estabelecer princípios e valores que norteiam o exercício ou conduta profissional do assistente social, em que define que a intervenção do profissional passa por aceitar o outro, sem fazer juízos de valor, nem discriminações, contribuir para o respeito pela vida da pessoa, a sua dignidade, a autodeterminação/autonomia, contribuir para a participação ativa democrática na vida social, e a responsabilidade social, tendo em conta o sistema político e social, este justo e equitativo a cada pessoa, criando uma relação de confiança, privacidade e confidencialidade entre o profissional e a pessoa, ou seja, há o respeito pelos direitos humanos, de modo a proporcionar aos sujeitos maior bem-estar, respeitando a sua dignidade e promovendo a justiça social (Caparrós, 1998; Serafim, 2004).

Ao nível escolar o baixo nível de rendimento dos alunos, o insucesso escolar e o desinteresse pela aprendizagem, conduzem a comportamentos de risco, como comportamentos agressivos. Estes são alguns dos grandes problemas que as escolas enfrentam, sendo que se relacionam com fatores de âmbito pessoal, familiar e social, como escolar. Neste contexto é crucial a intervenção de profissionais nas escolas, de modo a combater as problemáticas existentes, criando estratégias de intervenção adequadas a cada caso. Devido à complexidade dos problemas, a intervenção deve envolver diversos

profissionais, ou seja, uma equipa multidisciplinar, abarcando assistentes sociais, educadores, professores, psicólogos, de modo a contribuir para uma intervenção o mais adequado possível (Novais, Prola, Mesquita, Gomes, Vilar, & Bressan, 2001).

Neste sentido, foi criado, através do decreto de lei nº 190/91 de 17 de Maio, o Serviço de Psicologia e Orientação, ao qual teriam de pertencer psicólogos, professores e assistentes sociais. O objetivo deste serviço passava pelo auxílio aos alunos na orientação educativa, inserindo-os assim na rede escolar através de uma orientação psicológica, escolar e profissional personalizada. No entanto, verifica-se que existe um desequilíbrio na formação destas equipas de apoio, pois segundo a legislação as equipas têm de estar compostas por, pelo menos, três profissionais de áreas distintas, o que não se efetiva, sendo que os assistentes sociais estão sub-representados. Pela indefinição da legislação em relação aos assistentes sociais executarem funções em escolas, foi criado um documento, por assistentes sociais, denominado de “Linhas Orientadoras do Serviço Social” em que define as suas funções ao nível do contexto escolar (SPO, s/d, cit. in Sebastião, & Correia, 2007).

O papel do assistente social no contexto escolar surge como forma de mediação entre a escola, o aluno, a família/cuidadores e o meio social em que se insere, comunidade e serviços envolventes. O profissional participa numa equipa multidisciplinar de carácter psicopedagógico, atuando numa medida de intervenção e prevenção ao nível educativo, criando atividades construtivas e pró-ativas, contribuindo assim para a resolução de problemas que afetam diversos alunos (Ander-Egg, 1995; Novais et al., 2001).

Assim sendo, um assistente social com funções numa escola deve colaborar no levantamento de todas as necessidades da comunidade educativa, identificar os alunos com necessidades específicas, e criar estratégias de intervenção adequadas à população-alvo, como medidas preventivas e reparadoras, em colaboração com outros técnicos e serviços do exterior, de modo a criar uma intervenção o mais adequado possível a cada aluno.

As funções dos assistentes sociais passam geralmente por integrar equipas de apoio e criar condições para que a relação pais/educadores e escola seja mais estreita, integrando os alunos na escola com necessidades ou problemas de diversa ordem, comunicando com os professores, de modo a compreender as falhas escolares dos alunos e procurar estratégias de intervenção de modo a ultrapassar a situação-problema, estabelecendo assim contactos de forma regular com todos os profissionais que exercem funções na escola, bem como com familiares/educadores dos alunos. Neste sentido, verifica-se que as principais funções de um assistente social na escola passa por trabalhar com as famílias/educadores e os seus educandos

numa situação-problema, procurar orientar os pais e aproximá-los do contexto escolar e do percurso dos seus educandos, incentivando e motivando os pais/encarregados de educação a ir à escola com regularidade, de forma a ficarem informados acerca das atividades e percurso escolar do mesmo, perceber e criar ações de promoção para o sucesso escolar, bem como estratégias de intervenção contra o absentismo e abandono escolar, criar momentos de reflexão dos pais acerca dos problemas de educação dos filhos, criar estratégias de prevenção e de intervenção para os comportamentos agressivos, de forma a erradicar situações de violência na escola, problemas psicossociais e delinquência apresentada pelos alunos, bem como, outros comportamentos de risco, sensibilizar a comunidade escolar para os problemas sociais e necessidades da comunidade, estimular e orientar o aluno para um percurso escolar exemplar, promover a responsabilidade tanto dos alunos como familiares, acerca do seu papel e percurso de vida e escolar, criar laços de cooperação, autoconfiança e valorização pessoal e informar, auxiliar e encaminhar para diversos serviços de apoios existentes para as famílias com necessidades e dificuldades financeiras, bem como realizar visitas domiciliárias de forma a conhecer a realidade concreta dos problemas familiares existentes (Ander-Egg, 1995; Novais et al., 2001; SPO, s/d, cit. in Sebastião, & Correia, 2007).

O assistente social no desempenho das suas funções, numa primeira fase realiza o diagnóstico social, que se caracteriza pelo levantamento e estudo da situação-problema e de toda a sua envolvência, este é um processo contínuo, em permanente atualização, seguindo-se da programação da ação, tendo em conta o levantamento efetuado a partir do diagnóstico. Numa fase posterior é feita a intervenção, esta adequada ao caso, seguindo-se por fim a avaliação, concluindo se os objetivos estipulados foram ou não cumpridos. A atuação do assistente social é considerada sistémica e ecológica, na medida em que tudo está relacionado, pois nada ocorre de forma isolada, ou seja, na intervenção existe uma troca complexa e constante de relações em rede, com diversos serviços e realidades, que contribuem para uma intervenção holística. Neste sentido, o assistente social atua a três níveis, no microsistema, no mesosistema e no macrosistema (Ander-Egg, & Idáñez, 1995). Ao nível micro, engloba o sujeito e a sua rede familiar, a um nível meso, integra a sua vida social e a um nível macro, abarca o ambiente circundante ao sujeito, o ambiente externo, no qual o sujeito se encontra inserido (Moura, 2006; Mouro, 2009).

Verifica-se assim que para o sucesso e eficácia de uma intervenção com alunos e familiares/educadores, e para combater as carências múltiplas destes, a intervenção tem de ser holística, englobando diversos serviços, como a educação, a saúde, a segurança social e outros

apoios sociais. Em resumo, o assistente social rege a sua intervenção numa equipa multidisciplinar, e em rede, em que todos os agentes educativos e institucionais da comunidade devem estar em permanente interligação e colaboração, de modo a trabalhar todos para o mesmo objetivo e contribuir para o desenvolvimento da educação (Sebastião, & Correia, 2007).

Verifica-se assim uma extrema importância de integração de assistentes sociais nas escolas, pois contribui para uma melhoria das condições dos alunos, em realizar o seu percurso escolar de forma integrada, em todo o meio escolar e envolvente. Em Portugal, e mais concretamente no arquipélago da Madeira, existem poucas escolas e poucos profissionais de serviço social a atuar.

Capítulo III. Violência entre pares (*bullying* - agressores) em meio rural e urbano

O capítulo III faz referência à violência entre pares no contexto escolar, mais precisamente ao *bullying*, através da revisão da literatura de agressores em meio rural e urbano.

3.1. Revisão da literatura

A nível internacional, no Brasil, realizou-se uma pesquisa em escolas públicas do Meio-Oeste Catarinense, em 2011, em que foram selecionadas uma escola no meio rural, uma no meio central e uma num bairro com condições de risco, num meio vulnerável, com o intuito de comparar a atuação do *bullying* nesses diferentes espaços. Participaram neste estudo 54 alunos, em que 29 eram rapazes e 25 raparigas, com idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos. A recolha de dados foi feita através de um questionário aplicado aos alunos selecionados. No que diz respeito ao *bullying* indireto, os autores verificaram uma maior incidência de ocorrência nas raparigas (47%) do que nos rapazes (31%), sendo que este prevalece no meio rural (20%) em detrimento da área urbana periférica (15%) e da área urbana central (7%). No *bullying* verbal constatou-se maior incidência na escola do meio rural (75%), seguindo-se a escola da área urbana periférica (60%) e a escola da área urbana central (57%), sendo que houve maior incidência nas raparigas (68%), em relação aos rapazes (65%). O *bullying* físico foi maior na escola da área central urbana (43%), seguindo-se a escola urbana periférica (35%) e a escola rural (25%), sendo que foi maior nos rapazes (41%) do que nas raparigas (24%). Através deste estudo constatou-se que existem em todas as escola índices de *bullying*, apesar dos diferentes contextos em que as escolas se encontram. Na

escola da área rural predomina o *bullying* verbal e psicológico, sendo que na escola da área urbana central predomina o *bullying* físico. A escola da área urbana periférica é a que apresenta uma incidência menor do *bullying*. O *bullying* verbal é o mais utilizado por todos os alunos, apresentando uma taxa de 65%. Existe uma diferença na utilização do *bullying* ao nível do género, sendo que as raparigas utilizam mais o indireto, com ameaças, exclusão, e o verbal, chamar nomes, e os rapazes o físico, bater e empurrar (Kuhn, Lyra, & Tosi, 2011).

Num estudo realizado por Mayer e Kloh, em 2014, com o objetivo de verificar se existiam diferenças ao nível do *bullying* entre uma escola na zona urbana e uma escola na zona rural, do município de Santa Cruz do Sul, Brasil, verificou-se que a agressividade era mais prevalente nos alunos da escola urbana (44%) do que nos da escola rural (34,8%). Em ambas as escolas predominou, o *bullying* verbal, sendo a sua maior incidência na escola rural (30,6%) comparando com a urbana (15,2%). O recreio foi o local predileto para a ocorrência do *bullying*, tanto na escola rural (19,6%) como na urbana (16,9%).

Segundo o estudo de Salmon, James e Smith, desenvolvido em 1998, as regiões geográficas parecem ser uma variável a ter em consideração aquando do estudo do *bullying*, sendo os números mais elevados na zona urbana em comparação à rural (Salmon, James, & Smith, 1998, cit. in Fernandes, & Seixas, 2012). Não obstante, segundo Isernhagen, e Harris, em 2004, o *bullying* está muito presente nas escolas rurais, sendo um problema que afeta diversos alunos e caracteriza-se pela agressão de diversas formas, repetindo-se ao longo do tempo.

Segundo Sebastião e colaboradores, em 2004, verifica-se que em diversos estudos, desenvolvidos em Portugal, a violência em contexto escolar tem maior incidência, nas escolas situadas nas áreas urbanas e suburbanas das áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto. Nestes espaços escolares identificam as áreas com menos vigilância mais propícias à ocorrência de situações de agressão, tais como, balneários, casas de banho, pátio/recreio. As situações de *bullying* ocorrem tanto no interior como no exterior da escola, tendo maior incidência no interior, contudo o *bullying* está cada vez mais presente no exterior da escola, no percurso casa-escola. Os estudos apresentados indicam que este fenómeno é predominante no género masculino, pois tanto nos agressores como nas vítimas, são encontrados valores mais elevados neste género.

De modo a verificar se existiam diferenças no *bullying* escolar em Portugal entre o meio rural e o urbano, Silva, em 1995, desenvolveu um estudo que envolveu uma amostra de 467 alunos (217 de meio rural e 250 meio urbano) do 3º ciclo, com idades compreendidas entre os

12 e os 18 anos. Através deste estudo verificou-se uma percentagem maior de vítimas e agressores na escola do meio rural em relação à escola do meio urbano, e em ambos os meios escolares os agressores foram maioritariamente rapazes. Verificou-se ainda a existência de uma tendência dos alunos mais velhos agredirem os mais novos, principalmente nos rapazes. Relativamente às raparigas da escola do meio urbano verificou-se maior utilização dos insultos, ameaças e provocações, espalhando boatos. Em relação aos rapazes verificou-se mais agressões físicas. Quanto aos alunos da escola do meio rural, as raparigas utilizaram mais o roubo e as provocações. Em relação aos rapazes verificou-se uma maior utilização de insultos, agressões físicas, ameaças e criação de boatos. Com este estudo constatou-se que o local predileto para as agressões é o recreio, independentemente de ser numa escola no meio rural ou urbano (Silva, 1995, cit. in Ferraz, 2008).

Os autores Pereira, Mendonça, Neto, Valente e Smith, em 2004, fizeram uma investigação no sentido de perceber se o *bullying* assumia características distintas ou semelhantes em pontos diferentes do país (Lisboa, Guimarães e Braga). Esta investigação iniciou pelo facto dos dois locais (centro e norte) a estudar serem diferentes ao nível populacional, e nas suas influências, podendo ter traduções diferentes acerca do problema, mas igualmente importantes. Concluiu-se que a percentagem tanto das vítimas como dos agressores, de ambos os locais, não tinham um nível de diferenciação significativo.

Segundo o estudo realizado por Silva, em 2012, acerca do *bullying* no distrito de Aveiro, verificou-se que a percentagem de alunos agressores na escola rural (42,7%) era superior à escola urbana (19%), sendo que na escola do meio rural os agressores eram maioritariamente do sexo masculino, comparativamente aos alunos da escola urbana. O fato de haver uma percentagem mais elevada de agressores na escola rural, foi justificado por existirem mais classes sociais carenciadas na zona, ao qual utilizam a violência como forma de resolução de conflitos, sendo que os cuidadores não transmitem valores e competências sociais, nos alunos, como a assertividade. Neste estudo, constatou-se que a maioria dos agressores aquando a agressão, encontram-se acompanhados, por colegas/amigos (44,8%), sendo maioritariamente do género feminino (62,9%) em relação ao masculino (32,7%), seguindo-se dos agressores que agredem quando estão sós ou acompanhados (35,6%) e por último os agressores que agredem quando estão sós (19,5%). Os valores referenciados caracterizam as duas escolas, sendo que segundo o autor não existem diferenças significativas entre estas. Segundo o mesmo estudo, e analisando as duas escolas conjuntamente, apurou-se que os agressores utilizam maioritariamente o *bullying* verbal (71,3%), seguindo-se o físico

(32,2%), o relacional (28,7%) e o psicológico (12,7%). Ao analisar os tipos de *bullying* utilizados em cada escola, verificou-se que os agressores da escola rural utilizam com maior frequência o *bullying* físico e o relacional, e os da escola urbana, precisamente agressores do gênero feminino, utilizam com maior frequência o relacional. Em relação ao local da ocorrência do *bullying*, em ambas as escolas, verificou-se maior percentagem de agressores que agredem no recreio (58,6%), seguindo-se dos corredores da escola (44,8%), da sala de aula (17,2%), da cantina (9,2%) e por último da casa de banho (6,9%).

Tanto a nível internacional, como a nível nacional, em Portugal, os estudos acerca das diferenças existentes no *bullying* em contextos escolares e geográficos diferentes são escassos, já no arquipélago da Madeira não foram encontrados estudos com estas características.

Parte II – Estudo empírico

A segunda parte faz referência ao estudo empírico, dividindo-se em quatro capítulos, incluindo os objetivos da investigação, a metodologia, a apresentação dos resultados e a sua discussão.

Capítulo IV. Objetivos da investigação

O capítulo IV identifica a problemática de investigação, como também o objetivo geral e os específicos.

4.1. Identificação da problemática de investigação

A problemática de investigação centra-se ao nível da violência entre pares no contexto escolar, *bullying*, sendo um estudo comparativo, pois considera-se pertinente a comparação deste fenómeno em dois contextos escolares e geográficos distintos, sendo que os estudos nesta área específica são escassos, e esta é uma problemática social com a qual nos confrontamos diariamente. Pretende-se assim, com esta investigação, compreender se existem diferenças entre agressores relativamente à violência entre pares, *bullying*, em contextos escolares/geográficos distintos. Perceber quais os fatores predisponentes para o *bullying*, através da dimensão individual do agressor e dos seus respetivos contextos escolar e sociofamiliar, ou seja, através do perfil dos agressores, e compreender se existem diferenças ao nível do *bullying* utilizado. A médio prazo, o objetivo desta investigação passa também por auxiliar os profissionais a criar projetos internos em cada escola, específicos e adequados à sua realidade, com o objetivo de prevenir e erradicar o *bullying* no espaço escolar, pois os programas de intervenção nesta área são geralmente, criados a nível nacional e replicados por todas as escolas, sendo que estas formas de atuação, por vezes, não se enquadram ao tipo de realidade específica de cada escola. A realização de investigação nesta área, contribui para um conhecimento da dinâmica de funcionamento de alguns dos alunos agressores identificados pelas duas escolas selecionadas (rural e urbana), contribuindo não só para uma melhor atuação por parte dos profissionais, como também para a criação de programas adequados a cada realidade escolar, no sentido de atenuar as situações de *bullying* nas escolas.

Ao nível social verifica-se que a violência entre pares no contexto escolar, é um tema atual, que afeta diversos alunos. Segundo o Observatório de Segurança em Meio Escolar, no ano letivo 2010/2011, verificou-se a existência de 874 casos de violência escolar contra alunos, mais 30 casos que no ano letivo anterior, segundo informações divulgadas a 6 de

Abril de 2012 (Lusa, 2012). Verifica-se assim que este número tem vindo a aumentar, sendo crucial haver uma investigação sobre a temática, de modo a contribuir para a criação de uma intervenção mais adequada, com o intuito de diminuir ou erradicar as situações de violência/*bullying*.

4.2. Objetivo geral

O estudo tem como objetivo geral conhecer se existem diferenças na violência/*bullying* entre pares, por parte de oito agressores, entre uma escola no meio rural e uma escola no meio urbano.

4.3. Objetivos específicos

Os objetivos específicos definidos foram os seguintes: identificar os fatores predisponentes da violência/*bullying* (ao nível individual, contexto escolar e contexto sociofamiliar) entre pares no contexto escolar; conhecer a violência/*bullying* utilizada entre pares em contexto escolar; identificar as diferenças entre os agressores da escola do meio rural e do meio urbano; e identificar as diferenças de género entre agressores da escola do meio rural e do meio urbano.

Capítulo V. Metodologia de Investigação

No que toca à metodologia de investigação é referido o desenho da investigação, os participantes, as técnicas de recolha de dados e o procedimento.

5.1. Desenho da Investigação

Relativamente à metodologia de investigação foi adotado um enfoque qualitativo, que segundo Pereira e Diogo (2011), é uma tentativa de compreender, explicar e descrever um fenómeno.

5.2. Participantes

A amostra selecionada foi não-probabilística, ou seja, representa um grupo de pessoas que foi selecionado tendo em conta as características da pesquisa. Esta caracteriza-se por ser de conveniência, ao qual os elementos da amostra foram selecionados por possuírem características que auxiliam a desenvolver a investigação (Sampieri et al., 2006). Desta forma a amostra é constituída por oito adolescentes, quatro do género masculino e quatro feminino,

com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos, sendo a média de idades de 14,75. Destes oito adolescentes, quatro frequentam uma escola na área urbana da Ilha da Madeira, Funchal, sendo que são dois rapazes e duas raparigas, e os restantes frequentam uma escola na área rural da Ilha da Madeira, Santana, sendo também dois rapazes e duas raparigas. Os alunos selecionados são agressores, de acordo com os critérios definidos pela escola, e frequentam o 3º ciclo do ensino básico, pois de acordo com um estudo realizado por Sebastião, em 2009, é no “...3º Ciclo do Ensino Básico que se encontra uma parte significativa da conflitualidade nas escolas” (p.53), daí a amostra ser extraída a partir de alunos agressores do 3º ciclo. Destes adolescentes seis estão no 7º ano e dois no 9º ano, sendo que a média de anos de frequência escolar, a contar o ano de frequência e as reprovações dos oito alunos, é de 9,375.

5.3. Técnicas de recolha de dados

A principal técnica de recolha da informação foi a aplicação da entrevista estruturada exploratória, aos oito alunos selecionados. No tratamento dos dados utilizou-se a análise de conteúdo, pois esta permite descrever de forma concreta o conteúdo recolhido, tendo como objetivo a sua interpretação (Carmo, & Ferreira, 1998).

A análise de conteúdo da entrevista está estruturada em quatro dimensões⁴, a dimensão individual, o contexto escolar, o contexto sociofamiliar e o *bullying*. Cada dimensão analisa diversas categorias. A dimensão individual divide-se no género, na idade, na autoestima, nos comportamentos de risco e na legitimação dos conflitos. O contexto escolar, aborda o ano de escolaridade, o aproveitamento escolar, a popularidade, o respeito por figuras de autoridade e o acompanhamento escolar. O contexto sociofamiliar, abarca o suporte familiar, o estatuto socioeconómico, a violência doméstica e os estilos parentais. Relativamente à dimensão do *bullying*, engloba os tipos de *bullying*, entre eles o físico, o verbal, o psicológico, o relacional e o sexual, integra igualmente, a frequência, ou seja qual o tipo de *bullying* mais utilizado, a localização, o número de vítimas, aludindo se a vítima é sempre a mesma ou varia, a idade das vítimas e as influências, referindo se os alunos têm comportamentos de *bullying* quando estão sós ou acompanhados.

⁴ Ver apêndice I – Grelha utilizada para análise de conteúdo.

5.4. Procedimento

Numa primeira fase foi necessário dirigir um pedido de autorização à Direção Regional de Educação⁵, o qual foi deferido⁶. Posteriormente, foi pedida autorização, para a realização da investigação através de contacto direto e verbal, à escola no Funchal e em Santana. Os alunos agressores foram selecionados pelas psicólogas e professoras das respetivas escolas, utilizando os seus próprios critérios. Foi pedida uma autorização⁷ por escrito aos encarregados de educação dos alunos que participaram no estudo. Aos alunos, para que pudessem participar de forma informada e tendo em consideração a ética e deontologia de um processo de investigação, deu-se uma explicação do estudo e solicitou-se a sua autorização verbalmente. Foi crucial o estabelecimento de uma ligação com os diretores de turma dos alunos selecionados, de modo a agendar as entrevistas em horário que se considerasse adequado a todos os intervenientes.

O guião da entrevista⁸ foi criado e ajustado aos objetivos da investigação, bem como, foi tido em conta a bibliografia consultada e analisada. Após estes procedimentos, a recolha de informação efetivou-se com a aplicação da entrevista⁹ aos alunos selecionados, que teve em linha de conta a disponibilidade dos intervenientes, bem como foi pedida autorização para gravar a entrevista em áudio, permitindo assim relatar as singularidades de cada aluno. Posteriormente, foi realizada a transcrição das entrevistas, bem como, a análise de conteúdo¹⁰ dos dados recolhidos e a sua respetiva discussão.

Após a defesa da investigação, será dado *feedback* relativo às conclusões do estudo, a todos os intervenientes no processo de investigação.

Capítulo VI. Apresentação dos Resultados

O presente capítulo abarca a apresentação dos resultados ao nível dos fatores predisponentes do *bullying*, estes numa dimensão individual, contexto escolar e sociofamiliar, o *bullying* utilizado, as diferenças entre os agressores da escola do meio rural e do meio urbano e as diferenças de género entre agressores do meio rural e urbano. De forma a manter o anonimato dos alunos, estes foram classificados como rural masculino 1 e 2 (RM1 e RM2) para os alunos do sexo masculino da escola rural, e rural feminino 1 e 2 (RF1 e RF2) para as

⁵ Ver apêndice II – Pedido de autorização para a realização do estudo à Direção Regional de Educação.

⁶ Ver anexo I – Autorização cedida pela Direção Regional de Educação para a realização da investigação.

⁷ Ver apêndice III – Pedido de autorização para a realização do estudo aos encarregados de educação dos alunos selecionados.

⁸ Ver apêndice IV – Guião da entrevista.

⁹ Ver apêndice V – Calendarização das entrevistas.

¹⁰ Ver apêndice VI – Grelha de análise de conteúdo das entrevistas.

alunas do sexo feminino da escola rural, os alunos da escola urbana foram classificados como urbano masculino 1 e 2 (UM1 e UM2), e urbano feminino 1 e 2 (UF1 e UF2).

6.1. Fatores predisponentes da violência/*bullying* entre pares no contexto escolar

A entrevista teve como objetivo obter informações acerca dos fatores predisponentes do *bullying* por parte dos agressores, tanto numa escola do meio rural como do meio urbano, dividindo-se no nível individual, no contexto escolar e no contexto sociofamiliar.

6.1.1. Nível individual

Através do nível individual pretendeu-se saber o género e a idade dos alunos, a percepção da autoestima, os comportamentos de risco e a legitimação de conflitos.

Género

Foram entrevistados oito indivíduos, dois rapazes e duas raparigas de uma escola rural e dois rapazes e duas raparigas de uma escola urbana, perfazendo um total de oito alunos.

Idade

Na escola do meio rural os alunos têm uma média de idades de 14,5 anos. Do sexo masculino, o RM1 tem 14 anos e o RM2 15 anos; as alunas do sexo feminino têm 14 anos (RF1) e 15 anos (RF2).

Verifica-se que nos alunos da escola do meio urbano, a média de idades é de 15,25 anos. Os rapazes têm, um 12 anos (UM1) e o outro 14 anos (UM2) e as raparigas, a UF1 tem 16 anos e a UF2 tem 19 anos.

Autoestima

As categorias para definir a autoestima basearam-se no gosto que alunos tinham sobre si enquanto pessoa, enquanto aluno, enquanto colega de escola, enquanto atleta, na aparência física, enquanto namorado, em relação ao seu comportamento, enquanto amigo, enquanto filho e enquanto irmão, classificando estas categorias de 1 a 5, sendo que o “1” correspondia que não gosta nada de si, “2” pouco, “3” mais ou menos, “4” gosta muito de si, e “5” muitíssimo.

O RM1 classificou de “3” que gosta de si enquanto pessoa, “2” enquanto aluno, “5” enquanto colega de escola, “5” enquanto atleta, ou desportista, “4” na aparência física, “3”

enquanto namorado, “2” em relação ao seu comportamento, “5” enquanto amigo, “4” enquanto filho e “5” enquanto irmão.

O RM2 classificou de “5” que gosta de si enquanto pessoa, “3” enquanto aluno, “3” enquanto colega de escola, “4” enquanto atleta, ou desportista, “5” na aparência física, “4” enquanto namorado, “4” em relação ao seu comportamento, “4” enquanto amigo, “5” enquanto filho, e enquanto irmão não houve classificação pois o aluno não possui irmãos.

A RF1 classificou de “5” que gosta de si enquanto pessoa, “5” enquanto aluna, “4” enquanto colega de escola, “1” enquanto atleta, ou desportista, “3” na aparência física, “1” enquanto namorada, “5” em relação ao seu comportamento, “4” enquanto amiga, “5” enquanto filha e “5” enquanto irmã.

A RF2 classificou de “5” que gosta de si enquanto pessoa, “3” enquanto aluna, “4” enquanto colega de escola, “5” enquanto atleta, ou desportista, “4” na aparência física, “5” enquanto namorada, “3” em relação ao seu comportamento, “4” enquanto amiga, enquanto filha, ficou um pouco pensativa antes de responder, e respondeu depois “3, *não sou assim tão má*”, e “4” enquanto irmã.

O UM1 classificou de “4” que gosta de si enquanto pessoa, “3” enquanto aluno, “4” enquanto colega de escola, “4” enquanto atleta, ou desportista, “3” na aparência física, “2” enquanto namorado, “1” em relação ao seu comportamento, “4” enquanto amigo, “2” enquanto filho e “3” enquanto irmão.

O UM2 classificou de “5” que gosta de si enquanto pessoa, “4” enquanto aluno, “5” enquanto colega de escola, “4” enquanto atleta, ou desportista, “4” na aparência física, “3” enquanto namorado, “3” em relação ao seu comportamento, “5” enquanto amigo, “3” enquanto filho e “3” enquanto irmão.

A UF1 classificou de “4” que gosta de si enquanto pessoa, “3” enquanto aluna, “3” enquanto colega de escola, “2” enquanto atleta, ou desportista, “3” na aparência física, “4” enquanto namorada, “3” em relação ao seu comportamento, “4” enquanto amiga, “5” enquanto filha e “3” enquanto irmã.

A UF2 classificou de “5” que gosta de si enquanto pessoa, “3” enquanto aluna, “5” enquanto colega de escola, “5” enquanto atleta, ou desportista, “3” na aparência física, “5” enquanto namorada, “3” em relação ao seu comportamento, “5” enquanto amiga, “3” enquanto filha e “3” enquanto irmã.

Comportamentos de risco

Em relação aos comportamentos de risco o RM1 refere que costuma beber álcool “*em festas*” (op. cit.). Em relação a fumar disse “*fumo*” (op. cit.). Quanto ao consumo de drogas o aluno referiu “*já, já experimentei, mas não costumo*” (op. cit.).

O RM2 respondeu “*já*” (op. cit.) relativamente a consumir álcool sendo que é “*às vezes nas festas*” (op. cit.). Consome tabaco, pois quando questionado respondeu “*fumo*” (op. cit.). Quanto ao consumo de drogas refere “*já, já experimentei*” (op. cit.), mas não costuma consumir respondendo “*não*” (op. cit.) ao consumo de droga.

A aluna identificada como RF1 respondeu “*não*” (op. cit.) quanto a consumir álcool, tabaco e drogas.

A aluna identificada como RF2 respondeu “*sim*” (op. cit.) quanto ao consumo de álcool, referindo “*foi assim, para experimentar, a primeira vez*” (op. cit.), experimentando somente, e não está a consumir. Relativamente ao consumo de tabaco refere “*já experimentei*” (op. cit.), ao qual foi só para experimentar. Em relação às drogas refere “*não*” (op. cit.) ao seu consumo.

O UM1 responde “*não*” (op. cit.) quanto ao consumo de álcool, e refere “*já*” (op. cit.) ter consumido tabaco, sendo que diz em relação ao seu consumo “*não, foi só para experimentar*” (op. cit.) e responde “*não*” (op. cit.) quanto ao consumo de droga.

O aluno UM2 responde “*não*” (op. cit.) quanto a consumir álcool, tabaco e drogas.

A UF1 responde “*não, nunca, não a sério não*” (op. cit.) quanto a se já experimentou e consumiu álcool, referindo “*também não*” (op. cit.) ao consumo de tabaco, e dizendo “*não isso é coisas que eu não gosto*” (op. cit.) “*não mesmo, não experimentei nem quero experimentar*” (op. cit.) quanto a drogas.

A UF2 responde quanto ao consumo de álcool “*não, eu só consumo álcool em festas, é raramente mesmo, raramente*” (op. cit.). Em relação ao consumo de tabaco a aluna responde “*não, já consumi, foi só para experimentar*” (op. cit.). Em relação ao consumo de droga a UF2 responde “*droga nunca*” (op. cit.).

Legitimação de conflitos

Quanto à legitimação de conflitos o RM1 na questão de haver conflitos entre si e os seus colegas ele responde “*não*” (op. cit.). Em relação a se gosta de provocar outras pessoas o aluno responde “*gosto de chatear*” (op. cit.). Perguntado se gosta de chatear os colegas por ser divertido o RM1 responde “*sim, os colegas riem-se*” (op. cit.). Em relação a se quer que os colegas pensem que é o maior da escola o aluno responde “*não*” (op. cit.). Quanto a se vingar

dos outros o aluno refere “*mais ou menos*” (op. cit.). Responde “*não*” (op. cit.) a se gosta de se mostrar perante os colegas. Relativamente a chatear os outros se ele considera que o faz sentir mais forte ou importante, responde “*não*” (op. cit.), e responde igualmente “*não*” (op. cit.) se estas situações ocorrem quando está zangado ou triste.

O aluno RM2 refere “*algumas vezes*” (op. cit.) existir conflitos entre ele e os colegas, pois “*às vezes eles chamam nomes e às vezes eu chamo a eles*” (op. cit.), e quem inicia os conflitos é repartido, “*às vezes é eles, às vezes sou eu*” (op. cit.). Responde “*não*” (op. cit.) quanto a gostar de provocar os outros, e considera “*às vezes sim, outras vezes não*” (op. cit.) a ser divertido fazê-lo. Se o aluno gosta que os colegas pensem que é superior aos outros responde “*não*” (op. cit.). Quanto a se gosta de se vingar responde “*às vezes*” (op. cit.). Refere “*não*” (op. cit.) relativamente a se gosta de se mostrar perante os colegas, e se considera que entrar em conflitos e provocar os outros o faz sentir mais importante ou mais forte. Quando perguntado se estes comportamentos ocorrem quando o aluno está zangado ou triste, o aluno refere “*quando tou zangado*” (op. cit.).

A aluna RF1 refere existir “*às vezes*” (op. cit.) conflitos entre si e outros colegas, referindo que “*os outros*” (op. cit.) é que começam os conflitos, mas quando perguntado se ela também inicia esta [abana com a cabeça a dizer que sim]. A RF1 refere “*não*” (op. cit.) quanto a gostar de provocar os outros, referindo a mesma resposta sobre se considera divertido provocar os outros, se gosta que os seus colegas pensem que é a mais forte, a maior da escola, e refere igualmente “*não*” (op. cit.) quanto a gostar de se vingar dos outros. Responde “*sim*” (op. cit.) quanto a se gosta de se mostrar perante os outros. Responde “*não*” (op. cit.) quanto a se provocar os outros a faz sentir mais importante e mais forte. A aluna [abana com a cabeça a dizer que não] quando questionada se estas situações ocorrem quando ela está triste, zangada, ou assustada.

A RF2 quando questionada se existem conflitos entre ela e os colegas responde “*às vezes quando me enervam*” (op. cit.), dizendo que enervam “*porque tocam em coisas que não são chamados para a conversa e eu não gosto, e às vezes falto ao respeito*” (op. cit.), como “*chamar nomes ou chamar nomes à família ou pessoas que agente gosta bastante*” (op. cit.). Refere como sendo “*os outros*” (op. cit.) que iniciam os conflitos, embora quando questionada se também a RF2 inicia ela responde “*eu às vezes respondo, mas respondo quando eu me enervo eu digo tudo e mais alguma coisa*” (op. cit.), e refere “*uma vez teve para iniciar sem querer*” (op. cit.), dizendo “*sem querer dei um chapadão a uma rapariga porque ela tocou no nome da minha mãe e isso eu não admito a ninguém*” (op. cit.). A aluna responde “*não*” (op. cit.).

cit.), quanto a gostar de provocar os outros, e quanto a se considera que provocar é divertido, bem como a se gosta que os colegas pensem que é a mais forte, a maior da escola. Quando questionada se gosta de se vingar a aluna responde “*depende*” (op. cit.). Responde “*não*” (op. cit.) relativamente a se gosta de se mostrar perante os colegas. Refere “*acho que só enfraquece a autoestima da pessoa*” (op. cit.), quando questionada se provocar os outros a faz sentir mais forte e importante, e responde “*não*” (op. cit.), quando questionada se estas situações ocorrem quando ela está triste, zangada ou assustada.

O aluno UM1 responde “*sim*” (op. cit.) relativamente a se tem conflitos entre si e outros colegas, traduzindo-se em “*chamar nomes, várias agressões, mentiras*” (op. cit.), dizendo que quem inicia esses conflitos são “*os colegas, os colegas não têm nada a perder dentro da sala, há uns que gostam de armar confusões*” (op. cit.). O aluno refere “*não*” (op. cit.) quanto a gostar de provocar os outros e se considera que provocar é divertido, bem como expressa a mesma resposta quando questionado se gosta que os colegas pensem que ele é o mais forte, o maior da escola. Relativamente a se o aluno gosta de se vingar o UM1 responde “*gosto*” (op. cit.). Diz “*não*” (op. cit.) quanto a se gosta de se mostrar perante os outros e se vingar, ou se provocar os outros o faz sentir mais forte e importante. O aluno responde “*sim*” (op. cit.) que ocorrem estas situações de conflitos quando o UM1 está triste, assustado ou zangado.

O UM2 refere que “*de vez em quando*” (op. cit.) existem conflitos entre si e os colegas, referindo ser “*por causa de problemas*” (op. cit.). O aluno responde “*é às vezes, às vezes sou eu às vezes é os outros*” (op. cit.) para quem inicia os conflitos. Quando questionado se gosta de provocar os outros o UM2 diz “*só se me provocarem, também provoco*” (op. cit.). Responde “*não, não é divertido*” (op. cit.) se considera que provocar é divertido. Questionado se gosta que os colegas pensem que é o mais forte o aluno responde “*claro, quem é que não gosta*” (op. cit.). Quanto a se gosta de se vingar dos outros o aluno responde “*depende, depende da situação*” (op. cit.). O UM2 diz “*sim (...)*” (op. cit.) que gosta de se mostrar perante os outros. Refere que provocar os colegas não o faz sentir mais importante e mais forte, respondendo “*não*” (op. cit.). Se estas situações correm por vezes por estar zangado, triste ou assustado, o aluno responde “*maldisposto, sim*” (op. cit.).

A UF1 responde “*alguns [risos]*” (op. cit.) quando questionada se existem conflitos entre si e colegas, referindo “*que eu sou daquelas de tipo de pessoa que não pode ser provocado, sobe-me logo os nervos à cabeça [risos] (...) e eu também exalto-me muito*” (op. cit.), referindo que estas situações ocorrem “*um pedaço [risos], um pedaço mais pa muitas*” (op. cit.). Quem normalmente inicia os conflitos a aluna refere “*é assim eu não posso dizer*

que também é só os outros porque às vezes eu também provoço” (op. cit.), dando o exemplo *“olhe enervo-me, quando eu vejo que estão a dizer alguma coisa de mim por trás e não me diguem na cara isso é uma coisa que eu não gosto e eu começo a provocar mesmo que é para eles me virem dizer na cara”* (op. cit.). A aluna responde *“não, nem por isso, não é nada divertido (...)”* (op. cit.) quando questionada se considera que provocar os outros é divertido. A UF1 responde *“não, nem por isso, não gosto de ser a maior nem a mais convencida”* (op. cit.), quanto a se gosta que os colegas pensem que ela é a maior, a mais forte da escola. Relativamente a se a aluna gosta de se vingar ela responde *“se eles me fazem alguma coisa de mal sim, faço de vingança”* (op. cit.). A aluna responde *“nem por isso”* (op. cit.) quanto a se gosta de se mostrar perante os outros. Relativamente a se provocar alguém faz a aluna sentir-se mais forte e importante ela responde *“não, apenas eu quero é que, pronto eu não quero ser mais ou menos do que ninguém quero ser igual a todos, é uma coisa que eu nunca consegui ser, apesar do meu feitio apesar do que aconteceu no meu passado e essas coisas todas, e prontos é isso, não gosto que me tratem mal porque se me tratarem mal também vou começar a tratar mal as pessoas, as pessoas que me tratem mal”* (op. cit.). Refere que no seu passado *“(...) eu nos meus 13 anos, que eu agora tenho 16, nos meus 13 pa 14, eu fui violada pelo meu próprio tio e a partir daí que eu nunca consegui ser a [refere o seu nome] que eu era, divertida e essas coisas, e a minha avó preferiu tirar por ele sabendo que era verdade que ele chegou a admitir e isso”* (op. cit.), dizendo que este episódio afetou a sua vida e o seu comportamento *“(...) mudei por completo, mudei mesmo, eu já não sinto que sou a [refere o seu nome] que eu era antes, posso ser divertida posso ser o que for mas não chega aos calcanhares da [refere o seu nome] que eu era antes”* (op. cit.). Refere ainda que *“(...) tinha bastantas negativas, mas eu conseguia recuperar, ficar sem nenhum, desta não consigo, não consigo mesmo, desde o 5º que eu não consigo”* (op. cit.). A aluna questionada se provoca os outros quando está triste, zangada ou assustada ela responde *“não (...)”* (op. cit.).

A UF2 refere existirem *“muitos”* (op. cit.) conflitos entre si e os colegas, sendo que esses conflitos ocorrem por causa de *“mentiras (...)”* (op. cit.). Quanto a quem inicia os conflitos a aluna responde *“depende, às vezes sou eu e outras vezes são os outros”* (op. cit.). A aluna responde *“também gosto de provocar”* (op. cit.), quando questionada se gosta de provocar os colegas. A UF2 refere *“não”* (op. cit.) quanto a se gosta de provocar os outros porque acha divertido, bem como transmite a mesma resposta quanto a se gosta que os colegas pensem que é superior, a maior da escola. A aluna refere gostar de se vingar dos outros, dizendo *“sim, quando eles se vigam de mim eu também me vingo da pessoa”* (op. cit.).

Diz “*não muito*” (op. cit.) quanto a gostar de se mostrar. Provocar os outros faz a aluna sentir-se mais forte ou importante, ela responde “*não, para quê, não vale apenas*” (op. cit.). Relativamente a se ocorrem estas situações quando a aluna está triste, zangada ou assustada ela responde “*só costume estar triste quando acontece mesmo alguma coisa de grave, ou o pessoal, ou a turma às vezes para de falar comigo ou etc., sobre outras confusões, depois então aí é que*” (op. cit.).

6.1.2. Contexto escolar

O contexto escolar abarca o ano de escolaridade dos alunos participantes, sendo que a prioridade foi tentar desvendar o aproveitamento escolar dos alunos, a sua popularidade, o respeito por figuras de autoridade, bem como, quem efetua o acompanhamento escolar dos alunos.

Ano de escolaridade

Relativamente ao contexto escolar todos os participantes frequentam o 3º ciclo.

Os quatro alunos da escola rural frequentam o 7º ano de escolaridade.

Os dois alunos do sexo masculino da escola urbana frequentam o 7º ano e as duas alunas do sexo feminino da escola urbana frequentam o 9º ano de escolaridade.

Aproveitamento escolar

O aluno RM1 reprovou, referindo “*já perdi*” (op. cit.), sendo dois anos “*dois, o 5º ano e o 7º*” (op. cit.). O entrevistado RM1 quando perguntado se considera a escola difícil refere “*não gosto da escola*” (op. cit.) “*é uma seca, até gosto da escola não gosto é das aulas*” (op. cit.). Quanto a se gosta de ir à escola responde “*mais ou menos*” (op. cit.), e de como se sente na escola “*não sei, sinto-me mais feliz porque tou com os colegas*” (op. cit.). Responde “*não*” (op. cit.) relativamente a se tem dificuldades escolares, mas refere ter dificuldades em algumas disciplinas “*tenho em francês e [pensativo], matemática*” (op. cit.), dizendo em relação a essas disciplinas “*acho um pedacinho difícil*” (op. cit.). O aluno refere “*não*” (op. cit.) quanto a se já teve algum problema na escola, não obstante diz já ter tido participações dizendo “*ah já, o ano passado*” (op. cit.), por “*mau comportamento, faltava às aulas, desde o 2º período deixei de ir às aulas de português, às aulas que eu não gostava, deixei de ir*” (op. cit.), pois “*os professores tavam sempre a implicar comigo, por isso comecei a faltar*” (op. cit.).

cit.), referindo que o mau comportamento traduzia-se em *“falar alto, fazer barulho, me levantar”* (op. cit.).

O RM2 já reprovou dois anos escolares, segundo o aluno *“perdi o 5º e o 4º”* (op. cit.). Considera a escola *“muito”* (op. cit.) difícil pois comenta *“não gosto disto”* (op. cit.) referindo não gostar de *“estudar”* (op. cit.). Quando perguntado se o aluno gosta de ir à escola, responde *“de vir à escola gosto, agora das aulas não gosto”* (op. cit.). E quanto a como se sente na escola, diz *“não me sinto bem bem, é mais ou menos”* (op. cit.). Relativamente às dificuldades escolares refere que tem dificuldades *“em todas”* (op. cit.) as disciplinas. Em relação a se o aluno já teve algum problema na escola este refere *“já”* (op. cit.), comentando *“eu faço uma coisa e eles metem participação”* (op. cit.).

A RF1 refere ter perdido dois anos, o *“2º e 7º”* (op. cit.). A aluna menciona *“não”* (op. cit.) quanto a se considera a escola difícil e *“sim”* (op. cit.) quanto a gosta de ir para a escola. Partilha sentir-se *“bem”* (op. cit.) na escola. Relativamente a se tem dificuldades escolares a RF1 responde *“este ano não”* (op. cit.), no entanto relata ter tido dificuldades *“nos anos anteriores, nos primeiros anos que eu tive”* (op. cit.), principalmente em *“matemática, português e inglês”* (op. cit.), referindo a causa *“porque não estudava”* (op. cit.), questionada se a aluna gosta de estudar ela [abana com a cabeça a dizer que não]. A aluna diz *“não”* (op. cit.) quanto a já ter tido algum problema na escola, mas diz *“este ano já”* (op. cit.) quanto a já ter tido uma participação.

A RF2 diz já ter perdido três anos escolares, justificando *“porque quando tava na escola [nome da primeira escola] só brincava e ria e falava, e acontecia que ia à escola [nome da segunda escola] e eu continuava a fazer igual até perceber que quanto mais brincava mais perdia o ano”* (op. cit.). Questionada se a aluna considera a escola difícil ela responde *“depende das disciplinas, que há disciplinas que eu tenho mais dificuldades e outras que para mim é fácil”* (op. cit.). Refere ter mais dificuldades em *“matemática e inglês”* (op. cit.). A RF2 responde *“sim”* (op. cit.) quanto a se gosta de ir à escola, dizendo que lá se sente *“confortável”* (op. cit.). A aluna refere já ter tido algum problema na escola, respondendo *“já, por causa de experimentar as bebidas que fui experimentar aqui dentro da escola”* (op. cit.), *“eu tava dentro da sala e a professora disse para eu me sentar e eu sem querer escorreguei da cadeira e depois tive que me sentar outra vez, e então a professora no final da aula percebeu que eu tava a cheirar a qualquer coisa menos normal, e então a professora chamou-me ao conselho executivo, eu vim aqui a cima com o professor [nome do professor] e*

o professor [nome do professor] mandou-me buscar as garrafas, e eu tive que ir buscar as garrafas” (op. cit.), referindo ter bebido “3” (op. cit.) garrafas sozinha.

O aluno UM1 responde “*não*” (op. cit.) quanto a se já reprovou algum ano, se considera a escola difícil e gosta de ir à escola, comentando que não gosta de ir à escola “*porque [pensativo] é aborrecido de tar aqui, dentro da sala*” (op. cit.). Refere quanto a como se sente na escola que “*nos intervalos brincar com os meus amigos, bem, dentro da sala há regras, nem sempre podemos tar como agente quer*” (op. cit.). O aluno refere, “*tenho*” (op. cit.) quanto a dificuldades escolares, dizendo que as suas maiores dificuldades são em “*inglês, francês e línguas*” (op. cit.). Refere “*não*” (op. cit.) ter tido nenhum problema na escola.

O aluno UM2 refere já ter reprovado, dizendo “*perdi o 5º ano*” (op. cit.). Quando questionado se considera a escola difícil responde “*só uma disciplina que eu acho difícil para mim*” (op. cit.), “*duas, inglês e francês*” (op. cit.). O aluno refere “*gosto*” (op. cit.) quanto a ir à escola. E de como se sente na escola responde “*normalmente como uma pessoa normal, um aluno igual aos outros*” (op. cit.). Menciona “*não*” (op. cit.) ter tido nenhum problema na escola.

A aluna UF1 refere já ter reprovado um ano escolar “*(...) perdi o 3º*” (op. cit.), referindo “*é assim eu brinquei no primeiro período, no segundo e no terceiro já não consegui recuperar, já era tarde demais, e eu tava sempre brincando, sempre brincando, uns chamavam-me e eu olhava para trás, uns mandavam a bola para a professora e eu calava-me e não dizia quem tinha sido, por causa disso que chumbei*” (op. cit.). Quando questionada se considera a escola difícil a aluna responde “*para mim não, as matérias algumas é, [risos], a escola não*” (op. cit.), dizendo que as disciplinas que tem maiores dificuldades são “*matemática, geografia, ah não, inglês, história e francês*” (op. cit.). Questionada se gosta de ir à escola a UF1 refere “*às vezes, não, gosto gosto, por acaso gosto*” (op. cit.). Como se sente na escola a aluna responde “*esqueço os problemas de casa, esqueço tudo o que tá a minha volta, sempre me distraio um pouco*” (op. cit.). Relativamente a se a aluna teve algum problema na escola a UF1 responde “*já, por acaso já tive, (...) mas uma uma aluna por acaso que era da outra turma, nós tivemos bastantes conflitos (...) andamos aqui à porrada na escola, (...)*” (op. cit.) “*ela vinha ao meu pé, ela levantava-me a mão e eu não gosto que me levatem a mão e eu dava-lhe de soco, e eu puxava-lhe os cabelos e não sei quê não sei que mais*” (op. cit.).

A UF2 refere já ter perdido anos de escolaridade, dizendo “*(...) eu perdi antes (...)*” (op. cit.), no entanto, relativamente a quantos anos reprovou, responde “*não me lembro*” (op. cit.).

“(...) o 4º ano e já não me lembro o resto (...)” (op. cit.), que segundo a sua idade e o ano de escolaridade em que se encontra teve quatro reprovações. A aluna responde “*um pedaço*” (op. cit.) quanto a se considera a escola difícil. A UF2 responde “*sim*” (op. cit.) no que concerne a gostar de ir à escola e sente-se “*bem*” (op. cit.) lá. A aluna diz ter algumas dificuldades escolares, “*um pedaço, já tive mais*” (op. cit.), a disciplina que tem mais dificuldade é “*a matemática, completamente matemática*” (op. cit.). A UF2 refere já ter tido problemas na escola respondendo “*sim, mas não, há outros problemas de amigos, que um se chateia uma vez e depois outro já se chateia (...)*” (op. cit.).

Popularidade

Quando questionado se os alunos têm muitos amigos na escola os RM1 e RM2 referiram “*tenho*” (op. cit.) e as alunas RF1 e RF2 referem “*sim*” (op. cit.).

O UM1 diz “*tenho*” (op. cit.) quando questionado se tem muitos amigos na escola e o UM2 responde “*tenho bastantes, conheço a maior parte da escola*” (op. cit.). A UF1 diz ter “*bastantes (...)*” (op. cit.) amigos na escola e a aluna UF2 refere, “*tenho, sem ser a minha turma tenho bastantes*” (op. cit.).

Respeito por figuras de autoridade

Quanto à questão do respeito por figuras de autoridade, se o aluno simpatiza com professores e funcionários ou existem problemas entre eles, o RM1 refere que há desentendimento com o diretor da escola, dizendo “*o d. (por questões de anonimato identifica-se como d.) já, já me malhou e isso*” (op. cit.), explicando a situação “*ele há dias, ele há dias deu-me um soco na cara, fez-me assim [demonstrou nele como foi feito], e eu já, eu tava na sala a fazer um desenho e eu tava calado e a professora depois tirou-me as folhas e eu fui ao lugar, à mesa da professora buscar as folhas, depois a professora começou a fazer barulho comigo e eu mandei a professora para um lugar*” (op. cit.), “*depois vim ao conselho executivo e professor, e eu cheguei lá e o professor disse que ainda ia perder a cabeça comigo*” (op. cit.), e quando questionado se foi apenas uma brincadeira do professor o aluno refere “*foi mesmo a sério, sim e ele tava todo irritado*” (op. cit.).

O RM2 em relação a se simpatiza e respeita as figuras de autoridade da escola, refere que “*há algum que é o d. ...*” (op. cit.) referindo que o docente “*já me malhou*” (op. cit.), e que “*não, não me dou muito bem com a cara dele*” (op. cit.), e perguntando o porquê dessa situação o aluno responde “*tipo agente faz uma coisa e ele leva ali em cima a dentro de um*

quarto e dá um estralo” (op. cit.), dizendo “*é mesmo a sério, não é só comigo que acontece é com quase todos*” (op. cit.), dizendo inclusive “*eu não bati nele, eu não fiz nada*” (op. cit.). O aluno refere ainda ir “às vezes” (op. cit.) ao conselho executivo porque “*faço coisas que não, tenho que ir lá*” (op. cit.), dando como exemplo “*por causa daquelas brigas às vezes*” (op. cit.).

A aluna RF1 responde “*não*” (op. cit.) quando questionada se tem algum problema com professores ou funcionários.

A RF2 quando questionada se simpatiza com os professores e funcionários ou se existem problemas entre eles, ela responde “*não, simpatizo com toda a gente*” (op. cit.).

O aluno UM1 refere “*sim*” (op. cit.) que simpatiza com todos os professores e funcionários, no entanto refere existirem alguns problemas com “*alguns professores só*” (op. cit.).

O UM2 responde “*não, não*” (op. cit.), a se tem alguns problemas com funcionários ou professores.

A aluna UF1 quando questionada se simpatiza com todos os professores ou funcionários ou se existem problemas entre eles responde “*professores sim, funcionários, (...), menos uma funcionária, tirando duas aliás, ela foi pa escola de cima, uma vez levantou-me a mão a mim e bateu numa, uma chapada numa aluna, numa amiga minha*” (op. cit.), “*(...) eu tenho é um problema com esta daqui [risos] que ela observa tudo o que eu faço dentro da escola e vai dizer à minha mãe e eu não gosto*” (op. cit.).

A UF2 quanto a se simpatiza com os professores e funcionários ou existem problemas entre eles responde “*não, com os funcionários e com os professores também, simpatizo, há teve aqui uma, uma funcionária que agente não gostava*” (op. cit.), referindo não gostar da funcionária “*(...) por ela não saber falar com as pessoas, falava daquela maneira bruta*” (op. cit.).

Acompanhamento escolar

Quem acompanha o percurso escolar do entrevistado RM1, ele refere “*a minha mãe*” (op. cit.), que vai às reuniões escolares e manda-o estudar dizendo, “*ela manda é estudar*” (op. cit.).

O RM2 refere “*a minha mãe*” (op. cit.) que acompanha o percurso escolar, vai às reuniões escolares, e diz-lhe para fazer os trabalhos de casa, o aluno manifesta-se recorrendo à linguagem não-verbal [abana com a cabeça a dizer que sim].

A aluna RF1 refere que quem acompanha o percurso escolar é “*o meu pai*” (op. cit.), no entanto, quando questionada se o pai vai às reuniões escolares a aluna [abana com a cabeça a dizer que não], referindo “*ele tem trabalho, ele às vezes não pode*” (op. cit.), o seu trabalho é “*na terra*” (op. cit.), ou seja, é agricultor.

Quem acompanha o percurso escolar da RF2, ela responde que é “*a minha mãe*” (op. cit.), dizendo “*ela vem saber das notas, vem à escola saber como é que tá, como é que não tá*” (op. cit.).

O aluno UM1 refere “*a minha mãe*” (op. cit.) como a pessoa que o acompanha a nível escolar.

O UM2 refere que quem acompanha o seu percurso escolar “*é a minha mãe, e o meu pai também, mas mais mais é a minha mãe, que a minha mãe é que trata disso*” (op. cit.).

A UF1 responde “*a minha mãe*” (op. cit.) que acompanha o seu percurso escolar.

Questionada de quem acompanha o percurso escolar da UF2, ela responde “*a minha irmã é que é a encarregada de educação*” (op. cit.), referindo ser a irmã porque “*tipo a minha mãe tem alguns problemas, tipo de andar, e ela para não subir isto tudo a minha irmã vive ali em cima só basta vir aqui em baixo (...)*” (op. cit.).

6.1.3. Contexto sociofamiliar

No contexto sociofamiliar, as questões da entrevista foram formuladas com objetivo de conhecer o suporte familiar do aluno, o estatuto socioeconómico da família, a existência ou não de situações de violência doméstica no seio familiar e a identificação dos estilos parentais.

Suporte familiar

No que toca ao contexto sociofamiliar do RM1, este refere que vive “*com a minha mãe e com os meus irmãos*” (op. cit.), ou seja, vive em família nuclear monoparental/ família de origem materna. Refere que conhece o pai, este “*tá em Londres*” (op. cit.) e que tem contacto com o pai, dizendo “*tenho, ele liga e vem cá à Madeira, no verão eu costumo ir a Londres com ele de férias*” (op. cit.). O RM1, quando questionado se tem uma boa relação com a mãe diz “*tenho*” (op. cit.). Profere “*sim*” (op. cit.) relativamente a se fala com a mãe sobre os problemas escolares.

O RM2 vive com a família de origem bi-parental, pois refere que vive “*com a minha mãe e com o meu pai*” (op. cit.), considera a relação entre ele e os pais “*boa*” (op. cit.) e refere “*sim*” (op. cit.) quando questionado se fala com os pais sobre os problemas da escola.

A RF1 vive com a família de origem bi-parental, pois vive “*com a minha avó, com o pai, com o meu irmão e com a minha mãe*” (op. cit.). Quando questionada qual a relação da aluna com os pais, ela fica um pouco pensativa e responde “*não sei*” (op. cit.), sendo que lhe foi dado o exemplo se falam muito ou pouco e ela responde “*muito*” (op. cit.). Quando questionada se têm conflitos a aluna responde “*não se briga*” (op. cit.). A RF1 refere “*não*” (op. cit.) quanto a se fala com os pais sobre os problemas escolares.

A RF2 vive numa família reconstituída materna, vivendo “*com os sogros da minha mãe, a cunhada da minha mãe e às vezes outro cunhado da minha mãe que vem de fora com a filha, o meu padrasto e a minha mãe*” (op. cit.). A aluna responde “*sim*” (op. cit.) quanto a conhecer o pai biológico, dizendo que a sua relação é “*mais ou menos, ele tá um pedacinho muito distante*” (op. cit.), questionado se distante a nível físico ou sentimental/emocional a RF2 responde “*um pedacinho dos dois, porque ele não tá cá na Madeira*” (op. cit.). Questionada como é a sua relação com a mãe a aluna refere “*o meu problema com a minha mãe é que nós somos muito teimosas, às vezes agente anda amuadas uma com a outra sem razão nenhuma, mas agente dasse bem*” (op. cit.), dizendo em relação ao resto da família com quem coabita “*não, odeio eles todos, ele enervam-me todos os dias*” (op. cit.), referindo “*é do tipo, tão sempre a pegar com qualquer coisa que a pessoa faça, se a pessoa faz isto dizem mal se faz aquilo dizem a mesma coisa e eu não gosto de pessoas assim, se vivemos todos na mesma casa é para se dar bem, eles provocam e eu não gosto que me provoquem*” (op. cit.). Refere ainda ter três irmãos por parte do pai comunicando com eles “*só por telefone ou pela internet*” (op. cit.). Relativamente a se costuma falar com os pais sobre os problemas escolares a RF2 responde às vezes.

O aluno UM1 vive com a família de origem bi-parental, vivendo “*com a minha mãe, com a minha irmã e com o meu pai*” (op. cit.). Refere ter uma “*boa*” (op. cit.) relação com os pais, no entanto refere “*nem sempre*” (op. cit.), pois “*há discussões*” (op. cit.), “*porque eu não cumpro as regras*” (op. cit.) “*da escola e de casa*” (op. cit.). O aluno responde “*não*” (op. cit.) quanto a se fala com pais sobre os problemas escolares.

O UM2 vive com a família de origem bi-parental, “*com a minha mãe, com o meu pai e com os meus irmãos*” (op. cit.). Tem “*três*” (op. cit.) irmãos. Refere ter uma “*boa*” (op. cit.)

relação com os pais. Quanto a se costuma falar com os pais acerca dos problemas escolares o aluno responde “sim” (op. cit.).

A UF1 vive com a família de origem bi-parental, referindo viver “com minha mãe e o meu pai, (...) e a minha irmã mais velha, a minha irmã acima de mim, que é a 2ª mais velha, a mais nova e o bebê” (op. cit.), tendo 4 irmãs. Refere que a relação com os pais é “boa, por acaso é bastante boa” (op. cit.). A aluna responde que fala com os pais sobre os problemas escolares, “(...) sento-me depois do jantar, depois de arrumarmos a cozinha sentámo-nos na mesa eu e o meu pai e os meus irmãos mais pequenos e falasse sempre como é que vai a escola etc.” (op. cit.).

A aluna UF2 vive numa família reconstituída materna, contendo a mãe biológica e o padrasto, ao qual ela refere que vive “com a, agora com o meu pai e com a minha mãe, agora o meu pai e a minha mãe vão mudar de casa, agora vou viver com a minha irmã” (op. cit.). Quanto à relação da aluna com os pais a UF2 responde “a minha relação com os meus pais é espetacular mesmo, não é o meu pai verdadeiro, é o meu padrasto que eu tou agora, desde os 6 anos, mas é como se fosse um pai para mim, ele dá-me tudo mesmo” (op. cit.). Relativamente a se costuma falar com os pais sobre os problemas escolares a aluna responde “eu costumo falar mais dos problemas da escola com a minha mãe, a minha mãe é o meu ouvinte mesmo, completamente, conto tudo à minha mãe, eu logo que chego a casa conto tudo à minha mãe, como a minha mãe ou como a minha irmã, tudo o que acontece” (op. cit.). A aluna refere conhecer o pai biológico dizendo “o meu pai verdadeiro conheço” (op. cit.), definindo que ele “é 5 estrelas, o meu pai verdadeiro, só vejo ele de vez em quando (...)” (op. cit.), pois vive longe apesar de viver na ilha da Madeira, a aluna refere igualmente “(...) só que a minha madrastra que está com ele não gosta de agente (...), ela não gosta de agente porque agente também não gosta dela, agente odeia (...)” (op. cit.).

Estatuto socioeconómico

Quanto ao estatuto socioeconómico do RM1 e da sua família, o entrevistado refere que a escolaridade da mãe é o “4º ano” (op. cit.) e do pai é o “6º ano” (op. cit.). Quanto à profissão refere “o meu pai é dono de um take-away, e a minha mãe é desempregada” (op. cit.), dizendo que ao nível do sustento da família “o meu pai, o meu pai todos os meses manda 300 euros, foi o que ficou decidido no tribunal por causa do divórcio” e que a mãe trabalha na agricultura, dizendo, “ela dá dias fora com os meus tios na fazenda” (op. cit.).

O RM2 refere em relação à escolaridade dos pais que *“a minha mãe tá tirando, tá tirando o 10º”* (op. cit.), e *“o meu pai acho que é o 4º ou o 3º”* (op. cit.). Em relação à profissão dos pais o aluno refere *“o meu pai é cozinheiro, e a minha mãe também”* (op. cit.).

Quanto à escolaridade dos pais da RF1 a aluna refere *“a minha mãe é o 4º e o meu pai é o 5º”* (op. cit.). Relativamente à profissão dos pais a aluna refere *“agricultor e agricultora”* (op. cit.).

A RF2 refere que a mãe tem o *“7º”* (op. cit.) ano de escolaridade e o padrasto tem *“o 9º”* (op. cit.) ano. Referindo relativamente à profissão que *“a minha mãe é empregada de mesa e o meu padrasto é pintor”* (op. cit.).

Quanto à escolaridade dos pais o UM1 responde *“a minha mãe 12º, o meu pai acho que o 4º ano”* (op. cit.). Relativamente à profissão o aluno menciona que *“a minha mãe é cozinheira, ajudante de cozinha, e o meu pai é manobrador de máquinas, ou uma coisa assim”* (op. cit.). Questionado se têm dificuldades financeiras, o aluno responde *“de vez em quando”* (op. cit.).

O aluno UM2 refere *“o meu pai é o 9º ano e a minha mãe acho que também foi o 9º ano”* (op. cit.) quanto à escolaridade dos pais, e quanto à profissão refere *“o meu pai é chefe da NOS Madeira e a minha mãe é auxiliar de idosos”* (op. cit.).

A UF1 diz *“o meu pai foi até ao 8º e a minha mãe foi até ao 4º”* (op. cit.) quanto à escolaridade deles. Relativamente à profissão a aluna refere *“a minha mãe é caixeira e o meu pai é tanto como eletricista, tanto como aquelas coisas que fazem dos painéis solares”* (op. cit.). Refere ainda que vai começar a trabalhar por haver dificuldades financeiras, dizendo *“(...) eu quero trabalhar por minha vontade própria, porque eu gosto de trabalhar, eu gosto de fazer as coisas por mim e eu não quero que eles estejam a pedir empréstimos enquanto eu e a minha irmã acima de mim temos a dar dinheiro pa minha mãe se alimentar, pa minha mãe alimentar, pôr dinheiro na mesa e isso”* (op. cit.).

A UF2 refere não ter a certeza da escolaridade dos pais, dizendo *“(...) olhe eu acho que o meu padrasto tem o 4º ano e a minha mãe também eu acho que tem o 4º”* (op. cit.). Quanto à profissão o pai trabalha no lixo e a mãe está desempregada.

Violência doméstica

No que concerne à violência doméstica o aluno RM1 diz *“não”* (op. cit.), relativamente a se os pais costumam discutir com ele e se já houve alguma situação de violência em casa.

O RM2 refere que “às vezes” (op. cit.) os pais costumam discutir entre eles, por *“também às vezes por causa de mim, não faço as coisas direitas na escola, e às vezes por coisas deles”* (op. cit.), mas refere “não” (op. cit.) quanto a se os pais discutem com o aluno. O RM2 menciona “não” (op. cit.) relativamente à existência de algum tipo de violência em casa.

A RF1 responde “não” (op. cit.) a se os pais costumam discutir entre eles, e [abana com a cabeça a dizer que não] quando questionada se eles costumam discutir com ela. A aluna refere “não” (op. cit.) a se existem situações de violência em sua casa.

A RF2 verbaliza que “às vezes” (op. cit.) a mãe e o padrasto costumam discutir entre eles, dizendo *“ou porque a minha mãe tá muito tempo fora de casa, porque às vezes a minha mãe vai ao café mais as amigas e demora um pedacinho, um pedacinho de tempo a mais, ou porque a minha mãe esqueceu-se de fazer o almoço para ele às vezes ir almoçar a casa, essas coisas”* (op. cit.). A aluna responde “não comigo não, quer dizer o meu padrasto não” (op. cit.), quando questionada se eles costumam discutir com ela, dizendo *“a minha mãe às vezes ralha porque eu às vezes esqueço-me de arrumar as minhas coisas”* (op. cit.). Quando questionada se existem situações de violência em sua casa a RF2 responde “já houve algumas” (op. cit.), dando o exemplo *“o sogro da minha mãe bebe bastante, exageradamente, não cura uma para se meter noutra, e uma vez nós estávamos todos na cozinha e depois eu fui à casa de banho e depois não sei o quê que se passou, e tava, o sogro da minha mãe já tinha bebido bastante, já tinha tado com os amigos não sei aonde, ele bateu na mulher e pronto, nós tivemos que sair pelas traseiras para ele não se dar de conta que agente saiu”* (op. cit.), referindo igualmente *“já me bateu quando eu tava a brincar com o carrinho de mão na estrada e ele bateu-me e eu fui ao centro arranjar o dedo, porque ficou torto”* (op. cit.). Quando questionada de como reagem a estas situações, de modo a se defenderem, a aluna responde *“nós saímos sempre de casa para não, não haver mais”* (op. cit.).

O UM1 refere “sim” (op. cit.) quanto aos pais algumas vezes discutirem entre eles, referindo ser por *“economia, por dinheiro”* (op. cit.), e questionado se têm dificuldades financeiras o aluno responde *“de vez em quando”* (op. cit.). Os pais para além de discutirem entre eles também discutem com o aluno, ao qual o UM1 refere *“costumam discutir comigo por causa do meu comportamento na escola, quando não faço os trabalhos de casa, não trazer o material”* (op. cit.). O aluno responde “não” (op. cit.) quanto à existência de violência na sua casa.

O UM2 verbaliza “*não, não*” (op. cit.) quanto a se os pais discutem entre eles, relativamente a se os pais discutem com o aluno ele responde “*só quando eu faço alguma coisa má na escola, ou algum problema, mas é raro*” (op. cit.), dando o exemplo “*se, tipo, a semana passada eu fui suspenso, por causa que eu tinha muitas participações, e a minha mãe brigou comigo e pôs-me de castigo*” (op. cit.). O aluno refere “*não*” (op. cit.) quanto a haver algum tipo de violência na sua casa.

A UF1 responde “*não, dão-se bastante bem*” (op. cit.) quanto a se os pais costumam discutir entre eles. Em relação aos pais se discutem com a aluna ela responde “*ah, às vezes, que eu também às vezes sou chata*” (op. cit.), dando o exemplo “*ah, por exemplo quando eu levo alguma participação para casa ou qualquer coisa, e eles prontos dão-me uma rezonda mas isso é normal*” (op. cit.). Quando questionada se existem situações de violência em casa a aluna responde “*só entre mim e a minha irmã mais velha, que eu não gosto dela [risos] e ela não gosta de mim [risos]*” (op. cit.), referindo que “*(...) depois do que aconteceu entre mim e o meu tio agente nunca nos demos bem, porque ela testemunhou contra, contra mim, ela, porque foi ela que interrompeu e ela veu tudo, e ela, (...) mesmo assim testemunhou contra mim, porque ela gostava muito dele, eu também gostava mas prontos, a partir daí não, a partir daí ela não se dá bem comigo nem eu me dou bem com ela, ainda por cima nós duas temos o mesmo feitiço, é complicado*” (op. cit.).

A aluna UF2 quando questionada se os pais discutem entre eles ou com a aluna, ela responde “*não, não muito, eles às vezes só discutem comigo que é para me tentar abrir os olhos para não fazer aquela coisa errada (...)*” (op. cit.). Quando questionada se existem situações de violência em casa a aluna responde “*não, violência não, só a minha irmã, que não é minha irmã, é filha do meu padrasto, às vezes por causa da minha avó, a minha avó ficou com amnésia, e ela tipo é daquele tipo de netas que não, a avó pedia um copo de água ela não dava, ficava aquela raiva, mas de resto não*” (op. cit.).

Estilos parentais

Quando perguntado acerca dos estilos parentais dos pais, dividindo-se em justos, liberais ou controladores, o RM1 refere, “*um pedacinho disso tudo, ela deixa fazer algumas coisas que eu quero, depois controla*” (op. cit.), com isto deduz-se que são justos. Referindo “*de vez em quando*” (op. cit.) que é castigado “*por causa dos maus comportamentos ou isso, não me deixa ir ao computador durante uma semana e nem ver televisão*” (op. cit.), e dizendo

“às vezes” (op. cit.), que costuma ser premiado se tem boas notas ou apresenta um bom comportamento, sendo que como prêmio refere “*recebo 10 euros quando dá (...)*”(op. cit.).

O RM2 considera os pais “*tipo eles controlam, mas deixam às vezes fazer o que eu quiser*” (op. cit.), ou seja, são justos, no entanto refere quanto a ser castigado “*não, nunca*” (op. cit.) e refere “*às vezes a minha mãe dá-me um prêmio*” (op. cit.), quando questionado se costuma ser premiado quando tem boas notas ou apresenta um bom comportamento.

A RF1 reporta que os seus pais são “*um pedacinho de cada*” (op. cit.), ou seja, são justos. No entanto responde “*não*” (op. cit.) quanto a se é castigada, e se é premiada quando tem boas notas ou um bom comportamento.

A RF2 considera os pais “*justos*” (op. cit.). Quanto a se é castigada a aluna responde “*a minha mãe castiga mas depois esquecesse do castigo*” (op. cit.), e responde “*não*” (op. cit.) relativamente a se é premiada por ter boas notas ou ter um bom comportamento.

O UM1 considera os pais “*controladores*” (op. cit.), referindo “*sim*” (op. cit.) quanto a se costuma ser castigado, ficando “*sem televisão, sem computador, sem saídas à rua, sem o telefone*” (op. cit.), e refere “*sim*” (op. cit.) quanto a se é recompensado quando tem boas notas ou tem um bom comportamento, dando o exemplo de “*ter liberdade, fazer o que eu quiser*” (op. cit.).

O UM2 identifica os pais como “*justos*” (op. cit.). O aluno refere “*sim*” (op. cit.) que costuma ser castigado, dando o exemplo “*tirarem o computador, ficar sem sair de casa, só de ir para a escola e, e é praticamente isso, e eu fico sem o computador, sem jogos e a playstation e isso*” (op. cit.). E refere que costuma ser premiado dizendo “*sim, quando eu passo de ano eu tenho sempre, quando eu tenho boas notas a minha mãe dá-me sempre um presente*” (op. cit.).

A UF1 acha os pais “*mais de justos, bastante*” (op. cit.). Refere que é castigada dizendo “*ah, às vezes, quando eu me porto mal ou refilo ou não sei quê (...)*” (op. cit.), refere que quando é castigada “*às vezes tirem-me a, a minha mãe e o meu pai tirem-me as coisas que eu mais gosto*” (op. cit.). Responde “*sim*” (op. cit.) quanto a se é premiada quando tem boas notas ou tem um bom comportamento, referindo “*ela compra-me sempre um par de roupa tipo uma camisola com calças e sapatos, já tudo incluído (...)*” (op. cit.). Ainda refere que é mais premiada, “*ah mais premiada, também não sou assim tão castigada [risos] (...)*”(op. cit.).

A aluna UF2 responde que os pais são “*justos (...)*” (op. cit.). Menciona que costuma ser castigada “*às vezes, pelas minhas borradas [risos]*” (op. cit.), referindo “*tipo da escola*

que às vezes tenho participações, ela vai lá tira-me o telefone e etc.” (op. cit.). Questionada se costuma ser premiada quando tem boas notas ou bom comportamento a aluna responde “sempre” (op. cit.), referindo “os meus pais dão o que eu queria, o que eu quero (...)” (op. cit.).

6.2. Violência/*bullying* utilizada entre pares em contexto escolar

O objetivo é conhecer o *bullying* que os alunos entrevistados utilizam. Neste sentido as perguntas incidiram nos diversos tipos de *bullying*, abarcando o físico, o verbal, o psicológico, o relacional e o sexual, incluindo, igualmente, qual o comportamento mais frequente, onde ocorrem as situações de *bullying*, o número de vítimas e a sua idade e as influências, ou seja, se os alunos estão sós ou acompanhados quando têm comportamentos de *bullying*.

Bullying físico

O aluno RM1 refere “*não, que eu me lembra não*” (op. cit.), quanto a realizar algum tipo de agressão física. O aluno diz “*já*” (op. cit.) relativamente a já ter estragado algum objeto de algum colega.

O RM2 consente “*já*” (op. cit.) quanto a se já bateu em algum colega, dando um exemplo de “*socos*” (op. cit.) como forma de bater fisicamente. Se já estragou algum objeto de algum colega o RM2 refere “*já, dentro da sala algum lápis ou assim*” (op. cit.), quando perguntado porquê o aluno responde “*porque apeteceu*” (op. cit.).

A RF1 [abana com a cabeça a dizer que sim] quanto a se já agrediu fisicamente algum colega, tendo a mesma resposta quanto a se já estragou algum objeto de algum colega.

A RF2 refere “*já*” (op. cit.) quanto a se já agrediu fisicamente algum colega, dizendo que foi através de “*um estalo*” (op. cit.). A aluna responde “*não*” (op. cit.) relativamente a se já estragou algum objeto de algum colega.

O UM1 afirma “*já*” (op. cit.) ter agredido de forma “*física*” (op. cit.) outro colega. E refere “*não*” (op. cit.) quanto a estragar algum objeto de algum colega.

O UM2 menciona já ter agredido outro colega, ao qual responde “*sim, física*” (op. cit.). Refere “*não (...)*” (op. cit.) quanto a já ter estragado algum objeto de algum colega.

A UF1 admite que já agrediu outro colega “*já (...) [risos]*” (op. cit.). Refere que não estragou de propósito alguma coisa de algum colega, dizendo “*não [risos], não sem querer já*” (op. cit.).

A aluna UF2 refere “*[risos] já*” (op. cit.) ter agredido outro colega, referindo que foi “*uma chapadinha*” (op. cit.). E responde “*não*” (op. cit.) quanto a estragar algum objeto de algum colega.

Bullying verbal

O aluno RM1 refere “*já*” (op. cit.) quanto a já ter chamado nomes, gozar ou insultar algum colega. E refere “*não*” (op. cit.) quanto já ter ameaçado algum colega.

Quando perguntado se o aluno RM2 já chamou nomes, gozou ou insultou outro colega, este responde “*já chamei nomes*” (op. cit.), sendo que também responde “*já*” (op. cit.) a ameaçar algum colega.

A RF1 verbaliza “*não*” (op. cit.) quanto a já ter chamado nomes, insultado ou gozado de algum colega, dizendo “*já*” (op. cit.) quanto a ameaçar algum colega.

A RF2 quanto a se já chamou nomes, insultou ou gozou de algum colega, ela refere “*já insultei alguém sem querer, porque quando eu tou nervosa aí fico muito nervosa*” (op. cit.). Quanto a se já ameaçou algum colega a RF2 responde “*não*” (op. cit.).

O UM1 consente “*já*” (op. cit.) ter chamado nomes, gozado ou insultado algum colega, e diz “*não*” (op. cit.) quanto a já ter ameaçado alguém.

O UM2 refere “*sim (...)*” (op. cit.) quanto a já ter chamado nomes, insultado, ou gozado com algum colega, e diz “*não, não*” (op. cit.) quanto a já ter ameaçado algum colega.

A UF1 menciona “*insultar não digo, mas nomes e gozar já*” (op. cit.) sobre algum colega, e diz “*não, não sou dessas*” (op. cit.) quanto a ameaçar algum colega.

A UF2 quando questionada se já chamou nomes, insultou, ou gozou de algum colega responde “*bastantas vezes*” (op. cit.), e refere já ter ameaçado outro colega, “*ameaçar, tipo já*” (op. cit.).

Bullying psicológico

O RM1 responde que “*não*” (op. cit.) relativamente a se já chantageou alguém. Quanto a se já obrigou algum colega a fazer algo que não queria o RM1 estava um pouco pensativo mas depois revelou “*já*” (op. cit.) o ter feito, indicando que obrigou um colega “*a fumar*” (op. cit.).

O RM2 refere “*não*” (op. cit.) quanto a se já chantageou algum colega. Quanto a se já obrigou algum colega a fazer alguma coisa que não queria o aluno esteve um pouco pensativo

mas respondeu “*alguma vez já, pa comprar uma, sair da escola, ele não queria e eu obriguei ele a sair*” (op. cit.).

A RF1 [abana com a cabeça a dizer que não] relativamente a se já chantageou algum colega, e diz “*não*” (op. cit.) quanto a se já obrigou algum colega a fazer alguma coisa que não queria.

A aluna RF2 [abana com a cabeça a dizer que sim] para responder a se já chantageou algum colega, e responde, quanto a obrigar alguém a fazer alguma coisa que não queira, “*não, porque eu sei o que é isso, de ser obrigada a fazer alguma coisa que não se quer*” (op. cit.), referindo “*já fui vítima de violação há uns dois anos atrás, e sei o quê que as pessoas sentem ao fazer alguma coisa que não querem*” (op. cit.), tendo sido pelo “*marido da minha madrinha*” (op. cit.).

O aluno UM1 refere “*não*” (op. cit.) quanto a se já chantageou algum colega, dizendo a mesma resposta quanto a se já obrigou algum colega a fazer alguma coisa que não queria.

O UM2 responde “*não*” (op. cit.) relativamente a se já chantageou algum colega, como também a se já obrigou algum colega a fazer alguma coisa que não queria.

A UF1 refere “*também não*” (op. cit.) quanto a já ter chantageado alguém. Quanto a obrigar algum colega a fazer alguma coisa que não queria a aluna responde “*não, nunca obrigo ninguém [risos]*” (op. cit.).

A aluna UF2 verbaliza “*chantagear não, não vale apena*” (op. cit.), quanto a se já chantageou algum colega, e responde “*não*” (op. cit.) quanto a já ter obrigado algum colega a fazer alguma coisa que não queria.

Bullying relacional

O aluno RM1 refere “*não*” (op. cit.) quanto a se já excluiu ou ignorou alguém do seu grupo de amigos, como também a já ter inventado alguma história de algum colega e contou a outros.

O RM2 admite que “*não*” (op. cit.) quanto a se já excluiu ou ignorou alguém do seu grupo de amigos. E refere “*sim*” (op. cit.) quanto a já ter inventado alguma história de algum colega e contou a outros.

A RF1 verbaliza “*não*” (op. cit.) quanto a já ter ignorado alguém do seu grupo de amigos, bem como de inventar histórias sobre alguém e contar a outras pessoas.

A RF2 nega, “*não*” (op. cit.) relativamente a excluir ou ignorar alguém do seu grupo de amigos, bem como a inventar histórias que envolvem algum colega e contar a outras pessoas.

O aluno UM1 responde “*não*” (op. cit.) relativamente a se já ignorou ou excluiu alguém do seu grupo de amigos, bem como a se já inventou histórias sobre outros colegas e contou a outras pessoas.

O UM2 relativamente a se já ignorou ou excluiu algum colega do seu grupo de amigos refere que “*não*” (op. cit.) e responde “*sim*” (op. cit.) a já ter inventado histórias sobre algum colega e contou a outros.

A UF1 responde “*já [risos]*” (op. cit.), quanto a se já ignorou ou excluiu alguém do seu grupo de amigos. A aluna responde “*não (...)*” (op. cit.) quanto a se já inventou alguma história sobre algum colega e contou a outras pessoas.

A aluna UF2 refere que “*às vezes ignoro*” (op. cit.) quando questionada se já ignorou ou excluiu alguém do seu grupo de amigos. Quanto a se a aluna já inventou alguma história e contou a outras pessoas, ela responde “*se me contem a mim eu vou perguntar à pessoa se é verdade ou se é mentira primeiro*” (op. cit.).

Bullying sexual

O RM1 responde “*não*” (op. cit.) quando perguntado se este já alguma vez quis estar de forma mais romântica com alguém e essa pessoa não quis, como também responde negativamente a se já gozou com algum colega por gostar de pessoas do mesmo sexo, por ter uma orientação sexual diferente.

O RM2 refere “*não*” (op. cit.) quanto a se já alguma vez quis estar de forma mais romântica com outra pessoa e essa pessoa não quis e ele insistiu. O RM2 já gozou com algum colega por gostar de pessoas do mesmo sexo, respondendo “*já*” (op. cit.).

A RF1 diz “*não*” (op. cit.) a alguma vez querer estar de uma forma mais romântica com alguém e essa pessoa não quis e a RF1 insistiu, bem como dá a mesma resposta quanto a se já gozou de algum colega por gostar de pessoas do mesmo sexo.

A RF2 verbaliza “*não*” (op. cit.) quanto a se alguma vez quis estar de forma mais romântica com alguém e essa pessoa não quis e a aluna insistiu. Relativamente a se já gozou com algum colega por gostar de pessoas do mesmo sexo responde “*não, eu acho isso normal, nunca fui contra*” (op. cit.).

O aluno UM1 responde “*não*” (op. cit.) quanto a se já quis estar de forma romântica com alguém e essa pessoa não quis e ele insistiu, como a se já gozou com algum colega por gostar de pessoas do mesmo sexo.

O UM2 refere “*não, não tenho idade para isso*” (op. cit.) quando questionado se já alguma vez quis estar de modo mais romântico com alguém e essa pessoa não quis e ele insistiu. O aluno responde “*não*” (op. cit.) relativamente a se já gozou de algum colega por gostar de pessoas do mesmo sexo.

A UF1 admite que “*não*” (op. cit.) quanto a se já alguma vez quis estar de forma mais romântica com algum colega, esse colega não quis e ela insistiu. Quando questionada se já gozou de algum colega por ter uma orientação sexual homossexual, a aluna responde “*não posso, não posso, [risos] não posso gozar porque o meu primo é isso (...) agora de mulheres, não sei se é por eu ser mulher, agora eu sinto mais nojo de mulheres do que de homens*” (op. cit.), no entanto refere que numa confusão na escola a aluna disse a uma colega “*(...) meti-me olha se ele é paneleiro tu és lésbica, ou não sabes, ou não sabes que andas com uma pequena (...)*” (op. cit.).

A UF2 quando questionada se alguma vez quis estar de forma mais romântica com algum colega e esse colega não quis e ela insistiu, a aluna responde “*não, aqui na escola não*” (op. cit.), referindo já o ter feito fora da escola, “*sim fora já [risos]*” (op. cit.). Relativamente a se a aluna já gozou com outro colega por gostar de pessoas do mesmo sexo, a UF2 responde “*já [risos], bastantas vezes*” (op. cit.).

Frequência

Relativamente à frequência dos comportamentos de *bullying*, ou seja, qual o mais utilizado, o mais frequente, o aluno RM1 refere, após ter pensado algum tempo, que o comportamento mais utilizado é “*chamo nomes*” (op. cit.), ou seja, utiliza o *bullying* verbal.

O RM2 refere que de todos os comportamentos de *bullying* o mais utilizado é “*chamar nomes*” (op. cit.), ou seja, o *bullying* verbal.

Quanto ao comportamento mais utilizado pela RF1 a aluna responde “*não sei aqui na escola, só se for em casa*” (op. cit.), dizendo que em casa é “*bater no meu irmão*” (op. cit.), *bullying* físico.

A RF2 relata quanto ao comportamento que mais usa “*bater, também porque quando eu era pequena o meu pai batia na minha mãe e a minha mãe teve que ir fugida daqui e pedir ajuda aos meus tios*” (op. cit.), ou seja, *bullying* físico. [Abana com a cabeça a dizer que sim] quando questionada a se assistia a violência em casa e dizendo que o pai chegou a lhe bater, referindo “*quando eu era pequena sim, mas agora que ele tá longe não, nem eu deixava*” (op. cit.).

O UM1 refere que o comportamento mais utilizado é a “*agressão física*” (op. cit.), ou seja, o *bullying* físico.

O UM2 responde que o comportamento mais utilizado é o “*verbal*” (op. cit.), *bullying* verbal.

A aluna UF1 verbaliza que “*(...) o que eu mais uso é bate boca (...)*” (op. cit.), ou seja, o *bullying* verbal.

A UF2 identifica o *bullying* verbal como o comportamento mais utilizado, dizendo “*o que eu mais utilizo é as palavras, completamente as palavras*” (op. cit.).

Localização

Em relação à localização da ocorrência do *bullying*, o RM1 refere que as situações ocorrem “*na sala*” (op. cit.).

O RM2 também responde “*na sala*” (op. cit.).

A RF1 refere que as situações de *bullying* ocorrem “*às vezes é dentro da sala*” (op. cit.).

A RF2 responde que ocorrem situações de *bullying* “*aqui no pátio, aqui neste espaço grande aqui, é onde há mais confusão*” (op. cit.), dizendo “*agente às vezes, depende das pessoas, agente às vezes resmunga uns com os outros ou há pessoas que começam a gozar uns com os outros, e depois vêm que aquilo tá mal e não pedem desculpa e depois continuam*” (op. cit.).

O UM1 refere que as situações de *bullying* ocorrem mais frequentemente “*nos pátios*” (op. cit.).

O aluno UM2 responde que as situações de *bullying* ocorrem “*na escola*” (op. cit.) “*em todo o lado, é onde tiver*” (op. cit.).

A UF1 relata que as situações de *bullying* ocorrem mais frequentemente “*atrás da escola, é mais atrás da escola e no pátio (...)*” (op. cit.).

Para a aluna UF2 as situações de *bullying* ocorrem “*às vezes é na sala, várias vezes mais é no pátio*” (op. cit.).

Número de vítimas

Relativamente ao número de vítimas, se o aluno tem comportamentos agressivos para com uma ou mais pessoas, o RM1 responde “*só a uma*” (op. cit.) e o RM2 responde “*só de uma*” (op. cit.).

A RF1 diz que o número de vítimas depende, mas mais é a mesma e a RF2 refere que aconteceram situações de *bullying* “foi a uma” (op. cit.) pessoa.

Quando questionado ao aluno UM1 se tem comportamentos de *bullying* sobre um ou mais alunos, ele responde “*depende se as outras pessoas se meterem também*” (op. cit.).

O UM2 responde “*sim, às vezes eu faço à mesma pessoa e outras também com outras*” (op. cit.).

A UF1 responde quanto às vítimas de *bullying* que “*é assim quem pegar comigo vai, é as pessoas que pegarem comigo, mas agora mais mais mais é repetidas do que várias*” (op. cit.) e a aluna UF2 refere “*às vezes embirro com uma (...)*”(op. cit.).

Idade das vítimas

Quando perguntado ao RM1 a idade da vítima em relação ao aluno, este responde “*acho que é mais velha, ela faz em setembro e eu faço em novembro*” (op. cit.), ou seja, é mais ou menos da mesma idade, pois fazem anos no mesmo ano, apenas com diferença de meses, já, o RM2 refere “*mais nova*” (op. cit.).

A RF1 responde que a vítima “*é da mesma idade*” (op. cit.) e a RF2 refere que a vítima tem “*um ano a menos*” (op. cit.).

Quanto à idade das vítimas o UM1 responde “*sempre mais ou menos mais velhos*” (op. cit.) e o UM2 refere que “*depende, não sei, tem umas mais velhas e outras mais novas*” (op. cit.), relativamente à idade em comparação com o aluno.

A UF1 responde que as vítimas são “*mais velhas, não muito de diferença mas mais velhas, por exemplo eu tenho 16 há uma rapariga que tem 18, há outra que tem 17 e há outra que tem 15, 16 a minha idade*” (op. cit.) e a aluna UF2 responde que as vítimas são “*mais novos*” (op. cit.).

Influências

Relativamente às influências, ou seja, se o agressor quando age está só ou acompanhado, quando ocorrem situações de violência/*bullying* o RM1 refere que se encontra “*às vezes só, às vezes acompanhado*” (op. cit.) e o RM2 refere “*sim*” (op. cit.), que se encontra acompanhado nestas situações.

A RF1 refere que “*tavasse dentro da sala mesmo, tavam todos*” (op. cit.), ou seja, estava acompanhada e a RF2 responde “*eu tava acompanhada, tinha bastantas pessoas*” (op. cit.).

O UM1 refere que quando existem situações de *bullying* está “só” (op. cit.) e o aluno UM2 responde que quando ocorrem situações de *bullying* está “acompanhado, com as pessoas que tiverem lá, às vezes estou só, outras vezes estou acompanhado” (op. cit.).

A UF1 responde que quando ocorrem situações de *bullying* está “às vezes acontece só, quando eu tou só (...)” (op. cit.) “(...) outras vezes eu tou acompanhada (...) depende” (op. cit.) e a aluna UF2 refere que, quando ocorrem situações de *bullying*, “tenho sempre a minha melhor amiga comigo, ela dá-me sempre o apoio que eu preciso” (op. cit.).

6.3. Diferença entre os agressores do meio rural e do urbano (ver Apêndice VII)

O presente ponto abarca as diferenças entre os agressores da escola do meio rural e da urbana, incluindo os fatores predisponentes do *bullying*, ao nível individual, contexto escolar e sociofamiliar, como o *bullying* utilizado.

Dimensão Individual

Os alunos da escola rural apresentam uma média de autoestima um pouco superior ($M = 3,9$), em relação aos alunos da escola urbana ($M = 3,6$). Ao nível dos comportamentos de risco na escola rural, um aluno consumiu álcool para experimentar, e dois alunos consomem álcool em festas, dois alunos fumam, um já experimentou e dois alunos já experimentaram droga. Nos comportamentos de risco da escola urbana apenas um aluno consome álcool em festas e dois alunos já experimentaram tabaco.

Na legitimação dos conflitos, na escola rural, três alunos referem haver conflitos entre si e outros colegas, sendo que quem inicia são às vezes eles, outras, os colegas. Em relação à escola urbana todos os alunos referem existir conflitos entre si e outros colegas, sendo que três alunos referem que quem inicia os conflitos por vezes são eles e outras são os colegas, e um aluno refere serem os colegas. Um aluno da escola rural menciona que gosta de provocar os colegas, sendo que três alunos da escola urbana relatam o mesmo. Apenas dois alunos da escola rural consideram divertido provocar os colegas. Um aluno da escola urbana refere que gosta que os colegas pensem que é superior. Três alunos da escola rural e todos os alunos da escola urbana gostam de se vingar. Um aluno da escola rural e um da urbana gostam de se mostrar. Um aluno da escola rural e dois da escola urbana referem que as situações de conflito, e de provocar, ocorrem quando estão zangados, assustados ou tristes.

Contexto Escolar

Os alunos da escola rural frequentam o 7º ano de escolaridade. Quanto aos alunos da escola urbana, dois frequentam o 7º ano e dois, o 9º ano, sendo que todos estão no 3º ciclo. Todos os alunos da escola rural reprovaram anos escolares, perfazendo um total de nove reprovações, número superior relativamente à escola urbana, onde se verificou um total de seis reprovações. Todos os alunos da escola rural gostam de ir à escola, quanto aos alunos da escola urbana são três que gostam de ir à escola.

Todos os alunos, das escolas rural e urbana, apresentam dificuldades escolares, sendo que na rural prevalece a matemática como a maior dificuldade e na urbana as línguas, francês e inglês. Em relação aos alunos se já tiveram algum problema na escola, três da escola rural referem que sim, por mau comportamento levando a participação e por comportamentos de risco, em relação à escola urbana dois alunos referem já ter havido problemas na escola. No que concerne ao respeito por figuras de autoridade, dois alunos da escola rural dizem ter problemas com um professor, relativamente à escola urbana um aluno responde ter problemas com alguns professores e dois alunos referem ter problemas com funcionários. Três alunos da escola rural têm o acompanhamento escolar feito pela mãe e um pelo pai, e na escola urbana três alunos referem ser a mãe e um a irmã.

Contexto Sociofamiliar

Dos alunos da escola rural, dois vivem na família de origem bi-parental, um vive na família de origem materna e um na família reconstituída materna, quanto aos alunos da escola urbana três vivem na família de origem bi-parental e um vive na família reconstituída materna. Na escola rural, a média de escolaridade dos pais dos alunos é ligeiramente inferior ($M= 6,06$), comparada com a média de escolaridade dos pais dos alunos da escola urbana ($M= 6,75$).

Relativamente à profissão dos pais dos alunos da escola rural são: cozinheiro, agricultores, empregada de mesa, pintor e uma encontra-se em situação de desemprego; quanto aos pais dos alunos da escola urbana: caixeira, eletricista, manobrador de máquinas, ajudante de cozinha, auxiliar de idosos, chefe numa empresa de telecomunicações, funcionário do lixo e uma está desempregada. Dois alunos da escola rural referem que os pais discutem entre eles e um com o próprio, quanto à escola urbana todos os alunos referem que os pais discutem com os próprios, quanto aos pais discutirem entre eles apenas um afirmou acontecer no seu seio familiar. No que diz respeito aos estilos parentais, os alunos da escola

rural mencionam os pais como sendo justos, no entanto apenas um aluno relata ser castigado e dois premiados, quanto aos alunos da escola urbana, três relatam que os pais são justos e um que os pais são controladores, e todos dizem serem castigados e premiados.

Bullying

Na escola rural, os tipos de *bullying* utilizados foram o físico, onde três alunos referem já ter agredido outro colega e terem estragado um objeto de outro colega, quanto aos alunos da escola urbana todos os alunos referem já terem batido em algum colega. No *bullying* verbal, três alunos da escola rural expõem já terem chamando nomes, gozado ou insultado outro colega, bem como, dois expõem já terem ameaçado um colega, quanto aos alunos da escola urbana todos já chamaram nomes, insultaram ou gozaram com outro colega, quanto a ameaçar apenas um referiu já o ter feito. Ao nível do *bullying* psicológico, um aluno da escola rural refere já ter chantageado outro colega e dois alunos mencionam já terem obrigado outro colega a fazer algo que ele não queria. Ao nível do *bullying* relacional, apenas um aluno da escola rural inventou histórias sobre outro colega e contou a outros, sendo que dois alunos da escola urbana já o fizeram, e dois alunos da escola urbana já excluíram ou ignoraram alguém do seu grupo de amigos. Quanto ao *bullying* sexual, um aluno da escola rural menciona já ter gozado com outro colega por gostar de pessoas do mesmo sexo, relativamente aos alunos da escola urbana dois alunos já o fizeram. O comportamento mais utilizado pelos alunos, tanto da escola rural como da urbana, é o *bullying* verbal, chamando nomes, sendo que um dos alunos de cada escola refere que é o *bullying* físico que mais utiliza. Os alunos da escola rural relatam que as situações de *bullying* ocorrem mais na sala, já os alunos da escola urbana identificam o pátio. Todos os alunos da escola rural referem que realizam comportamentos agressivos sobre uma vítima, normalmente a mesma, quanto aos alunos da escola urbana, dois referem ser normalmente às mesmas pessoas e dois depende. Na escola rural verifica-se que a idade dos agressores e das vítimas é a mesma, dito por dois alunos, e os outros dois referem que as vítimas são mais novas, quanto aos alunos da escola urbana um refere que as vítimas são mais velhas, um relata que são da mesma idade e mais velhas, um mais novas, e um mais velhas e mais novas. Três dos agressores da escola rural nas situações de *bullying* encontram-se acompanhados nos atos de agressão, sendo que um às vezes está só e outras vezes acompanhado, relativamente aos alunos da escola urbana, dois estão sós ou acompanhados, um está acompanhado e um só.

6.4. Diferença de gênero entre agressores do meio rural e do meio urbano

Na diferença de gênero procedemos a uma análise entre: rapazes e raparigas da mesma escola (da rural e depois da urbana); entre rapazes das duas escolas e raparigas das duas escolas; entre rapazes da escola rural e raparigas da escola urbana e entre raparigas da escola rural e rapazes da escola urbana.

Diferenças entre rapazes e raparigas da escola rural (ver Apêndice VIII)

As diferenças entre rapazes e raparigas da escola rural abarcam os fatores predisponentes do *bullying*, ao nível individual, contexto escolar e contexto sociofamiliar, bem como, o *bullying* utilizado entre pares no contexto escolar.

Dimensão Individual

Verifica-se uma ligeira diferença, tendo os rapazes uma média superior ($M= 3,95$) às raparigas ($M= 3,9$) no que diz respeito à autoestima.

Os rapazes têm mais comportamentos de risco do que as raparigas, manifestando consumir álcool em festas, fumar e experimentaram droga. Quanto às raparigas, somente uma experimentou álcool e tabaco.

Na legitimação de conflitos, as duas raparigas referem ter tido conflitos com os colegas e apenas um rapaz o assumiu. Somente um rapaz gosta de provocar, e tanto os rapazes como as raparigas consideram-no divertido. Os dois rapazes gostam de se vingar, e apenas uma rapariga gosta de o fazer. Uma rapariga gosta de se mostrar e um rapaz refere que as situações de conflitos e de provocação ocorrem quando está zangado.

Contexto Escolar

Verifica-se uma ligeira diferença ao nível das reprovações, as raparigas reprovaram cinco anos escolares e os rapazes quatro. Os rapazes consideram a escola difícil, enquanto as raparigas referem difícil as disciplinas, ambos gostam de ir à escola, mas os rapazes não gostam de ir às aulas. Os rapazes sentem-se mais ou menos na escola, porém sentem-se bem quando estão com amigos, as raparigas sentem-se bem na escola. Os dois rapazes, e uma das raparigas já tiveram problemas na escola. No respeito por figuras de autoridade apenas os rapazes demonstraram problemas.

Contexto Sociofamiliar

Tanto um rapaz como uma rapariga vivem numa família de origem bi-parental, o outro rapaz vive com a família de origem materna, e a outra rapariga vive na família reconstituída materna. Apenas uma rapariga não fala com os pais acerca dos problemas escolares. No estatuto socioeconómico da família verifica-se que a média de escolaridade dos pais das raparigas é superior à dos rapazes. Nos rapazes, um dos cuidadores está desempregado, os restantes têm trabalho, relativamente às raparigas todos têm trabalho. A violência doméstica existe apenas na dinâmica familiar de uma rapariga, a discussão entre figuras parentais ocorre na dinâmica familiar de um dos rapazes, e uma das raparigas comenta que os pais discutem entre eles e com ela.

Bullying

No *bullying* físico apenas um rapaz bateu noutro colega e as duas raparigas já o fizeram; os dois rapazes já estragaram objetos de outro colega, e apenas uma rapariga o fez. No *bullying* verbal, os rapazes já chamaram nomes, gozaram e insultaram outro colega, e uma rapariga já o fez, bem como, uma rapariga e um rapaz ameaçaram outro colega. No *bullying* psicológico, os rapazes já obrigaram outro colega a fazer algo que não queria e uma rapariga já chantageou outro colega. No *bullying* relacional, apenas um rapaz inventou uma história sobre outro colega e contou a outros. No *bullying* sexual, um rapaz gozou com um colega por ter orientação homossexual. Nos rapazes, o comportamento mais utilizado é o *bullying* verbal e nas raparigas, o *bullying* físico. As situações de *bullying*, segundo os rapazes ocorrem na sala de aula, e segunda as raparigas, na sala ou no pátio. Relativamente às influências, os rapazes referem tanto estar sós como acompanhados, já as raparigas verbalizam estar acompanhadas na prática de *bullying*.

Diferenças entre rapazes e raparigas da escola urbana (ver Apêndice IX)

As diferenças entre rapazes e raparigas da escola urbana abarcam os fatores predisponentes do *bullying*, ao nível individual, contexto escolar e contexto sociofamiliar, bem como, o *bullying* utilizado entre pares no contexto escolar.

Dimensão Individual

As raparigas da escola urbana são mais velhas do que os rapazes da mesma escola, tendo as raparigas 16 e 19 anos e os rapazes 12 e 13 anos. Relativamente à autoestima as

raparigas apresentam uma autoestima ligeiramente mais elevada ($M= 3,7$) que os rapazes ($M= 3,45$). Nos comportamentos de risco, apenas um rapaz e uma rapariga já experimentaram tabaco e uma rapariga consome álcool em festas. Na legitimação de conflitos todos referem que existem conflitos com os próprios e outros colegas, sendo que quem começa é repartido entre o aluno e o colega, no entanto, um dos rapazes refere que quem inicia é sempre o colega. As raparigas e um dos rapazes gostam de provocar os colegas. Apenas um dos rapazes gosta que os colegas pensem que ele é o maior, é superior. Todos os alunos gostam de se vingar e um dos rapazes gosta de se mostrar perante os colegas. Apenas os rapazes referem que situações de conflitos e de provocar os colegas ocorrem quando eles estão tristes, zangados ou assustados.

Contexto Escolar

Quanto aos anos de escolaridade, as raparigas frequentam o 9º ano e os rapazes o 7º, sendo que as raparigas perderam mais anos escolares, num total de cinco reprovações, em relação aos rapazes, que apresentam um total de uma reprovação. Tanto as duas raparigas como um rapaz consideram difíceis as disciplinas, e as raparigas referem a escola como difícil. As raparigas gostam de ir à escola e apenas um dos rapazes também gosta. Todos os alunos têm dificuldades escolares, em que os rapazes apresentam dificuldades em línguas, inglês e francês, e as raparigas têm dificuldades em matemática, história, e inclusive inglês e francês. As raparigas referem já terem tido problemas na escola. No respeito por figuras de autoridade as raparigas têm problemas com funcionárias, e apenas um dos rapazes tem problemas com professores. O acompanhamento escolar dos rapazes é feito pelas suas mães, o das raparigas, uma é feito pela mãe e outra pela irmã.

Contexto Sociofamiliar

Os rapazes vivem na família de origem bi-parental, como uma das raparigas, e a outra aluna vive na família reconstituída materna. As raparigas como um dos rapazes falam com os pais acerca dos problemas escolares. A média de escolaridade dos pais das raparigas é inferior ($M= 5$), quando comparada à média de escolaridade dos pais dos rapazes ($M= 8,5$). Os pais dos rapazes como os pais das raparigas estão empregados, apenas um cuidador de uma rapariga está desempregado. Relativamente à existência de violência doméstica apenas uma das raparigas refere haver com a sua irmã. Os pais das raparigas discutem com elas, tal como os pais dos rapazes, e apenas os pais de um dos rapazes discutem entre si. Nos estilos

parentais os pais das raparigas e de um dos rapazes são justos, e os pais do outro rapaz são controladores, relativamente, aos castigos e prémios, tanto as raparigas como os rapazes são castigados como premiados.

Bullying

No *bullying* físico todos os alunos já bateram em outros colegas. No *bullying* verbal todos os alunos já chamaram nomes, gozaram, e/ou insultaram outro colega, e apenas uma das raparigas já ameaçou outro colega. No *bullying* relacional, apenas as raparigas já excluíram ou ignoraram alguém do seu grupo de amigos, e apenas um dos rapazes já inventou uma história sobre algum colega e contou a outros. No *bullying* sexual, apenas uma das raparigas já gozou com alguém por gostar de pessoas do mesmo sexo. O comportamento mais utilizado pelas raparigas é o *bullying* verbal, e pelos rapazes divide-se entre o *bullying* verbal e o físico. Onde ocorrem as situações de *bullying*, segundo as raparigas, divide-se entre o pátio e a sala de aula, e nos rapazes é no pátio e em toda a escola. As raparigas normalmente têm atitudes de *bullying* sob a mesma pessoa, e os rapazes varia, podendo ser à mesma pessoa ou a outras. As vítimas das raparigas são mais velhas, da mesma idade e mais novas do que as próprias, e as vítimas dos rapazes são mais velhas e mais novas. Quando ocorrem situações de *bullying* uma das raparigas e um dos rapazes às vezes estão sós, outras acompanhados, a outra rapariga está sempre acompanhada, e o outro rapaz está só.

Diferenças entre rapazes da escola rural e da escola urbana (ver Apêndice X)

As diferenças entre rapazes da escola do meio rural e da escola do meio urbano, abarcam os fatores predisponentes do *bullying*, ao nível individual, contexto escolar e contexto sociofamiliar, bem como, o *bullying* utilizado entre pares no contexto escolar.

Dimensão Individual

Os rapazes da escola rural são mais velhos (14 e 15 anos), do que os da escola urbana (12 e 13 anos). Relativamente à média da autoestima dos alunos, verifica-se que nos alunos da escola rural é superior ($M = 3,95$) em relação aos alunos da escola urbana ($M = 3,45$). Nos comportamentos de risco, os alunos da escola rural referem beber álcool em festas, fumar e já terem experimentado droga, quanto aos alunos da escola urbana, apenas um refere ter experimentado tabaco. Na legitimação de conflitos, um dos alunos da escola rural menciona haver conflitos entre ele e outros colegas, e quem inicia reparte-se entre ele e os outros, em

relação aos alunos da escola urbana os dois mencionam existir conflitos entre eles e os colegas, em que um dos alunos relata que quem inicia são os colegas, e o outro aluno relata que quem inicia os conflitos reparte-se entre ele e os colegas. Os dois rapazes da escola rural consideram divertido provocar os colegas. Apenas um aluno da escola urbana refere gostar que os colegas pensem que ele é o maior, é superior, e apenas um dos alunos da escola urbana refere gostar de se mostrar perante os colegas. Um aluno da escola rural e os dois da escola urbana, expõem que as situações de conflito ou de provocar os colegas ocorrem quando eles estão zangados, tristes ou assustados.

Contexto Escolar

Todos os alunos entrevistados frequentam o 7º ano de escolaridade. Os dois alunos da escola rural apresentam um total de quatro reprovações, sendo que apenas um aluno da escola urbana reprovou um ano escolar. Os alunos da escola rural consideram a escola difícil, no sentido das disciplinas e de ter de estudar, sendo que os alunos gostam de ir à escola mas não às aulas, quanto à escola urbana, apenas um dos alunos considera a escola difícil, referindo-se igualmente às disciplinas, e gosta de ir à escola. Todos os alunos apresentam dificuldades escolares, sendo que os alunos da escola rural referem ter mais dificuldade em francês e matemática, e todas as disciplinas, já na escola urbana, as maiores dificuldades são nas línguas, inglês e francês. Os dois alunos da escola rural relatam já terem tido problemas na escola, por comportamentos menos adequados, culminando numa participação. No respeito por figuras de autoridade, os alunos da escola rural dizem ter problemas com um professor, quanto aos alunos da escola urbana apenas um aluno tem problemas com alguns professores.

Contexto sociofamiliar

Um dos alunos da escola rural vive na família de origem materna e o outro na família de origem bi-parental, nos alunos da escola urbana os dois alunos vivem na família de origem bi-parental. Os alunos da escola rural referem ter uma boa relação com os pais e falam com eles acerca dos problemas escolares, tal como acontece com um dos alunos da escola urbana, relativamente ao outro aluno, refere que às vezes a relação com os pais é boa, outras não, havendo discussões e não fala com os pais acerca dos problemas escolares. Verifica-se que os pais dos alunos da escola rural têm uma média de escolaridade inferior ($M= 5,875$), à dos pais dos alunos da escola urbana ($M= 8,5$). Na profissão dos pais dos alunos da escola rural, uma progenitora está desempregada e o pai apesar de distante contribui com as despesas, sendo

dono de um take-away, e os pais do outro aluno são cozinheiros, relativamente à profissão dos pais dos alunos da escola urbana, divide-se em ajudante de cozinha, manobrador de máquinas, chefe de uma empresa de telecomunicações e auxiliar de idosos. No que toca à violência doméstica, um dos alunos da escola rural refere que os pais às vezes discutem entre eles, sobre coisas deles ou sobre coisas do aluno, um dos alunos da escola urbana refere que os pais costumam discutir entre eles, por questões financeiras, e discutem com o aluno por causa do seu comportamento, e o outro aluno da escola urbana refere que os pais apenas discutem com o próprio, por causa do seu comportamento. Nos estilos parentais dos alunos da escola rural, os dois referem que os pais são justos, sendo que um deles menciona ser castigado e premiado e o outro aluno apenas é premiado. Nos estilos parentais dos alunos da escola urbana, um menciona que os pais são controladores e o outro aluno menciona que os pais são justos, em que os dois são castigados e premiados.

Bullying

No *bullying* físico, um dos alunos da escola rural refere já ter agredido fisicamente outro colega, e os dois alunos referem já terem estragado algum objeto de outro colega, quanto aos alunos da escola urbana os dois já agrediram fisicamente outro colega. No *bullying* verbal, tanto os alunos da escola rural como os alunos da escola urbana já chamaram nomes, insultaram ou gozaram com algum colega, e apenas um aluno da escola rural já ameaçou outro colega. No *bullying* psicológico, apenas os dois alunos da escola rural já obrigaram um colega a fazer alguma coisa que não queria. No *bullying* relacional, apenas um aluno da escola rural e um aluno da escola urbana, já inventaram uma história de algum colega e contaram a outros. No *bullying* sexual, apenas um aluno, este da escola rural, refere ter gozado com outro colega por gostar de pessoas do mesmo sexo. O comportamento mais utilizado pelos alunos da escola rural é o *bullying* verbal, e na escola urbana divide-se entre o verbal e o físico. Na escola rural os alunos mencionam que as situações de *bullying* ocorrem com maior frequência na sala, e os alunos da escola urbana mencionam ser no pátio, em toda a escola. Os alunos da escola rural referem que a vítima normalmente é sempre a mesma, e os alunos da escola urbana referem que depende, às vezes a vítima é a mesma outras vezes pode ocorrer com outras pessoas. Os alunos da escola rural dizem que as vítimas são da mesma idade e mais novas que os agressores, quanto aos alunos da escola urbana as vítimas são mais novas e mais velhas do que os próprios. Quando ocorrem situações de *bullying* um dos alunos da escola

rural encontra-se acompanhado, e o outro aluno às vezes só e às vezes acompanhado, como acontece a um dos alunos da escola urbana, sendo que o outro está só.

Diferenças entre raparigas da escola rural e da escola urbana (ver Apêndice XI)

As diferenças entre raparigas da escola rural e da escola urbana abarcam os fatores predisponentes do *bullying*, ao nível individual, contexto escolar e contexto sociofamiliar, bem como, o *bullying* utilizado entre pares no contexto escolar.

Dimensão Individual

As raparigas da escola rural são mais novas (14 e 15 anos) do que as da escola urbana (16 e 19 anos). A média da autoestima das raparigas da escola rural é superior ($M= 3,9$) à média de autoestima das raparigas da escola urbana ($M= 3,7$). Quanto aos comportamentos de risco uma rapariga da escola rural já experimentou álcool e tabaco, e na escola urbana uma rapariga consome álcool em festas e já experimentou tabaco. As raparigas da escola urbana referem gostar de provocar os colegas. Quanto a se as alunas gostam de se vingar, uma rapariga da escola rural gosta, sendo que na escola urbana as duas raparigas referem gostar de se vingar. Relativamente a se as alunas gostam de se mostrar perante os outros, apenas uma rapariga da escola rural gosta.

Contexto Escolar

As raparigas da escola rural frequentam o 7º ano e as da escola urbana, o 9º ano de escolaridade. Todas as raparigas apresentam dificuldades escolares, em que as da escola rural referem como mais difíceis a matemática, o inglês e o português, e as raparigas da escola urbana referem como mais difíceis a matemática, o inglês, a história e o francês. As raparigas da escola rural mencionam sentir-se bem e confortáveis na escola, quanto às raparigas da escola urbana referem sentir-se bem e esquecem os problemas de casa. Uma rapariga da escola rural relata já ter tido problemas na escola, ocorrendo o mesmo às duas raparigas da escola urbana. Em relação ao respeito por figuras de autoridade, e se as alunas simpatizam com professores ou funcionários ou existem problemas entre eles, as alunas da escola urbana referem ter problemas com as funcionárias. Quem acompanha o percurso escolar das alunas da escola rural é a mãe de uma aluna, e o pai de outra, quanto aos encarregados de educação das alunas da escola urbana é a mãe de uma aluna, e a outra aluna é a irmã. Uma aluna da

escola rural refere que fala com os pais acerca dos problemas escolares, quanto às alunas da escola urbana, as duas referem falar com os pais acerca dos problemas escolares.

Contexto sociofamiliar

Ao nível do suporte familiar, as raparigas, de ambas as escolas, coabitam em famílias idênticas, em que se verifica nas duas escolas que uma rapariga vive na família de origem biparental e a outra na família reconstituída materna. A média de escolaridade dos pais das alunas da escola rural é superior ($M= 6,25$) à das alunas da escola urbana ($M= 5$). Quanto à profissão dos pais das alunas da escola rural são agricultores, pintor e empregada de mesa, na escola urbana são caixeira, eletricista, funcionário do lixo e tem uma desempregada. Relativamente à existência de violência doméstica uma aluna da escola rural refere já ter havido situações de violência em casa, bem como uma aluna da escola urbana. Uma aluna da escola rural menciona que os pais discutem às vezes entre eles e com a aluna, e as duas alunas da escola urbana mencionam que os pais discutem com elas. Relativamente aos estilos parentais todas as alunas consideram os pais justos, no entanto apenas uma aluna da escola rural é castigada, e nas alunas da escola urbana as duas são premiadas e castigadas.

Bullying

As duas raparigas da escola rural já utilizaram o *bullying* físico, através da agressão física, e uma rapariga já estragou um objeto de outro colega, nas alunas da escola urbana as duas já agrediram fisicamente outro colega. No *bullying* verbal, uma aluna da escola rural já chamou nomes, insultou ou gozou de outro colega, quanto às alunas da escola urbana as duas já o fizeram. Tanto uma rapariga da escola rural, como uma da escola urbana, já ameaçaram algum colega. No *bullying* psicológico, uma das alunas da escola rural já chantageou outro colega. No *bullying* relacional, as duas raparigas da escola urbana já excluíram ou ignoraram alguém do seu grupo de amigos. No *bullying* sexual, uma aluna da escola urbana já gozou com outro colega por gostar de pessoas do mesmo sexo. O comportamento mais utilizado na escola rural é o *bullying* físico, e na escola urbana é o *bullying* verbal. Todas as alunas referem que na maioria das vezes a vítima é sempre a mesma, sendo que na escola rural as vítimas são mais novas e da mesma idade que as alunas agressoras, e na escola urbana são da mesma idade, mais novas e mais velhas. As raparigas da escola rural estão acompanhadas no ato da agressão, uma rapariga da escola urbana refere que ocorre quando ela está só ou acompanhada, e a outra quando está acompanhada.

Diferenças entre rapazes da escola rural e raparigas da escola urbana (ver Apêndice XII)

As diferenças entre rapazes da escola rural e raparigas da escola urbana abarcam os fatores predisponentes do *bullying*, ao nível individual, contexto escolar e contexto sociofamiliar, bem como, o *bullying* utilizado entre pares no contexto escolar.

Dimensão Individual

Os rapazes da escola rural são mais novos (14 e 15 anos) que as raparigas da escola urbana (16 e 19 anos). A média da autoestima dos rapazes da escola rural é superior ($M=3,95$) à média da autoestima das raparigas da escola urbana ($M=3,7$). Existem diferenças ao nível dos comportamentos de risco, pois os rapazes consomem tabaco, álcool, bem como, já experimentaram droga, em relação às raparigas apenas uma consome álcool e experimentou tabaco. Na legitimação de conflitos, apenas um dos rapazes menciona haver conflitos entre ele e os colegas, e as duas raparigas referem o mesmo, todos expõem que quem inicia os conflitos varia entre eles próprios e os colegas. Um dos rapazes e as duas raparigas gostam de provocar os outros, no entanto apenas os dois rapazes consideram que provocar os outros é divertido. Todos os alunos admitem gostar de se vingar, e apenas um dos rapazes refere que as situações de conflitos e provocar ocorrem por ele estar zangado, triste ou assustado.

Contexto Escolar

Os rapazes da escola rural frequentam o 7º ano, e as raparigas, da escola urbana, o 9º ano de escolaridade. Os dois rapazes perderam num total quatro anos escolares e as raparigas cinco anos. Todos os alunos apresentam dificuldades escolares, sendo que na escola rural as dificuldades prendem-se em todas as disciplinas, mais precisamente em matemática e francês, e na escola urbana as disciplinas são inglês, história, francês e matemática. No respeito por figuras de autoridade os rapazes têm problemas com um professor da escola e as raparigas têm problemas com funcionárias. Quem acompanha o percurso escolar dos rapazes e de uma rapariga é a mãe, da outra rapariga é a irmã.

Contexto sociofamiliar

Um dos rapazes vive na família de origem bi-parental e o outro na família de origem materna, e as raparigas, uma vive na família de origem bi-parental e a outra na família reconstituída materna. A média da escolaridade dos pais dos rapazes é superior ($M=5,875$) à

média de escolaridade dos pais das raparigas ($M= 5$). Todos os pais dos alunos estão empregados, no entanto a mãe de uma rapariga e a mãe de um rapaz estão desempregadas. Ao nível da violência doméstica, verifica-se que existem situações de violência entre uma rapariga e a sua irmã. Não obstante, os pais de um dos rapazes discutem entre eles, e os pais das raparigas discutem com elas. Nos estilos parentais os rapazes, da escola rural, e as raparigas, da escola urbana, consideram os pais justos, no entanto os dois rapazes costumam ser premiados e apenas um castigado, e as duas raparigas costumam ser premiadas e castigadas.

Bullying

No *bullying* físico, apenas um rapaz já agrediu um colega, e as duas raparigas, já o fizeram, e somente os rapazes já estragaram um objeto de outro colega. No *bullying* verbal, todos os alunos já chamaram nomes, insultaram e/ou gozaram com outro colega, e um rapaz, como uma rapariga já ameaçaram outro colega. No *bullying* psicológico, apenas os rapazes da escola rural já obrigaram algum colega a fazer algo que não queria. No *bullying* relacional, apenas as raparigas da escola urbana já excluíram ou ignoraram alguém do seu grupo de amigos, e apenas um rapaz já inventou histórias sobre um colega e contou a outros. No *bullying* sexual, um rapaz e uma rapariga já gozaram com algum colega por gostar de pessoas do mesmo sexo. O comportamento mais utilizado, tanto nos rapazes como nas raparigas, é o *bullying* verbal. As situações de *bullying*, segundo os rapazes ocorrem na sala de aula, e segundo as raparigas, ocorrem na sala e no pátio da escola. Um dos rapazes e uma das raparigas refere que na ocorrência de *bullying* estão sós ou acompanhados, e um rapaz e uma rapariga referem que estão sempre acompanhados.

Diferenças entre raparigas da escola rural e rapazes da escola urbana (ver Apêndice XIII)

As diferenças entre raparigas da escola rural e rapazes da escola urbana abarcam os fatores predisponentes do *bullying*, ao nível individual, contexto escolar e contexto sociofamiliar, bem como, o *bullying* utilizado entre pares no contexto escolar.

Dimensão Individual

As raparigas da escola rural têm idades superiores (14 e 15 anos) à dos rapazes da escola urbana (12 e 13 anos), bem como a média de autoestima das raparigas é superior ($M=$

3,9) à média da autoestima dos rapazes ($M= 3,45$). Nos comportamentos de risco, apenas uma rapariga experimentou álcool e tabaco, e um dos rapazes experimentou tabaco. Na legitimação de conflitos todos os alunos assumem existir conflitos entre eles e outros colegas. As raparigas admitem que quem inicia os conflitos é repartido entre elas e os outros, bem como um rapaz, e o outro rapaz refere que são os outros a iniciarem os conflitos. Apenas um dos rapazes gosta de provocar os outros, e gosta que os colegas pensem que ele é o maior da escola, que é superior. Uma rapariga e os dois rapazes gostam de se vingar, e uma rapariga e um rapaz gostam de se mostrar perante os colegas. Relativamente a se as situações de conflitos e de provocar ocorrem quando os alunos estão tristes, zangados ou assutados, apenas os rapazes responderam afirmativamente.

Contexto Escolar

Todos os alunos frequentam o 7º ano de escolaridade, sendo o número total de reprovações superior nas raparigas (5 anos), do que nos rapazes (1 ano). As duas raparigas e um rapaz gostam de ir à escola, e todos referem sentirem-se bem na escola, principalmente com os colegas. Todos os alunos apresentam dificuldades escolares, em que na escola rural as dificuldades incidem em matemática, português e inglês, e na escola rural as disciplinas com maior dificuldade são as línguas, inglês e francês. Apenas uma das raparigas considera já ter tido algum problema na escola. No respeito por figuras de autoridade, apenas um dos rapazes tem problemas com os professores. O acompanhamento escolar dos rapazes é feito pelas suas mães, como também a uma rapariga, e quem acompanha escolarmente a outra rapariga é o seu pai.

Contexto sociofamiliar

Uma das raparigas vive com a sua família de origem bi-parental e a outra vive numa família reconstituída materna. Os rapazes vivem na sua família de origem bi-parental. As raparigas têm uma boa relação com os pais, tal como os rapazes, apesar de um rapaz referir que às vezes existem discussões. Apenas uma rapariga e um rapaz fala com os pais acerca dos problemas escolares. A média de escolaridade dos pais das raparigas é inferior ($M= 6,25$) à média de escolaridade dos pais dos rapazes ($M= 8,5$). Na existência de violência doméstica no seio familiar dos alunos, verifica-se que apenas existem situações de violência numa das raparigas. Os pais de uma rapariga discutem entre eles e com a aluna, bem como ocorre a um dos rapazes, sendo que o outro rapaz, os pais apenas discutem com ele. As raparigas

consideram que o estilo parental adotado pela sua família é de justo, bem como de um rapaz, sendo que o outro rapaz considera os pais controladores. No entanto apenas uma das raparigas é castigada, e os dois rapazes são castigados e premiados.

Bullying

No *bullying* físico, tanto os rapazes como as raparigas já bateram em algum colega, e apenas uma rapariga já estragou um objeto de outro colega. No *bullying* verbal, uma das raparigas, bem como, os dois rapazes, chamaram nomes, insultaram ou gozaram com algum colega, e apenas uma rapariga ameaçou outro colega. No *bullying* psicológico, somente uma rapariga chantageou outro colega. No *bullying* relacional, apenas um rapaz já inventou histórias sobre algum colega e contou a outros. O comportamento mais utilizado é o *bullying* físico nas raparigas da escola rural, e na escola urbana divide-se entre o *bullying* físico e o verbal. Na localização das situações de *bullying* uma das raparigas refere ser dentro da sala de aula, sendo que os restantes alunos expõem que as situações ocorrem no pátio. Os rapazes mencionam que as vítimas são mais novas e mais velhas que eles, e as raparigas relatam que as vítimas são da mesma idade e mais novas. As influências correspondem a se o aluno está só ou acompanhado quando ocorre o *bullying*, em que as raparigas estão acompanhadas, um rapaz está só e o outro só ou acompanhado.

Capítulo VII. Discussão dos Resultados

Os alunos participantes na investigação são identificados pela escola como agressores, têm idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos ($M = 14,75$) e frequentam o 3º ciclo do ensino básico. Esta faixa etária foi selecionada com base nos estudos de Sebastião (2009), que refere que a idade de alunos agressores concentra-se nos 14 anos, ou seja, que frequentam o 3º ciclo.

Segundo Fernandes e Seixas, em 2012, o *bullying* gera-se através da individualidade de um aluno, incluindo as suas características pessoais, comportamentais, ou seja, a dimensão individual, o seu contexto escolar, as práticas educativas familiares, o contexto sociofamiliar, bem como fatores situacionais e o local geográfico onde ocorrem as situações de *bullying*. Ou seja, fatores que contribuem para o desenvolvimento de atitudes agressivas, de *bullying*, dos alunos para com os seus pares, advêm da conjugação de diversos fatores, ao nível individual, escolar e sociofamiliar.

Nos fatores predisponentes do *bullying*, ao nível da dimensão individual, enquadra-se a autoestima, que segundo Bushman e Baumeister (1998), as pessoas que têm uma autoestima mais elevada apresentam níveis de agressão superiores. Verifica-se, através da entrevista efetuada aos alunos selecionados, que a média de autoestima é superior nos alunos da escola rural em relação aos alunos da escola urbana. Segundo Brito e Oliveira (2013) os rapazes apresentam níveis de autoestima superior às raparigas, o que não corresponde na totalidade aos dados recolhidos na nossa amostra, sendo que as raparigas apresentam uma média de autoestima ligeiramente superior ($M = 3,8$) aos rapazes ($M = 3,7$). Estes resultados podem ser explicados pelo fato das raparigas avaliarem a sua autoestima através da sua própria aceitação enquanto pessoa, já os rapazes avaliam a autoestima através da competência que têm, principalmente a nível físico. Verificam-se estes pressupostos teóricos nas diferenças entre rapazes e raparigas da escola rural, onde os rapazes apresentam uma autoestima ligeiramente superior ($M = 3,95$) às raparigas ($M = 3,9$), bem como nas diferenças entre rapazes da escola rural, que apresentam uma média de autoestima superior ($M = 3,95$) em relação às raparigas da escola urbana ($M = 3,7$). Já na escola urbana, os resultados não vão ao encontro da literatura, sendo que as raparigas têm uma autoestima superior ($M = 3,70$) aos rapazes ($M = 3,45$). Também, as diferenças entre raparigas da escola rural ($M = 3,9$) com rapazes da escola urbana ($M = 3,45$) divergem dos resultados encontrados por Brito e Oliveira. As diferenças de rapazes das duas escolas, os da escola rural apresentam uma média de autoestima superior ($M = 3,95$) aos da escola urbana ($M = 3,45$), comprovando-se igualmente nas raparigas da escola rural que apresentam uma média de autoestima superior ($M = 3,9$) às da escola urbana ($M = 3,7$).

Os comportamentos de risco enquadram-se igualmente na dimensão individual, os quais segundo Matos e Gonçalves (2009), estão relacionados ao *bullying*, através do consumo de álcool e tabaco, e segundo Haber e Glatzer (2009), através do consumo de droga. Na nossa amostra, a maioria dos intervenientes apresentam consumo ou experiência de tabaco, e ao nível do álcool metade dos alunos consome, dados que podem estar relacionados à atual facilidade no acesso a álcool, tabaco e drogas. Relativamente às diferenças entre escolas e género, os rapazes da escola rural apresentam mais comportamentos de risco em relação às raparigas da mesma escola e às raparigas da escola urbana, sendo que as raparigas da escola rural têm mais comportamentos de risco em relação aos rapazes da escola urbana, e as raparigas da escola urbana têm mais comportamentos de risco em relação aos rapazes da mesma escola. Quando comparados separadamente rapazes e raparigas entre as duas escolas, os rapazes da escola rural têm mais comportamentos de risco, sendo que nas raparigas não há

diferenciação. Verifica-se assim, que existe maior índice de comportamentos de risco dos alunos da escola rural em relação aos alunos da escola urbana, dados que podem estar relacionados com o facto de na zona urbana existirem mais atividades ocupacionais do que na zona rural, como por exemplo atividades promovidas pela escola, através de clubes e desporto, junta de freguesia, casa do povo, associações, existindo igualmente o teatro, o cinema e centros comerciais, levando a que os jovens estejam ocupados e não tenham tantos comportamentos de risco.

A legitimação de conflitos, ou seja, o que contribui para originar os conflitos entre pares no contexto escolar enquadra-se na dimensão individual, em que a maioria dos entrevistados admite haver conflitos entre si e os colegas, sendo que metade dos alunos gosta de provocar, correspondendo ao que Olweus (1995) refere, que os agressores têm sentimentos de satisfação quando infligem sofrimento aos outros, tendo necessidade de intimidar e provocar os outros. Não obstante, comparando os alunos das duas escolas, todos os alunos da escola urbana, na legitimação de conflitos, consideram ter conflitos com colegas, dado que pode ser explicado pelo acréscimo de tempo que estão com os mesmos colegas, em diversas atividades, estas promovidas pela escola, como clubes ou desporto, o que pode gerar mais discordâncias e consequentemente, conflitos entre eles.

Verifica-se assim, na dimensão individual, que a maioria dos entrevistados apresenta comportamentos de risco, podendo estar associado aos conflitos com os colegas, em que metade dos alunos admite gostar de provocar os outros.

O contexto escolar enquadra-se nos fatores predisponentes do *bullying*, o que segundo Haber e Glatzer (2009) e Matos e colaboradores (2009), o insucesso escolar, o absentismo escolar, o fraco envolvimento escolar e (in)disciplina na sala de aula, bem como o abandono escolar, são fatores que contribuem para o desenvolvimento de comportamentos de *bullying*. Verifica-se nos alunos entrevistados que a maioria já reprovou entre 1 e 4 anos escolares e todos apresentam dificuldades escolares. Os alunos da escola rural apresentam no total maior número de reprovações, em relação aos alunos da escola urbana, dado que pode estar relacionado com os sentimentos de insatisfação para com a escola, com a pouca dedicação e com as dificuldades escolares. Nos alunos da escola rural, as raparigas apresentam um total de reprovações superior aos rapazes da mesma escola e aos rapazes da escola urbana, sendo que verifica-se uma situação idêntica nas diferenças entre género da escola urbana, em que as raparigas apresentam igualmente, um total de reprovações superior aos rapazes da mesma escola, e têm um total de reprovações superior aos rapazes da escola rural. Na diferença entre

as duas escolas os rapazes da escola rural têm mais reprovações que os rapazes da escola urbana. Verifica-se assim que no contexto escolar, mais precisamente no aproveitamento, a maioria dos alunos reprovou anos escolares, bem como consideram as disciplinas difíceis e apresentam dificuldades a mais do que uma.

Segundo Fernandes e Seixas (2012), os alunos agressores de *bullying* não têm uma relação pacífica com as figuras de autoridade da escola (funcionários e/ou professores), sendo que a maioria dos alunos da amostra já tiveram problemas de diversa ordem na escola, bem como com professores e funcionários. Os comportamentos desadequados dos alunos para com os seus superiores revela a mudança existente a nível escolar, em relação ao antes do 25 de abril, pois na altura os alunos estavam mais controlados, no entanto havia alguma violência exercida por professores e/ou funcionários. Atualmente o controlo dos alunos é efetuado de modo diferente, tornando o ensino benéfico pois não incentiva à violência, contudo apresenta menos sucesso pois os alunos têm comportamentos desadequados para com os seus superiores escolares. Os alunos da escola urbana referem, maioritariamente, e em relação aos alunos da escola rural, ter desentendimentos com figuras de autoridade da escola (professores e funcionários), visto estes não aprovarem o controlo e regras impostas pelos superiores. Os rapazes da escola rural apresentam mais problemas com superiores, em comparação com as raparigas da mesma escola e com os rapazes da escola urbana, bem como as raparigas da escola urbana apresentam mais problemas com superiores em relação aos rapazes da mesma escola e às raparigas da escola rural. Dados que podem ser compreendidos pelo facto, dos rapazes da escola rural e das raparigas da escola urbana, apresentarem maiores comportamentos de risco, bem como conflitos entre pares, ao qual estão mais dispostos a enfrentar e desrespeitar as figuras de autoridade escolares. Verifica-se igualmente, que os alunos que verbalizaram ter problemas na escola, tendo culminado em participações, expressaram haver conflitos com figuras de autoridade escolares, estes professores ou funcionários.

Segundo Haber e Glatzer (2009), os agressores apresentam uma elevada popularidade, tal como todos os alunos entrevistados, pois estes necessitam ser aceites pelo grupo de pares e conseguem facilmente ter amigos.

No que concerne ao contexto sociofamiliar dos intervenientes, segundo Beane (2011), os comportamentos de *bullying* dos alunos pode ser o reflexo do que vivenciam no seu ambiente familiar, o que segundo Matos e colaboradores (2009), Lopes Neto (2005) e Fernandes e Seixas (2012), referem que histórias de agressão, de comportamentos agressivos

no seio familiar, de conflitos familiares, podem contribuir para o desenvolvimento da agressividade/*bullying* no aluno, como também a fraca supervisão dos pais, a separação e/ou divórcios destes e a desestruturação familiar. A maioria dos entrevistados revela que os pais discutem com eles próprios, e mais concretamente na escola do meio urbano, segundo os entrevistados, todos os pais discutem com os seus filhos. A violência no seio familiar, segundo Matos e colaboradores (2009), pode servir de modelo na adoção de comportamentos de *bullying*, ao qual apenas dois entrevistados revelam existir situações de violência nas suas famílias. Verifica-se que na diferença de género da escola rural, uma das raparigas revela discutir com os pais, e vivencia situações de violência no seu seio familiar, bem como, foi vítima de abuso sexual por um familiar, o que ocorre igualmente, na diferença de género da escola urbana, em que uma das raparigas assiste a violência doméstica, bem como foi vítima de abuso sexual por um familiar, o que pode contribuir para o desenvolvimento de comportamentos de *bullying*. Na diferença entre rapazes das duas escolas, bem como entre rapazes da escola urbana e raparigas da escola rural, os dois alunos da escola urbana referem ter discussões com os seus cuidadores. Na diferença das raparigas das duas escolas, e de rapazes da escola rural e raparigas da urbana, as duas raparigas da escola urbana têm discussões com os seus cuidadores.

Segundo Fernandes e Seixas (2012) e Olweus (1996), o estilo parental punitivo e hostil ou pelo contrário de extrema liberdade pode contribuir para que o aluno desenvolva comportamentos de *bullying*. Segundo os entrevistados, os seus cuidadores são maioritariamente justos, ou seja, assertivos, tendo comportamentos tanto punitivos como liberais, sendo que a maioria dos alunos são castigados, aquando um comportamento desadequado ou maus resultados escolares, e igualmente premiados, quando apresentam um comportamento adequado e bons resultados a nível escolar.

Verifica-se assim que no contexto sociofamiliar apesar dos entrevistados terem suportes familiares diferentes, a maioria refere ter uma boa relação com os seus cuidadores. No entanto dois alunos referem não falar com os cuidadores acerca dos problemas escolares, em que um deles apresenta problemas com figuras de autoridade escolares, podendo desta forma estar relacionado, sendo que também não considera a escola difícil mas não gosta de lá estar. A escolaridade dos educadores, dos entrevistados, está associada à profissão que desempenham, em que apesar da maioria destes trabalharem, alguns dos alunos referem ter dificuldades financeiras. Alguns dos entrevistados afirmam que os pais discutem entre eles e com os próprios alunos, sendo que apenas duas alunas assumem vivenciarem situações de violência

doméstica, bem como duas alunas foram vítimas de abuso sexual, que segundo as mesmas pode estar associado ao seu comportamento agressor de *bullying*. Nos estilos parentais a maioria dos alunos refere que os cuidadores são justos, no entanto dois não são nem premiados nem castigados e um aluno é apenas premiado. Um dos alunos relata que os seus cuidadores são controladores, contudo este é castigado e premiado.

Nos tipos de *bullying* empregues, segundo os oito alunos entrevistados o tipo mais utilizado é o verbal, seguindo-se o físico, no entanto a maioria dos intervenientes utilizou de forma igualitária o *bullying* físico e o verbal, em que prevalece o “bater” e “chamar nomes”, “gozar” e “insultar” os colegas, correspondendo assim ao que Brito e Oliveira (2013) e Silva (2012) referem, que o *bullying* verbal é o mais frequente. Não obstante, Melo e Duarte (2011) referem que o tipo de *bullying* mais frequente é ao nível da exclusão social e verbal, seguindo-se do físico, o que não corresponde totalmente aos dados recolhidos junto da nossa amostra. Os resultados afirmam que a maioria dos entrevistados utiliza o *bullying* verbal, dado que pode ser explicado pelo facto de que os alunos nesta idade possuem competências verbais desenvolvidas, ao qual o podem utilizar de forma mais subtil e imediata sobre as vítimas, ao invés de utilizarem outro tipo de *bullying*, tal pode ser explicado igualmente, pelo facto de que existe um declínio na utilização do *bullying* físico com o aumento da idade dos agressores, dando lugar à utilização do *bullying* verbal e relacional. Relativamente aos tipos de *bullying*, na escola do meio rural foram utilizados com maior frequência o *bullying* verbal e o físico, e na escola do meio urbano, o verbal, não correspondendo ao que Kuhn, Lyra e Tosi (2011) e Mayer e Kloh (2014) referem, que o *bullying* verbal tem maior incidência no meio rural sobre o meio urbano. Segundo Matos e colaboradores, 2009, os rapazes e as raparigas expressam o comportamento de *bullying* de forma diferente. Segundo um estudo de Zegarra e colaboradores, em 2009, verifica que as raparigas com idade igual aos rapazes apresentam um maior desenvolvimento social e cognitivo do que os rapazes, daí elas utilizarem com maior frequência o *bullying* relacional. Segundo Olweus, em 1996, Baldry, em 2003, Matos e Gonçalves, em 2009 e Bandeira e Hutz, em 2012, os rapazes utilizam com maior frequência o *bullying* físico e as raparigas o psicológico, relacional. Segundo um estudo de Kuhn, Lyra e Tosi, 2001, verificou-se maior índice de *bullying* verbal nas raparigas (68%) em relação aos rapazes (65%) e o *bullying* físico foi maior nos rapazes (41%) em relação às raparigas (24%). Na diferença entre rapazes e raparigas da escola rural, eles utilizam maioritariamente o *bullying* verbal e elas o físico, contradizendo o que os investigadores acima concluíram. Nos agressores da escola urbana, as raparigas utilizam maioritariamente o *bullying* verbal, e os

rapazes, dividem-se entre o verbal e o físico. Entre as raparigas das duas escolas, as da escola rural utilizam maioritariamente o *bullying* físico e as da escola urbana, o verbal.

Relativamente à localização divide-se entre a sala e o pátio de forma equitativa, o que corresponde em parte ao que Sebastião (2009), Pereira, Silva e Nunes (2009) e Zegarra e colaboradores (2009) referem, que o *bullying* ocorre maioritariamente no recreio/pátio seguindo-se da sala de aula. A seleção do pátio para a ocorrência do *bullying* advém do facto de ser um local pouco vigiado, e a sala, por ser um local onde estão concentrados todos os alunos, e mais facilmente o agressor atinge a vítima, tendo espetadores, reforçando o poder do agressor e o domínio sobre o outro. Relativamente à localização de atos de *bullying*, na escola da área rural, predomina na sala e na escola da área urbana predomina no pátio, dados que correspondem em parte ao estudo de Mayer e Kloh (2014) que refere o recreio/pátio como local onde ocorre o *bullying* quer na escola rural quer na urbana. Relativamente ao local de ocorrência do *bullying*, nos agressores da escola rural, as raparigas dividem-se no pátio e na sala, e os rapazes referem na sala, bem como comparando com os alunos da escola urbana, em que os rapazes referem que as situações de *bullying* ocorrem no pátio, e as raparigas dividem-se entre o pátio e a sala.

No *bullying* utilizado pelos entrevistados, verifica-se que a maioria dos alunos que utiliza com maior frequência o *bullying* verbal realiza-o na sala de aula, sendo que os alunos que utilizam o *bullying* físico fazem-no no pátio.

Os entrevistados referem na sua maioria que as vítimas são mais novas do que eles próprios, correspondendo ao que Olweus (1996) e Pereira, Silva e Nunes (2009) referem, que os agressores são geralmente mais velhos do que as vítimas, dado que pode ser explicado pelo facto dos agressores selecionarem alunos com menos capacidade de defesa, considerados mais fracos, por serem mais novos. Para os alunos da escola rural as vítimas são da mesma idade e mais novas do que eles próprios, sendo que para a maioria dos alunos da escola urbana as vítimas são mais velhas e mais novas.

Segundo Matos e Gonçalves (2009) os agressores geralmente são populares e estão acompanhados por amigos aquando a ocorrência de *bullying*, sendo que num estudo efetuado por Silva, em 2012, a maioria dos agressores estão acompanhados por amigos e colegas aquando a agressão de *bullying*, o que corresponde aos resultados apurados com a entrevista, dado que revela a intenção dos agressores serem vistos como líderes, os mais fortes e poderosos da escola, existindo a necessidade de aprovação pelos pares e serem o “centro das atenções”, sendo igualmente uma forma de intimidar mais profundamente as vítimas. Na

ocorrência de situações de *bullying* a maioria dos alunos da escola rural estão acompanhados, e a maioria dos alunos da escola urbana estão sós ou acompanhados.

Conclusão

Ao longo dos tempos o tema violência e mais propriamente *bullying* tem estado presente nas escolas e tem sido abordado pela comunidade científica. Existe uma grande necessidade de compreender o fenómeno por forma a trabalhar no sentido da sua diminuição e até mesmo erradicação. No entanto, os programas de intervenção criados, por vezes não se adequam à realidade de cada ambiente escolar. Daí a importância da presente investigação ao qual pretendeu estudar o *bullying* através dos agressores, incluindo os fatores predisponentes e comportamentos de *bullying* por eles praticados, fazendo a distinção entre duas escolas de áreas geográficas distintas, como também entre género.

A metodologia utilizada foi a qualitativa, fazendo uso da entrevista, considerando-se que foi a mais adequada para esta investigação, pois contribuiu para um conhecimento da dinâmica de funcionamento de oito alunos, identificados pelas escolas como agressores, através do testemunho direto dos agressores sobre si e o seu comportamento.

Através da presente investigação, podemos concluir que todos os alunos participantes possuem características que podem estar associadas ao surgimento e desenvolvimento do *bullying*, sendo que existem algumas diferenças dos agressores, de escolas situadas em locais geográficos diferentes, bem como entre género.

Verifica-se assim que nos fatores predisponentes do *bullying* e fazendo a comparação entre as duas escolas, ao nível individual, os alunos da escola rural apresentam maior índice de autoestima e mais comportamentos de risco, sendo que na legitimação de conflitos, todos os alunos da escola urbana apresentam conflitos com colegas. No contexto escolar os alunos da escola rural apresentam um número superior de reprovações, relativamente, aos alunos da escola urbana. A maioria dos alunos da escola urbana revela ter desentendimentos com figuras de autoridade escolares (professores e funcionários). No contexto sociofamiliar todos os pais dos alunos da escola urbana discutem com eles, e a maioria dos alunos de ambas as escolas referem os pais como justos ao nível do estilo parental. Quanto aos tipos de *bullying*, a maioria dos alunos entrevistados da escola urbana utiliza com maior frequência o *bullying* verbal, sendo que na escola rural divide-se entre o verbal e o físico. Relativamente ao local da ocorrência do *bullying*, na escola rural ocorre com maior frequência na sala de aula, e na escola urbana no pátio. Para os alunos da escola rural as vítimas são da mesma idade e mais novas do que eles próprios, sendo que para a maioria dos alunos da escola urbana as vítimas são mais velhas e mais novas. Na ocorrência de situações de *bullying* a maioria dos alunos da

escola rural estão acompanhados por amigos/colegas, e a maioria dos alunos da escola urbana estão sós ou acompanhados.

Relativamente às diferenças mais significativas do género, nos fatores predisponentes do *bullying*, ao nível individual, os rapazes da escola rural apresentam uma maior autoestima, comparando com os outros alunos do mesmo género e diferente, bem como são os mesmos que apresentam maiores comportamentos de risco. No contexto escolar, as raparigas das duas escolas apresentam o mesmo e o maior número de reprovações de anos escolares, em relação ao género masculino. Quanto ao respeito por figuras de autoridade, os rapazes da escola rural e as raparigas da escola urbana, bem como um rapaz da mesma escola, apresentam problemas com funcionários e/ou professores. No contexto sociofamiliar, apenas duas raparigas, de escolas diferentes, assistem a violência no seu seio familiar. No que concerne aos tipos de *bullying* os rapazes da escola rural utilizam com maior frequência o *bullying* verbal e as raparigas o físico, e na escola urbana as raparigas utilizam com maior frequência o *bullying* verbal e os rapazes dividem-se entre verbal e físico.

Apesar do presente estudo ter por base diversos autores, através de artigos, estudos e diversa bibliografia, a investigação apresenta algumas limitações, nomeadamente ao nível da bibliografia e estudos científicos que façam referência às diferenças do *bullying* entre escolas situadas em meios geográficos distintos. Estes estudos são escassos, sendo que deveria haver um maior investimento nesta área, pois o *bullying* é uma problemática atual, e considera-se uma mais-valia a distinção de dois espaços geográficos distintos, com o intuito de criar medidas interventivas adequadas.

Apesar das limitações identificadas, considera-se que a investigação foi ao encontro dos objetivos, sendo um contributo e uma mais-valia para os profissionais que trabalham nesta área, no sentido de fazer uma caracterização dos alunos agressores de *bullying* e poder contribuir para a realização de uma intervenção mais adequada à realidade. Dada a relevância e atualidade do tema, considera-se pertinente a continuação da investigação nesta área, podendo replicar o estudo por outras escolas e abranger um maior número de alunos, conhecendo a realidade efetiva em cada escola relativamente ao *bullying*, e contribuir a curto e médio prazo para uma intervenção multidisciplinar mais adequada ao contexto social e escolar dos alunos, tendo em consideração todas as variáveis acima mencionadas, criando assim um plano de intervenção contemplando medidas preventivas e reparadoras, de forma a diminuir ou erradicar esta problemática nos ambientes escolares.

Referências

- Ander-Egg, E. (1995). *Introdução ao trabalho social*. Petrópolis, Brasil: Editora Vozes.
- Ander-Egg, E., & Idáñez, M. J. A. (1995). *Disgnóstico social – conceptos y metodología. Colección política, servicios y trabajo social*. Argentina: Editorial Lumen.
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, 53, 27–51. doi: 10.1146/annurev.psych.53.100901.135231.
- APSS – Associação dos Profissionais de Serviço Social. (1996). *A ética no serviço social – princípios e valores*. Lisboa: Adaptados pela Assembleia Geral da FIAS em Colombo Sirilanka.
- Baldry, A. C. (2003). Bullying in schools and exposure to domestic violence. *Child Abuse & Neglect*, 27, 713–732. doi:10.1016/S0145-2134(03)00114-5.
- Bandeira, C. M., & Hutz, C. S. (2010). As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 14 (1), 131-138. doi: 10.1590/S1413- 85572010000100014.
- Bandeira C. M., & Hutz, C. S. (2012). Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 16 (1), 35-44.
- Barros, P. C., Carvalho, J. E., & Pereira, M. B. F. L. O. (2009). Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. *IX Congresso nacional de educação – EDUCERE, III Encontro sul brasileiro de psicopedagogia*, 5739-5757.
- Beane, A. L. (2006). *A sala de aula sem bullying*. Porto: Porto Editora.
- Beane, A. L. (2011). *Proteja o seu filho do bullying*. Porto: Porto Editora.
- Bouth, R. N. de S., & Sousa, V. B. (2011). Bullying: a intensidade e frequência da prática relacionados com o gênero do autor. *Revista Internacional de Investigación en Ciencias Sociales*, 7 (1), 29-60.
- Brito, C. C., & Oliveira, M. T. (2013). Bullying and self-esteem in adolescents from public schools. *Jornal Pediatria*, 89 (6), 601-607. doi:10.1016/j.jped.2013.04.001.
- Bullock, J. (2002). Bullying among children. *Childhood Education*, 78 (3), 130-133. doi: 10.1080/00094056.2002.10522721.
- Bushman, B. J., & Anderson, C. A. (2001). Is it time to pull the plug on the hostile versus instrumental aggression dichotomy?. *American Psychological Association*, 108 (1), 273-279. doi: 10.1037//0033-295X.108.1.273.

- Bushman, B. J., & Baumeister, R. F. (1998). Threatened egotism, narcissism, self-esteem, and direct and displaced aggression: does self-love or self-hate lead to violence?. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75 (1), 219-229. doi: 10.1037/0022-3514.75.1.219.
- Campos, B. P. (coord.). (1990). *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens* (Volume II). Lisboa: Universidade Aberta.
- Caparrós, M. J. E. (1998). *Manual de trabajo social (modelos de práctica profesional)* (2ª ed.). Alicante: Editorial Aguaclara.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia de investigação – guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalhosa, S. F. (2007). Seminário bullying, violência e agressividade em contexto escolar - o *bullying* nas escolas portuguesas. Portugal: Universidade de Bergen, Noruega e Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Correia, A., Costa, L., & Freitas, T. (2012). Prevenir o bullying: um projeto comunitário inovador. *Revista Diversidades*, 38, 38-39.
- Costa, M. E., & Vale, D. (1998). A violência nas escolas. Coleção ciências da educação - 23. Lisboa: Instituto de inovação educacional.
- Cunha, A. P. M. (2005). *Bullying* - descrição e comparação de práticas agressivas em modelos de recreio escolar entre crianças do 1ºciclo. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de mestre em ciências do desporto no âmbito do mestrado em ciências do desporto, na área de especialização de desporto de recreação e lazer. Com a orientação da Professora Doutora Paula Botelho Gomes, e co-orientação da Professora Doutora Beatriz Oliveira Pereira. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto.
- Espinheira, F., & Jóluskin, G. (2009). Violência e bullying na escola: um estudo exploratório no 5º ano de escolaridade. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 106-115.
- Faleiros, V. P. (2007). *Violência contra a pessoa idosa: ocorrências, vítimas e agressores*. Brasília: Editora Universa.
- Fernandes, L., & Seixas, S. (2012). *Plano bullying: como apagar o bullying da escola* (1ª ed.). Lisboa: Plátano Editora.
- Ferraz, S. (2008). Comportamentos de bullying: estudo numa escola técnico – profissional. Dissertação de mestrado em psicologia forense apresentada no Instituto Nacional de

- Medicina Legal – Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/21929/3/tese%20nova%20final%20pdf.pdf>.
- Fischer, G. N. (1992). *A dinâmica social – violência, poder, mudança*. Lisboa: Planeta Editora/ISPA.
- Haber, J., & Glatzer, J. (2009). *Bullying manual anti-agressão – proteja o seu filho de provocações, abusos e insultos* (1ª ed.). Alfragide: Casa das Letras.
- Harris, S., & Petrie, G. (2002). A study of bullying in the middle school - national association of secondary school principals. *NASSP Bulletin*, 86 (633), 42-53. doi: 10.1177/019263650208663304.
- Informe mundial sobre la violencia y la salud: resumen (2002). Publicado pela Organización Panamericana de la Salud para la Organización Mundial de la Salud: Washington, D.C. http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_es.pdf?ua=1.
- Isernhagen, J., & Harris, S. (2004). A comparison of bullying in four rural middle and high schools. *The Rural Educator*, 25 (3), 5-13.
- Karli, P. (2002). *As raízes da violência – reflexões de um neurobiologista*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Kuhn, Q. L., Lyra, L. R., & Tosi, P. C. S. (2011). *Bullying em contextos escolares*. Joaçaba: *Unesco & Ciência – ACHS*, 2 (1), 49-62.
- Lopes Neto, A. A. (2005). Bullying comportamento agressivo entre estudantes – artigo de revisão. *Sociedade Brasileira de Pediatria: Jornal de Pediatria*, 81 (5-supl). doi: 10.1590/S0021-75572005000700006.
- Lopez, R., Amaral, A. F., Ferreira, J., & Barroso, T. (2011). Artigo teórico – fatores implicados no fenómeno de *bullying* em contexto escolar: revisão integrada da literatura. *Revista de Enfermagem Referência*, Série III, 5, 153-162. doi: 10.12707/RIII1169.
- Lusa. (6 de Abril de 2012). Observatório verifica 1.121 agressões em escolas no ano passado, 140 contra professores. Consultado a 18 de Janeiro de 2014 em <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=542872&tm=8&layout=121&visual=49>.
- Martins, M. J. D. (2005). Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empírico. *Análise Psicológica*, 4 (XXIII), 401-425.
- Matos, M. G., & Gonçalves, S. M. P. (2009). Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10 (1), 3-15.

- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). *Violência, bullying e delinquência*. (1ª ed.). Lisboa: Coisas de Ler Edições.
- Mayer, S. M., & Kloh, F. (2014). Bullying x adolescência: um estudo comparativo entre escolares da zona urbana e rural de santa cruz do sul 226 RS. V Salão de ensino e de extensão. ANAIS do salão de ensino e de extensão – Vivenciando a integração – Universidade de Santa Cruz do Sul.
- Melo, M., & Duarte, M. (2011). Comportamentos agressivos entre pares e padrões de vinculação: um estudo com jovens adolescentes. *Revista Amazônica*, 6 (1), 7-26.
- Moura, M. H. F. (2006). *Serviço social e modelos de intervenção: da sociedade industrial à sociedade do risco*. Dissertação de doutoramento em ciências do serviço social. Universidade do Porto – Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar.
- Mouro, H. (2009). *Modernização do serviço social – da sociedade industrial à sociedade do risco*. Coimbra: Edições Almedina.
- Novais, L. C. C., Prola, M. A. C., Mesquita, M., Gomes, V. P., Vilar, Z. A., & Bressan, C. R. (Coord.) (2001). *Serviço social na educação*. Brasília: Grupo de estudos sobre serviço social na educação – conselho federal de serviço social.
- Olweus, D. (1995). Bullying or peer abuse at school: facts and intervention. *Psychological Science*, 4 (6), 196-200. doi:10.1111/1467-8721.ep10772640.
- Olweus, D. (1996). Bully/victim problems at school: facts and effective intervention. *Journal of Emotional and Behavioral Problems*, 5 (1), 15-22.
- Olweus, D., & Limber, S. P. (2010). The Olweus bullying prevention program: implementation and evaluation over two decades. In S. R. Jimerson, S. M. Swearer, & D. L. Espelage (Eds.). *The handbook of school bullying: an international perspective*. New York: Routledge.
- Peeters, M, Cillessen, A.H. N., & Scholte, R. H. J. (2010). Clueless or powerful? identifying subtypes of bullies in adolescence. *Journal Youth Adolescence*, 39, 1041–1052. doi: 10.1007/s10964-009-9478-9.
- Pereira, P. C., & Diogo, C. (2011). *Apontamentos de metodologia de investigação*. Portimão: Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes.
- Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L., & Smith, P. K. (2004). Bullying in portuguese schools. *School Psychology International*, 25 (2), 241-254. doi: 10.1177/0143034304043690.

- Pereira, B., Silva, M. I., & Nunes, B. (2009). Descrever o bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Revista Diálogo Educação, Curitiba*, 9 (28), 455-466.
- Ribeiro, M. C. O., & Sani, A. I. (2009). Modelos explicativos da agressão: revisão teórica. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 96-104.
- Rodrigues, M. B. (2007). *Corpo, sexualidade e violência sexual – análise e intervenção social*. Lisboa: CPIHTS/VERAS.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de pesquisa*. (3ª Ed.). São Paulo: Mc Graw-Hill.
- Sebastião, J. (2009). Violência na escola: uma questão sociológica. *Revista Interações*, 13, 35-62.
- Sebastião, J., Alves, M. G., & Campos, J. (2003). Violência na escola: das políticas aos quotidianos. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 41, 37-62.
- Sebastião, J., Campos, J., Alves, M. G., & Amaral, P. (2004). Relatório de pesquisa: escola e violência – conceitos, políticas, quotidianos. Lisboa: *Centro de investigação e estudos de sociologia*.
- Sebastião, J., & Correia, S. V. (2007). *A democratização do ensino em Portugal*. A. F. da Costa, F. L. Machado e P. Ávila (Orgs.). Portugal no Contexto Europeu. Vol. I: Instituições e Política. Oeiras: Celta editora.
- Sebastião, J., Seabra, T., Alves, M. G., Tavares, D., Martins, J. G., & Portas, M. J. (1999). A produção da violência na escola. *Revista da Escola Superior de Educação de Santarém, ESES*, 10.
- Serafim, M. R. (2004). O reconhecimento da condição ética dos cidadãos – um imperativo para o serviço social. *Intervenção Social*, 29 (XIV).
- Shetgiri, R. (2013). Bullying and victimization among children. *Advances in Pediatrics*, 60 (1), 33-51. doi: 10.1016/j.yapd.2013.04.004. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3766526/>.
- Silva, R. A., ..., Pinheiro, R. T. (2012). Bullying and associated factors in adolescents aged 11 to 15 years. *Trends Psychiatry Psychother*, 34 (1), 19-24. doi: 10.1590/S2237-60892012000100005.
- Silva, R. V. (2012). Bullying escolar: um estudo das práticas agressivas em alunos do 3º ciclo no distrito de Aveiro. Dissertação apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro para obtenção do grau de mestre em ensino de educação física nos ensinos básico

e secundário sob a orientação do Professor Doutor Francisco José Gonçalves. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Trautmann, A. M. (2008). Maltrato entre pares o bullying - una visión actual. *Revista Chilena de Pediatría*, 79 (1), 13-20. doi: 10.4067/S0370-41062008000100002.

Zegarra, S. P., Barrón, R. G., Marqués, C. M., Berlanga, J. F., & Pallás, C. M. (2009). Diferencias conductuales según género en convivencia escolar. *Psicothema*, 21 (3), 453-458.

Apêndices

Apêndice I. Grelha utilizada para análise de conteúdo

Dimensões	Indicadores	Classificações
Dimensão individual	Género	- Feminino - Masculino
	Idade	- 12 a 19 anos
	Autoestima	Classificação de 1 (nada) a 5 (muitíssimo)
	Comportamentos de risco	- Álcool - Tabaco - Droga
	Legitimação de conflitos	- Conflitos
Contexto escolar	Ano escolaridade	- 3º ciclo (7º e 9º ano)
	Aproveitamento escolar	- Reprovações
	Popularidade	- Muitos amigos
	Respeito figuras autoridade	- Conflitos com professores e/ou funcionários
	Acompanhamento escolar	- Educadora/mãe - Educador/pai - Outro
Contexto sociofamiliar	Suporte familiar	- Família de origem materna - Família de origem paterna - Família de origem bi-parental - Família reconstituída
	Estatuto socioeconómico	- Escolaridade dos educadores - Trabalho dos educadores
	Violência doméstica	- Discussões - Violência
	Estilos parentais	- Justos - Liberais - Controladores
<i>Bullying</i>	Tipos de <i>bullying</i>	- Físico - Verbal - Psicológico - Relacional - Sexual

Dimensão	Indicadores	Classificações
<i>Bullying</i>	Frequência	- Comportamento mais utilizado
	Localização	- Sala - Pátio - Outro
	Número de vítimas	- Uma ou mais do que uma
	Idade vítimas	- Mais velha - Da mesma idade - Mais nova
	Influências	- Só - Acompanhado

Apêndice II. Pedido de autorização para a realização do estudo à Direção Regional de Educação



Direção Regional de Educação
Dr. Gonçalo Olim
Rua D. João n.º 57, Quinta Olinda
9054-510 Funchal

Lisboa, Janeiro de 2015

Assunto: Autorização para a realização do trabalho de investigação

No âmbito do mestrado de Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, lecionado na Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, da Universidade Lusófona de Lisboa, eu, Sandy Pacheco dos Reis, venho por este meio solicitar a Vossa Excelência autorização para a realização de uma investigação qualitativa e comparativa, no âmbito da violência entre pares no contexto escolar – *bullying*. O pedido de autorização foi direcionado no mês de março do passado ano civil. Tal como solicitado na época, em Novembro foram entregues os documentos, visto não chegarem ao destinatário correto, em anexo envio os mesmos. A investigação será realizada, durante este ano letivo, incidindo sobre duas escolas da Região Autónoma da Madeira, a Escola B+S Bispo D. Manuel Ferreira Cabral e a Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros. É objetivo da investigação poder compreender se existem diferenças na violência/*bullying*, por parte dos agressores, entre uma escola do meio urbano e uma escola do meio rural, sendo realizadas entrevistas individuais a alguns alunos. O estudo contribui para uma atuação especializada por parte dos profissionais, no sentido de atenuar as situações de violência nas escolas.

Para o efeito disponibilizo os meus contactos, sandypreis@hotmail.com, 961643798, para algum esclarecimento que considere necessário.

Grata pela Vossa compreensão, aguardarei autorização.

Atenciosamente,

Sandy Reis.

Apêndice III. Pedido de autorização para a realização do estudo aos encarregados de educação dos alunos selecionados



Consentimento Informado

Eu, Sandy Reis, aluna do 2º ano do Mestrado de Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, pretendo realizar, no âmbito da unidade curricular “Dissertação”, um trabalho de investigação junto de alguns alunos do 3º ciclo que frequentam a escola Básica dos 2º e 3º ciclos dos Louros. Pretendo com esta investigação, conhecer as relações entre pares no contexto escolar, nomeadamente, algumas questões acerca da violência ocorrida em ambiente escolar.

Sendo assim venho, por este meio, solicitar a V. Exa. autorização para a aplicação de uma entrevista, com gravação em áudio, junto do vosso educando. Desde já informo que a confidencialidade e a privacidade dos resultados obtidos serão asseguradas pelo anonimato da identificação dos alunos. A aplicação da entrevista será previamente agendada com os alunos por intermédio da Diretora de Turma, em horário que se considere adequado a todos os intervenientes.

Grata pela vossa compreensão e certa que esta solicitação merecerá por parte de V. Exa. toda a atenção, os meus melhores cumprimentos.

A investigadora,

Encarregado de Educação

Eu, _____, Encarregado de Educação do aluno/a _____, da turma _____ do _____º ano, da Escola _____, AUTORIZO/NÃO AUTORIZO (riscar o que não interessa) o(a) meu (minha) Educando(a) a participar no estudo de investigação acima descrito.

Assinatura do Encarregado de Educação _____

Funchal, _____ de _____ de 201____.



Consentimento Informado

Eu, Sandy Reis, aluna do 2º ano do Mestrado de Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, pretendo realizar, no âmbito da unidade curricular “Dissertação”, um trabalho de investigação junto de alguns alunos do 3º ciclo que frequentam a escola B+S Bispo D. Manuel Ferreira Cabral. Pretendo com esta investigação, conhecer as relações entre pares no contexto escolar, nomeadamente, algumas questões acerca da violência ocorrida em ambiente escolar.

Sendo assim venho, por este meio, solicitar a V. Exa. autorização para a aplicação de uma entrevista, com gravação em áudio, junto do vosso educando. Desde já informo que a confidencialidade e a privacidade dos resultados obtidos serão asseguradas pelo anonimato da identificação dos alunos. A aplicação da entrevista será previamente agendada com os alunos por intermédio da Diretora de Turma, em horário que se considere adequado a todos os intervenientes.

Grata pela vossa compreensão e certa que esta solicitação merecerá por parte de V. Exa. toda a atenção, os meus melhores cumprimentos.

A investigadora,

Encarregado de Educação

Eu, _____, Encarregado de Educação do aluno/a _____, da turma ____ do ____º ano, da Escola _____, AUTORIZO/NÃO AUTORIZO (riscar o que não interessa) o(a) meu (minha) Educando(a) a participar no estudo de investigação acima descrito.

Assinatura do Encarregado de Educação

Santana, ____ de _____ de 201____.

Apêndice IV. Guião da entrevista

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Mestrado de Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social

Guião da Entrevista

No âmbito do mestrado de Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, curso lecionado na Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, será realizado um estudo qualitativo e comparativo, acerca das relações entre pares no contexto escolar, incidindo nomeadamente sobre algumas questões acerca da violência ocorrida em ambiente escolar. O presente estudo tem como objetivo geral de investigação, compreender se existem diferenças na violência/*bullying* entre pares no contexto escolar, entre uma escola do meio urbano (Funchal) e uma escola do meio rural (Santana), por parte dos agressores. Como objetivos específicos foram definidos: identificar os fatores predisponentes da violência/*bullying* entre pares no contexto escolar (ao nível individual, contexto escolar e contexto sociofamiliar); conhecer a violência/*bullying* utilizada entre pares em contexto escolar; identificar as diferenças entre os agressores da escola do meio rural e do meio urbano; e identificar as diferenças de género entre agressores da escola do meio urbano e do meio rural. Para o efeito será realizada uma entrevista, gravada em áudio, a quatro alunos de cada escola, dois do género feminino e dois do género masculino, resultando num número total de oito alunos, ao qual a autorização foi previamente solicitada e concebida pelos próprios, pelos encarregados de educação, pelas escolas e pela Direção Regional de Educação. A confidencialidade e a privacidade dos resultados obtidos será assegurada pelo anonimato, e os dados serão somente utilizados no âmbito da dissertação de mestrado. O estudo contribui para um conhecimento da dinâmica de funcionamento de alguns dos alunos identificados pelas escolas como agressores, resultando numa melhor atuação por parte dos profissionais, no sentido de atenuar as situações de violência/*bullying* nas escolas.

Dimensões	Indicadores	Objetivos
1) <u>Dimensão Individual</u>	• Género • Idade • Autoestima • Comportamentos de risco • Legitimação de conflitos	Conhecer o aluno a nível pessoal, englobando o género, a idade, a sua autoestima, os comportamentos de risco e a legitimação de conflitos.
2) <u>Contexto Escolar</u>	• Ano de escolaridade • Aproveitamento escolar • Popularidade • Respeito por figuras de autoridade • Acompanhamento escolar	Conhecer e compreender o percurso escolar do aluno e as relações com os seus colegas, bem como com docentes e funcionários.
3) <u>Contexto Sociofamiliar</u>	• Suporte familiar • Estatuto socioeconómico • Violência doméstica • Estilos parentais	Conhecer e compreender o ambiente familiar, bem como as relações entre os alunos e os seus familiares.
4) <u>Violência/Bullying</u>	• Tipos de violência/<i>bullying</i> • Frequência • Localização • Número de vítimas • Idade das vítimas • Influências	Obter informações do aluno, acerca dos tipos de violência/ <i>bullying</i> utilizados, bem como a frequência (qual o mais utilizado), a localização, a idade e o número de vítimas e as influências (está só ou acompanhado no ato de <i>bullying</i>).

Escola: _____

Dimensão Individual

- a) Género: F_____ M_____
- b) Que idade tens?
- c) De 1 a 5 quanto é que gostas de ti? _____
(1 – Nada; 2 – Pouco; 3 – Mais ou Menos; 4 – Muito; 5 – Extremamente/Muitíssimo)
 - a. Enquanto aluno/a? _____
 - b. Enquanto colega de escola? _____
 - c. Enquanto atleta/desportista? _____
 - d. Aparência física? _____
 - e. Enquanto namorado/a? _____
 - f. Como te comportas? _____
 - g. Enquanto amigo/a? _____
 - h. Enquanto filho/a? _____
 - i. Enquanto irmão/irmã? _____
- d) Já consumiste álcool? Continuas a consumir? Com que periodicidade?
- e) Já consumiste tabaco ou drogas? Continuas a consumir? Com que periodicidade?
- f) Costumam existir alguns conflitos entre ti e outros colegas? Quais? Porquê?
- g) Quem é que normalmente inicia os conflitos?

- h) Gostas de provocar outras pessoas? Se sim, porquê?
 - a. Achas divertido?
 - b. Gostas que os teus colegas pensem que és o mais “duro” da escola?
 - c. Gostas de te vingar?
 - d. Gostas de te exhibir?
 - e. Faz-te sentir mais forte e importante?
 - f. Ocorre quando te sentes triste, frustrado, zangado ou assustado?
 - g. Outros: _____

Contexto Escolar

- a) Qual o teu ano de escolaridade?
- b) Houve alguma interrupção no teu percurso escolar? Se sim, porquê?
- c) Reprovaste algum ano? Se sim, quantos?
- d) A escola é difícil para ti? Porquê?
- e) Gostas de vir à escola?
- f) Como te sentes na escola?
- g) Tens dificuldades escolares? Quais e porquê?
- h) Já tiveste algum problema na escola? Se sim, queres falar sobre algum?
- i) Tens muitos amigos na escola?
- j) Simpatizas com os professores e funcionários ou existem alguns problemas entre vocês? Se existem problemas, quais?
- k) Quem acompanha o teu percurso escolar e como?

Contexto Sociofamiliar

- a) Com quem vives?
 - a. Família de origem
 - i. Bi-parental
 - ii. Materna
 - iii. Paterna
 - b. Família reconstituída
 - c. Instituição
 - d. Outra: _____
- b) Que tipo de relação tens com os teus pais/educadores?
- c) Costumas falar com os teus pais/educadores dos problemas escolares?
- d) Qual a escolaridade dos teus pais/educadores?
- e) Qual a profissão dos teus pais/educadores?
- f) Eles costumam discutir? Entre eles ou contigo?
- g) Existem situações de violência na tua casa? Que tipo? Entre quem?
- h) Consideras os teus pais controladores, liberais ou justos (assertivos)? Porquê?
- i) Costumas ser castigado? Se sim, como?
- j) Costumas ser premiado quando te comportas bem? Se sim, como?

Violência/Bullying

- a) Já bateste em algum colega? De que forma? Usaste algum objeto?
- b) Já estragaste algum objeto de algum colega? Porquê?
- c) Já chamaste nomes, gozaste ou insultaste algum colega? De que forma?
- d) Já ameaçaste algum colega? De que forma?
- e) Já chantageaste algum colega? De que forma?
- f) Já obrigaste algum colega a fazer algo que não queria? O quê?
- g) Já ignoraste ou excluístes alguém do teu grupo de amigos? Porquê?
- h) Já inventaste histórias que envolvem algum colega e contaste a outras pessoas?
- i) Já alguma vez quiseste estar de modo romântico com algum/a colega e ele/a disse que não e tu insististe? Se sim, como?
- j) Já gozaste de algum colega por gostar de pessoas do mesmo sexo?
- k) Com que regularidade tens estes comportamentos? Qual mais utilizas e porquê?
- l) Onde ocorrem estas situações?
- m) Fazes a uma pessoa ou mais pessoas?
- n) Eles são mais velhos ou mais novos que tu?
- o) Quando exerces algum tipo de violência sobre os outros estás só ou acompanhado?

Bibliografia:

Beane, A. L. (2006). *A sala de aula sem bullying*. Porto: Porto Editora.

Apêndice V. Calendarização das entrevistas

Escola	Alunos	Datas		Horário escolar	
		4 de fevereiro de 2015	19 de fevereiro de 2015	Turno da manhã	Turno da tarde
Urbana	UF1	X			X
	UF2	X			X
	UM1	X			X
	UM2	X			X
Rural	RF1		X	X	
	RF2		X	X	
	RM1		X	X	
	RM2		X	X	

Legenda:

UF1 – escola urbana género feminino, aluno 1

UF2 – escola urbana género feminino, aluno 2

UM1 – escola urbana género masculino, aluno 1

UM2 – escola urbana género masculino, aluno 2

RF1 – escola rural género feminino, aluno 1

RF2 – escola rural género feminino, aluno 2

RM1 – escola rural género masculino, aluno 1

RM2 – escola rural género masculino, aluno 2

X – data e hora em que foram realizadas as entrevistas

Apêndice VI. Grelha de análise de conteúdo das entrevistas

Entrevistas: escola rural e escola urbana

UM1 (urbano, masculino 1) UM2 (urbano, masculino 2) UF1 (urbano, feminino 1) UF2 (urbano, feminino 2)

RM1 (rural, masculino 1) RM2 (rural, masculino 2) RF1 (rural, feminino 1) RF2 (rural, feminino 2)

Dimensões	Indicadores		Respostas							
<u>Dimensão Individual</u>	Sujeitos		RM1	RM2	RF1	RF2	UM1	UM2	UF1	UF2
	Gênero		Masculino	Masculino	Feminino	Feminino	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino
	Idade		14	15	14	15	12	13	16	19
	Autoestima (Classificação de 1 a 5: 1-nada, 2-pouco, 3-mais ou menos, 4-muito, 5-muitíssimo)	Quanto gosta de si	3	5	5	5	4	5	4	5
		Enquanto aluno	2	3	5	3	3	4	3	3
		Enquanto colega de escola	5	3	4	4	4	5	3	5
		Enquanto atleta ou desportista	5	4	1	5	4	4	2	5
		Na aparência física	4	5	3	4	3	4	3	3
		Enquanto namorado	3	4	1	5	2	3	4	5
		Em relação ao comportamento	2	4	5	3	1	3	3	3
		Enquanto amigo	5	4	4	4	4	5	4	5
		Enquanto filho	4	5	5	3	2	3	5	3
		Enquanto irmão	5	-----	5	4	3	3	3	3

<u>Dimensão Individual</u>	Comportamentos de risco		RM1	RM2	RF1	RF2	UM1	UM2	UF1	UF2
		Consumo álcool	Em festas	Em festas	Não	Experimentou	Não	Não	Não	Em festas
		Consumo tabaco	Sim	Sim	Não	Experimentou	Experimentou	Não	Não	Experimentou
		Consumo droga	Experimentou	Experimentou	Não	Não	Não	Não	Não	Não
	Legitimação de conflitos	Conflitos entre aluno e colegas	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
		Razões	-----	Chamam nomes	“Pegam” uns com os outros	Chamam nomes	Chamam nomes, agressões, mentiras	Problemas	Aluna exalta-se	Mentiras
		Quem inicia conflitos	-----	Colegas ou aluno	Colegas ou aluna	Colegas e 1 vez aluna	Colegas	Colegas ou aluno	Colegas ou aluna	Colegas ou aluna
		Gosta de provocar colegas	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
		Gosta de provocar colegas por ser divertido	Sim	Sim/Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
		Gosta que os colegas pensem que é superior, é o maior	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
		Gosta de se vingar	Sim/Não	Sim	Não	Depende	Sim	Depende	Sim	Sim
		Gosta de se mostrar	Não	Não	Sim	Não	Não	Sim	Não	Não
		Faz sentir mais forte e importante	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
		Ocorre quando está zangado, triste ou assustado	Não	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não

Contexto escolar			RM1	RM2	RF1	RF2	UM1	UM2	UF1	UF2
	Ano de escolaridade		7º	7º	7º	7º	7º	7º	9º	9º
	Aproveitamento escolar	Reprovações	2 anos	2 anos	2 anos	3 anos	Não	1 ano	1 ano	4 anos
		Considera escola difícil	Não – escola Sim - disciplinas	Sim	Não	Sim - disciplinas	Não	Sim - disciplinas	Não – escola Sim - disciplinas	Sim
		Gosta de ir à escola	Mais ou menos	Sim – escola Não – aulas	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
		Como se sente na escola	Feliz com colegas	Mais ou menos	Bem	Confortável	Bem com colegas aborrecido na sala	Normal	Esquece problemas	Bem
		Dificuldades escolares	Francês e matemática	Todas disciplinas	Matemática português e inglês	Matemática e inglês	Inglês e francês	Inglês e francês	Inglês, história e francês	Matemática
		Já teve algum problema na escola	Sim - participações	Sim - participações	Não	Sim – consumo álcool	Não	Não	Sim – conflitos/agressões com colega	Sim – problemas com amigos
	Popularidade	Tem muitos amigos na escola	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
	Respeito por figuras de autoridade	Simpatiza com professores e funcionários ou existem problemas	Problemas com professor	Problemas com professor	Não existem problemas	Não existem problemas	Problemas com alguns professores	Não existem problemas	Problemas com funcionárias	Problemas com funcionárias
	Acompanhamento escolar	Quem acompanha o percurso escolar	Mãe	Mãe	Pai	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe	Irmã

			RM1	RM2	RF1	RF2	UM1	UM2	UF1	UF2
Contexto Sociofamiliar	Suporte familiar	Com quem vive	Família de origem materna	Família de origem bi-parental	Família de origem bi-parental	Família reconstituída materna	Família de origem bi-parental	Família de origem bi-parental	Família de origem bi-parental	Família reconstituída materna
		Relação com os pais	Boa	Boa	Boa	Mais ou menos com mãe	Mais ou menos	Boa	Boa	Boa
		Fala com os pais sobre problemas escolares	Sim	Sim	Não	Às vezes	Não	Sim	Sim	Sim
	Estatuto socioeconómico	Escolaridade dos pais	Mãe: 4º ano Pai: 6º ano	Mãe: 10º ano Pai: 4º ou o 3º ano	Mãe: 4º ano Pai: 5º ano	Mãe: 7º ano Padrasto: 9º ano	Mãe: 12º ano Pai: 4º ano	Mãe: 9º ano Pai: 9º ano	Mãe: 4º ano Pai: 8º ano	Mãe: 4º ano Padrasto: 4º ano
		Profissão dos pais	Mãe: desempregada Pai: dono de um take-away	Mãe: cozinheira Pai: cozinheiro	Mãe: agricultora Pai: agricultor	Mãe: empregada de mesa Padrasto: pintor	Mãe: ajudante de cozinha Pai: manobrador de máquinas	Mãe: auxiliar de idosos Pai: Chefe da NOS Madeira	Mãe: caixeira Pai: eletricista	Mãe: desempregada Pai: trabalha no lixo
	Violência doméstica	Pais discutem entre eles ou com o aluno	Não	Entre pais: Às vezes	Não	Às vezes	Sim	Com aluno: Sim	Com aluna: Às vezes	Com aluna: Às vezes
		Existem situações de violência	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Sim	Não
	Estilos parentais	Pais são controladores, liberais, justos	Justos	Justos	Justos	Justos	Controladores	Justos	Justos	Justos
		Costuma ser castigado	Sim	Não	Não	Não aplicável	Sim	Sim	Sim	Sim
		Costuma ser premiado	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim

			RM1	RM2	RF1	RF2	UM1	UM2	UF1	UF2
<i>Bullying</i>	<i>Bullying físico</i>	Bateu em algum colega	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
		Estragou um objeto de algum colega	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não
	<i>Bullying verbal</i>	Chamou nomes, gozou, insultou algum colega	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
		Ameaçou algum colega	Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim
	<i>Bullying psicológico</i>	Chantageou algum colega	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não
		Obrigou algum colega a fazer algo que não queria	Sim	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não
	<i>Bullying relacional</i>	Excluiu ou ignorou alguém do grupo de amigos	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim
		Inventou histórias sobre algum colega e contou a outros	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não	Não
	<i>Bullying sexual</i>	Quis estar de forma romântica com algum colega e esse colega não quis e o aluno insistiu	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não

			RM1	RM2	RF1	RF2	UM1	UM2	UF1	UF2
<u>Bullying</u>	Bullying sexual	Gozou com colega por gostar de pessoas do mesmo sexo	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim
	Frequência	Comportamento mais utilizado	<i>Bullying</i> verbal	<i>Bullying</i> verbal	Na escola: Não sabe Em casa: <i>Bullying</i> físico	<i>Bullying</i> físico	<i>Bullying</i> físico	<i>Bullying</i> verbal	<i>Bullying</i> verbal	<i>Bullying</i> verbal
	Localização	Local	Na sala	Na sala	Na sala	No pátio	No pátio	Em toda a escola	No pátio	Na sala e no pátio
	Número de vítimas	A uma ou mais pessoas, se repete	Só a uma	Só a uma	Depende, mas mais é a mesma	Só a uma	“Depende se as outras pessoas se meterem também”	Depende às vezes à mesma e às vezes a outras	Depende, mas mais é à mesma	Só a uma
	Idade das vítimas	Mais velhas ou mais novas que agressor	Da mesma idade	Mais nova	Da mesma idade	Mais nova	Mais velhos	Mais velhas e mais novas	Mais velha e da mesma idade	Mais nova
	Influências	Está só ou acompanhado	Só e acompanhado	Acompanhado	Acompanhada	Acompanhada	Só	Só e acompanhado	Só e acompanhada	Acompanhada

Apêndice VII. Diferença entre os agressores do meio rural e do urbano

Dimensões	Indicadores	Agressores - Escola meio rural	Agressores - Escola meio urbano
Dimensão individual	Idades	14, 14, 15 e 15	12, 13, 16, 19
	Média autoestima	3,9	3,6
	Comportamentos de risco	2 consomem álcool e tabaco e 1 experimentou; 2 experimentaram droga	1 consome álcool e 2 experimentaram tabaco
	Legitimação de conflitos	3 têm conflitos com colegas; 3 quem inicia o aluno ou colegas; 1 gosta provocar; 2 consideram divertido; 3 gostam de se vingar; 1 gosta de se mostrar; 1 ocorre quando está triste ou zangado	4 têm conflitos com colegas; 3 quem inicia o aluno ou colegas e 1 colegas; 3 gostam de provocar; 1 gosta que pensem que é superior; 4 gostam de se vingar; 1 gosta de se mostrar; 2 ocorre quando estão tristes ou zangados
Contexto escolar	Ano escolaridade	4 alunos - 7º ano	2 alunos - 7º ano; 2 alunos - 9º ano
	Aproveitamento escolar	Total 9 anos de reprovações; 1 considera a escola difícil e 2 as disciplinas; 4 gostam de ir à escola; 4 sentem-se confortáveis, bem, mais ou menos na escola, feliz por estar com amigos; 4 têm dificuldades escolares, 1 todas disciplinas, 1 matemática e francês, 1 matemática e inglês e 1 matemática e português; 3 já tiveram problemas na escola	Total 6 anos de reprovações; 1 considera a escola difícil e 2 as disciplinas; 3 gostam de ir à escola; 4 sentem-se bem na escola, com colegas, normal e esquecem problemas; 4 têm dificuldades escolares, 1 matemática, 2 francês e inglês e 1 francês, inglês e história; 2 já tiveram problemas na escola
	Popularidade	4 muitos amigos	4 muitos amigos

Dimensões	Indicadores	Agressores - Escola meio rural	Agressores - Escola meio urbano
Contexto escolar	Respeito figuras autoridade	2 têm problemas com professor	1 tem problemas com professores e 2 com funcionárias
	Acompanhamento escolar	3 a mãe e 1 o pai	3 a mãe e 1 a irmã
Contexto sociofamiliar	Suporte familiar	1 família de origem materna, 2 bi-parental e 1 reconstituída materna; 4 relação boa/mais ou menos com os pais; 3 falam dos problemas escolares com pais	3 família de origem bi-parental e 1 reconstituída materna; 4 relação boa/mais ou menos com os pais; 3 falam dos problemas escolares com pais
	Estatuto socioeconómico	Escolaridade pais (M= 6,06); 1 desempregada, 7 com trabalho	Escolaridade pais (M= 6,75); 1 desempregada e 7 com trabalho
	Violência doméstica	2 pais discutem entre eles; 1 pais discutem com aluno; 1 existe violência	1 pais discutem entre eles; 4 pais discutem com aluno; 1 existe violência
	Estilos parentais	4 pais justos; 1 castigado e 2 premiados	3 pais justos e 1 controladores; 4 castigados e 4 premiados
<i>Bullying</i>	<i>Bullying</i> físico	3 bateram; 3 estragaram objetos de colega	4 bateram
	<i>Bullying</i> verbal	3 chamaram nomes, gozaram, insultaram colega; 2 ameaçaram colega	4 chamaram nomes, gozaram, insultaram colega; 1 ameaçou colega
	<i>Bullying</i> psicológico	1 chantageou colega; 2 obrigaram colega a fazer algo que não queria	-----
	<i>Bullying</i> relacional	1 inventou histórias sobre colega e contou a outros	2 excluíram/ignoraram alguém do grupo de amigos; 1 inventou histórias sobre colega e contou a outros

Dimensões	Indicadores	Agressores - Escola meio rural	Agressores - Escola meio urbano
<i>Bullying</i>	<i>Bullying</i> sexual	1 gozou colega por gostar de pessoas do mesmo sexo	2 gozaram colega por gostar de pessoas do mesmo sexo
	Frequência	1 mais utilizado <i>bullying</i> físico; 2 mais utilizado <i>bullying</i> verbal	1 mais utilizado <i>bullying</i> físico; 3 mais utilizado <i>bullying</i> verbal
	Localização	3 sala e 1 pátio	1 toda a escola, 1 sala e pátio e 2 pátio
	Número de vítimas	4 mais à mesma	2 mais à mesma, 2 depende
	Idade vítimas	2 da mesma idade, 2 mais nova	1 mais velha, 1 mais nova, 1 mais velha e mais nova e 1 da mesma idade e mais velha
	Influências	1 só ou acompanhado e 3 acompanhados	1 só, 1 acompanhado e 2 só ou acompanhados

Apêndice VIII. Diferenças entre rapazes e raparigas da escola rural

Dimensões	Indicadores	Rapazes - escola rural	Raparigas - escola rural
Dimensão individual	Idade	14 e 15	14 e 15
	Média autoestima	3,95	3,9
	Comportamentos de risco	2 consomem álcool, tabaco e experimentaram droga	1 experimentou álcool e tabaco
	Legitimação de conflitos	1 tem conflitos com colegas; quem inicia repartido; 1 gosta provocar; 2 consideram divertido e gostam de se vingar; 1 ocorre quando está zangado	2 têm conflitos com colegas; quem inicia repartido; 1 gosta de se vingar; 1 gosta de se mostrar
Contexto escolar	Ano escolaridade	7º ano	7º ano
	Aproveitamento escolar	Total 4 anos de reprovações; os 2 consideram a escola difícil, gostam de ir à escola e não às aulas, sentem-se mais ou menos na escola, bem por estar com amigos, têm dificuldades escolares, 1 todas disciplinas, 1 matemática e francês; 2 já tiveram problemas na escola	Total 5 anos de reprovações; os 2 consideram que a escola não é difícil, difíceis são as disciplinas, gostam de ir à escola, sentem-se bem na escola, têm dificuldades escolares, 1 matemática e inglês, 1 matemática e português; 1 já teve problemas na escola
	Popularidade	2 muitos amigos	2 muitos amigos
	Respeito figuras autoridade	2 têm problemas com professor	2 sim (não há problemas)
	Acompanhamento escolar	2 é a mãe	1 é a mãe e 1 é o pai
Contexto sociofamiliar	Suporte familiar	1 família de origem materna e 1 bi-parental; 2 relação boa com os pais	1 família de origem bi-parental e 1 reconstituída materna; 2 relação boa com os pais

Dimensões	Indicadores	Rapazes - escola rural	Raparigas - escola rural
Contexto sociofamiliar	Suporte familiar	2 falam dos problemas escolares com pais	1 fala dos problemas escolares com pais
	Estatuto socioeconómico	Escolaridade pais (M= 5,875); 1 desempregada, resto com trabalho	Escolaridade pais (M= 6,25); todos trabalham
	Violência doméstica	1 pais discutem entre eles	1 pais discutem com aluna e entre eles e 1 existe violência
	Estilos parentais	2 pais justos; 1 castigado e 2 premiados	2 pais justos; 1 castigada
<i>Bullying</i>	<i>Bullying</i> físico	1 bateu; 2 estragaram objetos de colega	2 bateram; 1 estragou objeto de colega
	<i>Bullying</i> verbal	2 chamaram nomes, gozaram, insultaram colega; 1 ameaçou colega	1 chamou nomes, gozou, insultou colega; 1 ameaçou colega
	<i>Bullying</i> psicológico	2 obrigaram colega a fazer algo que não queria	1 chantageou colega
	<i>Bullying</i> relacional	1 inventou histórias sobre colega e contou a outros	-----
	<i>Bullying</i> sexual	1 gozou colega por gostar de pessoas do mesmo sexo	-----
	Frequência	2 mais utilizado <i>bullying</i> verbal	2 mais utilizado <i>bullying</i> físico
	Localização	2 sala	1 sala e 1 pátio
	Número de vítimas	2 sempre a mesma	2 sempre a mesma
	Idade vítimas	1 da mesma idade, 1 mais nova	1 da mesma idade, 1 mais nova
	Influências	1 só ou acompanhado e 1 acompanhado	2 acompanhadas

Apêndice IX. Diferenças entre rapazes e raparigas da escola urbana

Dimensões	Indicadores	Rapazes - escola urbana	Raparigas - escola urbana
Dimensão individual	Idade	12 e 13	16 e 19
	Média autoestima	3,45	3,70
	Comportamentos de risco	1 experimentou tabaco	1 consome álcool, 1 experimentou tabaco
	Legitimação de conflitos	2 têm conflitos com colegas; 1 quem inicia é o aluno ou colegas, 1 os colegas; 1 gosta provocar; 1 gosta que pensem que é superior; 2 gostam de se vingar; 1 gosta de se mostrar; 2 ocorre quando está zangado, triste	2 têm conflitos com colegas; 2 quem inicia é o aluno ou colegas; 2 gostam provocar; 2 gostam de se vingar
Contexto escolar	Ano escolaridade	7º ano	9º ano
	Aproveitamento escolar	Total 1 ano de reprovação; 1 considera as disciplinas difíceis; 1 gosta de ir à escola; 1 sente-se normal na escola e 1 bem por estar com amigos; têm dificuldades escolares, 2 inglês e francês	Total 5 anos de reprovações; 2 consideram difícil a escola e as disciplinas; 2 gostam de ir à escola; 1 sentem-se bem na escola e 1 esquece os problemas; têm dificuldades escolares, 1 matemática e 1 inglês, história e francês; 2 já tiveram problemas na escola
	Popularidade	2 muitos amigos	2 muitos amigos
	Respeito figuras autoridade	1 tem problemas com professores	2 têm problemas com funcionárias
	Acompanhamento escolar	2 é a mãe	1 é a mãe e 1 é a irmã
Contexto sociofamiliar	Suporte familiar	2 família de origem bi-parental	1 família de origem bi-parental e 1 reconstituída materna

Dimensões	Indicadores	Rapazes - escola urbana	Raparigas - escola urbana
Contexto sociofamiliar	Suporte familiar	1 relação boa com os pais e 1 mais ou menos; 1 fala dos problemas escolares com pais	1 reconstituída materna; 2 relação boa com os pais; 2 falam dos problemas escolares com pais
	Estatuto socioeconómico	Escolaridade pais (M= 8,5); todos com trabalho	Escolaridade pais (M= 5); 1 desempregada, resto com trabalho
	Violência doméstica	1 pais discutem entre eles e 2 com aluno	2 pais discutem com aluna; 1 violência doméstica
	Estilos parentais	1 pais justos e 1 controladores; 2 castigados e 2 premiados	2 pais justos; 2 castigadas e 2 premiadas
<i>Bullying</i>	<i>Bullying</i> físico	2 bateram	2 bateram
	<i>Bullying</i> verbal	2 chamaram nomes, gozaram, insultaram colega	2 chamaram nomes, gozaram, insultaram colega; 1 ameaçou colega
	<i>Bullying</i> relacional	1 inventou histórias sobre colega e contou a outros	2 excluíram alguém do grupo de amigos
	<i>Bullying</i> sexual	-----	1 gozou colega por gostar de pessoas do mesmo sexo
	Frequência	1 mais utilizado <i>bullying</i> verbal e 1 <i>bullying</i> físico	2 mais utilizado <i>bullying</i> verbal
	Localização	1 pátio e 1 toda a escola	1 sala e pátio e 1 pátio
	Número de vítimas	2 às vezes mesma às vezes outras	2 mais à mesma
	Idade vítimas	1 mais velha e 1 mais nova e mais velha	1 da mesma idade e mais velha e 1 mais nova
	Influências	1 só e 1 só ou acompanhado	1 só ou acompanhada e 1 acompanhada

Apêndice X. Diferenças entre rapazes da escola rural e da escola urbana

Dimensões	Indicadores	Rapazes - escola rural	Rapazes - escola urbana
Dimensão individual	Idade	14 e 15	12 e 13
	Média autoestima	3,95	3,45
	Comportamentos de risco	2 consomem álcool, tabaco e experimentaram droga	1 experimentou tabaco
	Legitimação de conflitos	1 tem conflitos com colegas, quem inicia é o aluno ou colegas; 1 gosta provocar; 2 consideram divertido e gostam de se vingar; 1 ocorre quando está zangado	2 têm conflitos com colegas; 1 quem inicia é o aluno ou colegas, 1 os colegas; 1 gosta provocar; 1 gosta que pensem que é superior; 2 gostam de se vingar; 1 gosta de se mostrar; 2 ocorre quando está zangado, triste
Contexto escolar	Ano escolaridade	7º ano	7º ano
	Aproveitamento escolar	Total 4 anos de reprovações; os 2 consideram a escola difícil, gostam de ir à escola e não às aulas, sentem-se mais ou menos na escola, bem por estar com amigos, têm dificuldades escolares, 1 todas disciplinas, 1 matemática e francês; 2 já tiveram problemas na escola	Total 1 ano de reprovação; 1 considera as disciplinas difíceis; 1 gosta de ir à escola; 1 sente-se normal na escola e 1 bem por estar com amigos; têm dificuldades escolares, 2 inglês e francês
	Popularidade	2 muitos amigos	2 muitos amigos
	Respeito figuras autoridade	2 têm problemas com professor	1 tem problemas com professores
	Acompanhamento escolar	2 é a mãe	2 é a mãe

Dimensões	Indicadores	Rapazes - escola rural	Rapazes - escola urbana
Contexto sociofamiliar	Suporte familiar	1 família de origem materna e 1 bi-parental; 2 relação boa com os pais e falam dos problemas escolares com pais	2 família de origem bi-parental; 1 relação boa com os pais e 1 mais ou menos; 1 fala dos problemas escolares com pais
	Estatuto socioeconómico	Escolaridade pais (M= 5,875); 1 desempregada, resto com trabalho	Escolaridade pais (M= 8,5); todos com trabalho
	Violência doméstica	1 pais discutem entre eles	1 pais discutem entre eles e 2 com aluno
	Estilos parentais	2 pais justos; 1 castigado e 2 premiados	1 pais justos e 1 controladores; 2 castigados e 2 premiados
<i>Bullying</i>	<i>Bullying</i> físico	1 bateu; 2 estragaram objetos de colega	2 bateram
	<i>Bullying</i> verbal	2 chamaram nomes, gozaram, insultaram colega; 1 ameaçou colega	2 chamaram nomes, gozaram, insultaram colega
	<i>Bullying</i> psicológico	2 obrigaram colega a fazer algo que não queria	-----
	<i>Bullying</i> relacional	1 inventou histórias sobre colega e contou a outros	1 inventou histórias sobre colega e contou a outros
	<i>Bullying</i> sexual	1 gozou colega por gostar de pessoas do mesmo sexo	-----
	Frequência	2 mais utilizado <i>bullying</i> verbal	1 mais utilizado <i>bullying</i> verbal e 1 <i>bullying</i> físico
	Localização	2 sala	1 pátio e 1 toda a escola
	Número de vítimas	2 sempre a mesma	2 às vezes a mesma às vezes a outras
	Idade vítimas	1 da mesma idade, 1 mais nova	1 mais velha, 1 mais velha e mais nova
	Influências	1 só ou acompanhado e 1 acompanhado	1 só e 1 só ou acompanhado

Apêndice XI. Diferenças entre raparigas da escola rural e da escola urbana

Dimensões	Indicadores	Raparigas - escola rural	Raparigas - escola urbana
Dimensão individual	Idade	14 e 15	16 e 19
	Média autoestima	3,9	3,7
	Comportamentos de risco	1 experimentou álcool e tabaco	1 consome álcool, 1 experimentou tabaco
	Legitimação de conflitos	2 têm conflitos com colegas; 2 quem inicia é o aluno ou colegas; 1 gosta de se vingar; 1 gosta de se mostrar	2 têm conflitos com colegas; 2 quem inicia é o aluno ou colegas; 2 gostam de provocar; 2 gostam de se vingar
Contexto escolar	Ano escolaridade	7º ano	9º ano
	Aproveitamento escolar	Toral 5 anos de reprovações; os 2 consideram que a escola não é difícil, difíceis são as disciplinas, gostam de ir à escola, sentem-se bem na escola, têm dificuldades escolares, 1 matemática, português e inglês, 1 matemática e inglês; 1 já teve problemas na escola	Toral 5 anos de reprovações; 2 consideram difícil a escola e as disciplinas; 2 gostam de ir à escola; 1 sente-se bem na escola e 1 esquece os problemas; têm dificuldades escolares, 1 matemática e 1 inglês, história e francês; 2 já tiveram problemas na escola
	Popularidade	2 muitos amigos	2 muitos amigos
	Respeito figuras autoridade	2 sim (não há problemas)	2 têm problemas com funcionárias
	Acompanhamento escolar	1 é a mãe e 1 é o pai	1 é a mãe e 1 é a irmã
Contexto sociofamiliar	Suporte familiar	1 família de origem bi-parental e 1 reconstituída materna; 2 relação boa com os pais; 1 fala dos problemas escolares com pais	1 família de origem bi-parental e 1 reconstituída materna; 2 relação boa com os pais; 2 falam dos problemas escolares com pais

Dimensões	Indicadores	Raparigas - escola rural	Raparigas - escola urbana
Contexto sociofamiliar	Estatuto socioeconómico	Escolaridade pais (M= 6,25); todos trabalham	Escolaridade pais (M= 5); 1 desempregada, resto com trabalho
	Violência doméstica	1 pais discutem com aluna e entre eles; 1 existe violência	2 pais discutem com aluna; 1 violência doméstica
	Estilos parentais	2 pais justos; 1 castigada	2 pais justos; 2 castigadas e 2 premiadas
<i>Bullying</i>	<i>Bullying</i> físico	2 bateram; 1 estragou objeto de colega	2 bateram
	<i>Bullying</i> verbal	1 chamou nomes, gozou, insultou colega; 1 ameaçou colega	2 chamaram nomes, gozaram, insultaram colega; 1 ameaçou colega
	<i>Bullying</i> psicológico	1 chantageou colega	-----
	<i>Bullying</i> relacional	-----	2 excluíram alguém do grupo de amigos
	<i>Bullying</i> sexual	-----	1 gozou colega por gostar de pessoas do mesmo sexo
	Frequência	2 mais utilizado <i>bullying</i> físico	2 mais utilizado <i>bullying</i> verbal
	Localização	1 sala e 1 pátio	1 sala e pátio e 1 pátio
	Número de vítimas	2 sempre a mesma	2 mais à mesma
	Idade vítimas	1 da mesma idade, 1 mais nova	1 da mesma idade e mais velha, 1 mais nova
	Influências	2 acompanhadas	1 só ou acompanhada, 1 acompanhada

Apêndice XII. Diferenças entre rapazes da escola rural e raparigas da escola urbana

Dimensões	Indicadores	Rapazes - escola rural	Raparigas - escola urbana
Dimensão individual	Idade	14 e 15	16 e 19
	Média autoestima	3,95	3,7
	Comportamentos de risco	2 consomem álcool, tabaco e experimentaram droga	1 consome álcool, 1 experimentou tabaco
	Legitimação de conflitos	1 tem conflitos com colegas, quem inicia é o aluno ou colegas; 1 gosta provocar; 2 consideram divertido e gostam de se vingar; 1 ocorre quando está zangado	2 têm conflitos com colegas, quem inicia é o aluno ou colegas; 2 gostam provocar; 2 gostam de se vingar
Contexto escolar	Ano escolaridade	7º ano	9º ano
	Aproveitamento escolar	Total 4 anos de reprovações; os 2 consideram a escola difícil, gostam de ir à escola e não às aulas, sentem-se mais ou menos na escola, bem por estar com amigos, têm dificuldades escolares, 1 todas disciplinas, 1 matemática e francês; 2 já tiveram problemas na escola	Total 5 anos de reprovações; 2 consideram difícil a escola e as disciplinas; 2 gostam de ir à escola; 1 sente-se bem na escola e 1 esquece os problemas; 2 têm dificuldades escolares, 1 matemática, 1 inglês, história e francês; 2 já tiveram problemas na escola
	Popularidade	2 muitos amigos	2 muitos amigos
	Respeito figuras autoridade	2 têm problemas com professor	2 têm problemas com funcionárias
	Acompanhamento escolar	2 é a mãe	1 é a mãe e 1 é a irmã

Dimensões	Indicadores	Rapazes - escola rural	Raparigas - escola urbana
Contexto sociofamiliar	Suporte familiar	1 família de origem materna e 1 bi-parental	1 família de origem bi-parental e 1 reconstituída materna
	Estatuto socioeconómico	Escolaridade pais (M= 5,875); 1 desempregada, resto com trabalho	Escolaridade pais (M= 5); 1 desempregada, resto com trabalho
	Violência doméstica	1 pais discutem entre eles	2 pais discutem com aluna; 1 violência doméstica
	Estilos parentais	2 pais justos; 1 castigado e 2 premiados	2 pais justos; 2 castigadas e 2 premiadas
<i>Bullying</i>	<i>Bullying</i> físico	1 bateu; 2 estragaram objetos de colega	2 bateram
	<i>Bullying</i> verbal	2 chamaram nomes, gozaram, insultaram colega; 1 ameaçou colega	2 chamaram nomes, gozaram, insultaram colega; 1 ameaçou colega
	<i>Bullying</i> psicológico	2 obrigaram colega a fazer algo que não queria	-----
	<i>Bullying</i> relacional	1 inventou histórias sobre colega e contou a outros	2 excluíram alguém do grupo de amigos
	<i>Bullying</i> sexual	1 gozou colega por gostar de pessoas do mesmo sexo	1 gozou colega por gostar de pessoas do mesmo sexo
	Frequência	2 mais utilizado <i>bullying</i> verbal	2 mais utilizado <i>bullying</i> verbal
	Localização	2 sala	1 sala e pátio e 1 pátio
	Número de vítimas	2 sempre a mesma	2 mais à mesma
	Idade vítimas	1 da mesma idade, 1 mais nova	1 da mesma idade e mais velha, 1 mais nova
	Influências	1 só ou acompanhado, 1 acompanhado	1 só ou acompanhada, 1 acompanhada

Apêndice XIII. Diferenças entre raparigas da escola rural e rapazes da escola urbana

Dimensões	Indicadores	Raparigas - escola rural	Rapazes - escola urbana
Dimensão individual	Idade	14 e 15	12 e 13
	Média autoestima	3,9	3,45
	Comportamentos de risco	1 experimentou álcool e tabaco	1 experimentou tabaco
	Legitimação de conflitos	2 têm conflitos com colegas; 2 quem inicia é o aluno ou colegas; 1 gosta de se vingar; 1 gosta de se mostrar	2 têm conflitos com colegas; 1 quem inicia é o aluno ou colegas, 1 colegas; 1 gosta provocar; 1 gosta que pensem que é superior; 2 gostam de se vingar; 1 gosta de se mostrar; 2 ocorre quando está zangado, triste
Contexto escolar	Ano escolaridade	7º ano	7º ano
	Aproveitamento escolar	Toral 5 anos de reprovações; 1 considera difíceis as disciplinas; 2 gostam de ir à escola, sentem-se bem na escola, têm dificuldades escolares, 1 matemática e inglês, 1 português, matemática e inglês; 1 já teve problemas na escola	Total 1 ano de reprovação; 1 considera as disciplinas difíceis; 1 gosta de ir à escola; 1 sente-se normal na escola e 1 bem por estar com amigos; 2 têm dificuldades escolares, 2 inglês e francês
	Popularidade	2 muitos amigos	2 muitos amigos
	Respeito figuras autoridade	2 sim (não há problemas)	1 tem problemas com professores
	Acompanhamento escolar	1 é a mãe e 1 é o pai	2 é a mãe

Dimensões	Indicadores	Raparigas - escola rural	Rapazes - escola urbana
Contexto sociofamiliar	Suporte familiar	1 família de origem bi-parental e 1 reconstituída materna; 2 relação boa com os pais; 1 fala dos problemas escolares com pais	2 família de origem bi-parental; 1 relação boa com os pais e 1 mais ou menos; 1 fala dos problemas escolares com pais
	Estatuto socioeconómico	Escolaridade pais (M= 6,25); todos trabalham	Escolaridade pais (M= 8,5); todos trabalham
	Violência doméstica	1 pais discutem com aluna e entre eles; 1 existe violência	1 pais discutem entre eles e 2 com aluno
	Estilos parentais	2 pais justos; 1 castigada	1 pais justos, 1 controladores; 2 castigados e 2 premiados
<i>Bullying</i>	<i>Bullying</i> físico	2 bateram; 1 estragou objeto de colega	2 bateram
	<i>Bullying</i> verbal	1 chamou nomes, gozou, insultou colega; 1 ameaçou colega	2 chamaram nomes, gozaram, insultaram colega
	<i>Bullying</i> psicológico	1 chantageou colega	-----
	<i>Bullying</i> relacional	-----	1 inventou histórias sobre colega e contou a outros
	Frequência	2 mais utilizado <i>bullying</i> físico	1 mais utilizado <i>bullying</i> verbal; 1 <i>bullying</i> físico
	Localização	1 sala, 1 pátio	1 sala, 1 toda a escola
	Número de vítimas	2 sempre a mesma	2 às vezes a mesma às vezes outras
	Idade vítimas	1 da mesma idade, 1 mais nova	1 mais velha, 1 mais velha e mais nova
	Influências	2 acompanhadas	1 só, 1 só ou acompanhado

Anexos

Anexo I. Autorização cedida pela Direção Regional de Educação para a realização da investigação



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA
GOVERNO REGIONAL
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E RECURSOS HUMANOS
DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO

Direção Regional de Educação
GGAD

EXCIDA	PROCESSO(S)	DATA
01/113	5.88.7.6	21-01-2015

Exma. Senhora
D. Sandy Pacheco dos Reis
Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias
Campo Grande, 376
1749-024 Lisboa

ASSUNTO: **Autorização para realização de um estudo de investigação**

Na sequência da vossa solicitação, e por despacho do Exmo. Senhor Diretor Regional de Educação, de 19/01/2015, informa-se V. Exa. que é autorizado a aplicação do estudo de investigação, na Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos dos Louros, no âmbito do mestrado de riscos e violência(s) nas sociedades atuais: Análise e Intervenção Social, promovido pela Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração da Universidade Lusófona de Lisboa, sob a condição do consentimento livre e informado dos encarregados de educação dos alunos e da anuência do órgão de gestão da escola.

Mais se informa V. Exa. que, para efeitos da concretização do estudo, deverá proceder à articulação com a Presidente do Conselho Executivo da escola.

Com os melhores cumprimentos,

O Diretor de Serviços de Investigação,
Formação e Inovação Educacional


(Bernardo Lage Valério)

Na sequência da vossa solicitação, e por despacho do Exmo. Senhor Diretor Regional de Educação, de 19/01/2015, informa-se V. Exa. que é autorizado a aplicação do estudo de investigação, na Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos dos Louros, no âmbito do mestrado de riscos e violência(s) nas sociedades atuais: Análise e Intervenção Social, promovido pela Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração da Universidade Lusófona de Lisboa, sob a condição do consentimento livre e informado dos encarregados de educação dos alunos e da anuência do órgão de gestão da escola.

BVMJM

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA GOVERNO REGIONAL SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E RECURSOS HUMANOS DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO		
Exma. Senhora D. Sandy Pacheco dos Reis Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Campo Grande, 376 1749-024 Lisboa		
C/C. EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral Direção Regional de Educação GGAD		
SATIN	PROCESSO(s)	DATA
07 231	5.686.00	24 02 2015
ASSUNTO: Autorização para realização de um estudo de investigação		
Na sequência da vossa solicitação, e por despacho do Exmo. Senhor Diretor Regional de Educação, de 19/01/2015, informa-se V. Exa. que é autorizada a aplicação do estudo de investigação, na Escola Básica e Secundária Bispo D. Manuel Ferreira Cabral, no âmbito do mestrado de riscos e violência(s) nas sociedades atuais: Análise e Intervenção Social, promovido pela Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração da Universidade Lusófona de Lisboa, sob a condição do consentimento livre e informado dos encarregados de educação dos alunos e da anuência do órgão de gestão da escola. Mais se informa V. Exa. que, para efeitos da concretização do estudo, deverá proceder à articulação com o Presidente do Conselho Executivo da escola. Com os melhores cumprimentos, O Diretor de Serviços de Investigação, Formação e Inovação Educacional <i>B. Valério</i> (Bernardo Lage Valério)		
BVMJM		
Rua D. João IV nº 97 - 9004-510 Funchal - Tel: 291 756 850 - Fax: 291 756 852 - Email: drc@madeira.gov.pt www.madeira.gov.pt		

Na resposta indicar a vossa referência. Em caso de o fazer, de um assuinto.